

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Cecília Elisa Kilpp

**O *TURNEN* E O ESPORTE NAS ASSOCIAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS DE
ESTRELA/RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre

Cecília Elisa Kilpp

**O *TURNEN* E O ESPORTE NAS ASSOCIAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS DE
ESTRELA/RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação de mestrado apresentada
como requisito para obtenção da
titulação de mestre em Ciências do
Movimento Humano.

Prof.^a Orientadora: Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

CATALOGAÇÃO NA FONTE

K48t Kilpp, Cecília Elisa

O *Tumen* e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela / Rio Grande do Sul. / Cecília Elisa Kilpp. - Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. 97 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Esporte: História. 2. Ginástica. 3. Clube. 4. Associação Esportiva
I. Título. II. Mazo, Janice Zarpellon, orientadora.

CDU: 796(091)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à professora orientadora, Dr.^a Janice Zarpellon Mazo, sem a qual não conseguiria realizar um trabalho acadêmico deste nível. Pelo apoio e confiança desde a graduação em Licenciatura em Educação Física, nas pesquisas e no Trabalho de Conclusão de Curso. Da mesma forma, também a agradeço pela dedicação e competência despendidas durante a orientação desta dissertação.

Aos professores e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/ESEF/UFRGS), de forma especial, aos funcionários da secretaria do PPGCMH, principalmente ao André Santos, que além da atenção e comprometimento, continua sendo um grande amigo: muito obrigado!

Agradeço ao Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya, que apresentou as bases científicas da metodologia da pesquisa e contribuiu de forma excelente na fase de qualificação do estudo com suas colocações.

Ao Prof. Dr. Leomar Tesche, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), que colaborou muito com sua experiência na pesquisa histórica da Educação Física e de comunidades alemãs, principalmente na etapa de qualificação da pesquisa com suas sugestões e seu parecer;

Ao Prof. Dr. Fabiano Bossle, que colaborou com este trabalho durante minha iniciação científica e com o aceite da avaliação do mesmo.

Em relação à bolsa de pesquisa concedida durante estes 24 meses de mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço imensamente, pois sem este auxílio não teria a oportunidade de dedicar-me aos estudos.

Considero a ajuda do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), grupo de pesquisa que me proporcionou uma aproximação com a pesquisa científica desde a graduação, além de deixar grandes amigos.

Obrigada também a equipe de colaboradores que permitiram o contato com as fontes nos acervos visitados: Memorial da Sociedade Ginástica Estrela, jornal “O Taquariense”, Grêmio Esportivo e Recreativo Canabarrense e Museu Henrique Uebel, em especial ao colaborador Roque Schwertner que disponibilizou os acervos do jornal “O Paladino” e do Estrela Futebol Clube.

Não posso deixar de agradecer e dedicar esta dissertação à minha família, especialmente ao meu marido, Fabiano Kerpen, pelo amor e colaboração; ao meu pai, Lismar Germano Kilpp, à minha mãe, Marise Liane Feine Kilpp, ao meu irmão, Guilherme Germano Kilpp, à minha cunhada, Lucilene Martini Kilpp, e ao meu sobrinho João Martini Kilpp, pela inspiração, carinho e força nos momentos mais importantes.

A todos, muito obrigada!

*“Imagine que não existem países, não é difícil de fazê-lo.
Nada pelo que matar ou morrer, tampouco religiões.
Imagine todos os povos vivendo em paz”
(JOHN LENNON).*

RESUMO

O município de Estrela sofreu profundas mudanças nos espaços de sociabilidade, em particular nas associações, onde ocorria a prática do *Turnen* e dos esportes, em decorrência dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como também em razão da instauração do Estado Novo (1937-1945) no Brasil. O fato de o país posicionar-se contrário à Alemanha no conflito mundial repercutiu em regiões brasileiras com expressiva presença de imigrantes alemães e seus descendentes. Este grupo social, a partir da Constituição de 1937, foi sendo forçado ao “abrasileiramento”, abnegando os costumes, a língua materna e as práticas culturais e esportivas especialmente nas associações. Diante deste contexto emergiu o seguinte problema de pesquisa: quais foram as mudanças no *Turnen* e no esporte nas associações teuto-brasileiras no município de Estrela perante as ações de abrasileiramento, no período do final da década de 1930 até meados da década de 1940. Em busca de uma compreensão sobre o processo de abrasileiramento no associativismo esportivo em Estrela, um município sul-rio-grandense distinguido pela identidade teuto-brasileira, realizou-se a análise de fontes documentais. Nas associações esportivas teuto-brasileiras, a mudança maior ocorreu com a aprovação do Decreto Lei nº 3.199 de 1941, quando foram obrigadas a se licenciarem frente ao controle monopolizador do Estado. Em um cenário de conflito identitário, entre a manutenção do germanismo e a consolidação da identidade nacional brasileira, algumas associações sofreram com depredações, saques, queima de acervos e cassação. Nessa conjuntura emerge uma reconfiguração da identidade etno-cultural dos teuto-brasileiros por meio da incorporação de esportes anglo-saxônicos, enfraquecimento do *Turnen*, mudança de nome da associação e produção de outras representações culturais.

Palavras-chave: *Turnen*. Ginástica. Clube. História. Esporte.

ABSTRACT

The city of Estrela suffered profound changes in the spaces of sociability, particularly in the associations, where *Turnen* and sports were practiced, as a result of the events of the World War II (1939-1945), as well as the establishment of the Estado Novo (1937-1945) in Brazil. The fact of the position of the country, contrary to Germany in this world conflict, reflected in regions with significant presence of German immigrants and their descendants. This social group, from the Constitution of 1937, was being forced to the "abrasileiramento", denying the customs, mother language and cultural practices and sports especially in associations. In that context, emerged the following search problem: what were the changes in *Turnen* and sports in German-Brazilian associations in the city of Estrela before the actions of the "abrasileiramento", in the period of the late of 1930 until mid-1940. In search of an understanding about the process of the "abrasileiramento" in sport association in Estrela, a southern city distinguished by the German-Brazilian identity, was realized a documentary sources analysis. In the German-Brazilian sports associations, the biggest change occurred with the approval of Decree Law n. 3.199 of 1941, when were required to license in front of a monopolist control of the State. In this scene of identity conflict, between the maintenance of the Germanism and the consolidation of Brazilian national identity, some associations have suffered with vandalism, looting, burning of holdings and impeachment. In this context emerges a reconfiguration of the sportive ethno-cultural identity of German-Brazilians through the incorporation of Anglo-Saxon sports, weakening of *Turnen*, change of name of the association and the production of other cultural representations.

Keywords: *Turnen*. Gymnastics. Club. History. Sport.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 UMA ABORDAGEM DA HISTÓRIA CULTURAL.....	13
3 METODOLOGIA.....	28
4 ESTRELA: UM MUNICÍPIO TEUTO-BRASILEIRO.....	31
5 OS PRIMÓRDIOS DO <i>TURNEN</i> E DO ESPORTE NAS ASSOCIAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS DE ESTRELA.....	40
6 O ABRASILEIRAMENTO DAS ASSOCIAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS DE ESTRELA.....	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
8 REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

A cidade de Estrela ¹ sofreu profundas mudanças nos espaços de sociabilidade, em particular nos lugares onde ocorria a prática do *Turnen* e dos esportes em geral, em decorrência dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como também em razão da instauração do Estado Novo (1937-1945) no Brasil. O fato de o país posicionar-se contrário à Alemanha no conflito mundial repercutiu em regiões brasileiras com expressiva presença de imigrantes alemães e seus descendentes. Foi o caso de Estrela, município localizado no estado do Rio Grande do Sul, em uma região conhecida como Vale do Taquari, que assim como outros municípios sul-rio-grandenses com marcante influência das culturas dos imigrantes alemães, foram forçadas ao “abrasileiramento” ².

A hostilidade aos imigrantes alemães e seus descendentes no Estado já tinha se acentuado no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), principalmente com a entrada do Brasil na guerra em posição contrária à Alemanha. Este conflito deu destaque mundial ao pangermanismo³, ao mesmo tempo em que circulavam ideários em prol de uma identidade cultural brasileira. Tal situação também repercutiu no associativismo esportivo⁴, que sofreu pressão para repudiar a cultura do *Turnen* em um momento de grande crescimento desta prática no Estado, assumindo as práticas conhecidas como “populares” brasileiras.

Com o final da Primeira Guerra Mundial, as ações nacionalistas foram amenizadas, porém a vigília aos imigrantes alemães e descendentes continuou. Algumas associações identificadas com esta comunidade no Estado permaneceram fechadas, enquanto outras retomaram suas atividades enfrentando dificuldades e o intenso controle (RAMOS, 2000; MAZO, 2003). Porém, já no ano de 1930, inicia-se

¹ No período delimitado para o estudo (1937-1945), o município de Estrela era uma cidade referência na região do Vale do Taquari, pois era um centro comercial e industrial. Teutônia era um bairro de Estrela e somente no ano de 1980 se desmembrou de Estrela pela Lei nº 7.542 de cinco de outubro do referido ano (TOTH; DINIZ, 1926). Estrela tinha 80% da população constituída por teuto-brasileiros até 1924, com exceção do 3º Distrito chamado de Roca Sales, o qual concentrava os imigrantes de origem italiana (RAMBO, 1999, p. 578).

² O termo “abrasileirar” é empregado no sentido de tornar brasileiro (RAMOS, 2000, p. 146).

³ Este termo surgiu com a revolução de 1871 na qual os estados germânicos se uniram em uma só nação, a Alemanha, sob a liderança de uma política nacionalista. Posteriormente, a expressão “pangermanismo” foi relacionada à organização política que visava estimular a endogamia e difundir doutrinas raciais, para garantir um núcleo de apoio, no Brasil, à expansão econômica alemã (MAGALHÃES, 1998).

⁴ O termo “associativismo esportivo” engloba formas de organização esportiva, como clubes, sociedades, associações, agremiações, ligas, comitê, entre outras (MAZO, 2003).

um movimento revolucionário no Brasil, quando Getúlio Vargas se afasta do governo do Rio Grande do Sul para liderar a revolução e tornar-se presidente da república. Neste momento, o governo estadual do general Flores da Cunha causou entrave no avanço de ações nacionalistas contra os imigrantes (GERTZ, 2005).

A repressão foi intensificada no final da década de 1930, com a instauração do Estado Novo (1937-1945), período ditatorial no qual o presidente Getúlio Vargas instituiu os interventores estaduais para fomentar a campanha centrada na nacionalização (GERTZ, 1991). Mesmo com esta campanha, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes que residiam no Brasil eram simpatizantes ao presidente, que recebeu a maioria dos votos em regiões de colonização alemã nas eleições de 1930. Contudo, nem todos eram adeptos ao regime ditatorial. A relação comercial entre Brasil e Alemanha tem o seu auge no ano de 1937, porém, a relação diplomática entre estes países é rompida quando o Brasil entra na guerra contra a Alemanha em agosto de 1942 (RAHMEIER, 2008).

No Rio Grande do Sul, a campanha de nacionalização tinha a frente, o general Oswaldo Cordeiro de Farias, cujas ações visavam diluir os “quistos étnicos”⁵, em regiões com significativa presença de imigrantes, principalmente os alemães. O município de Estrela, marcado ainda hoje pela presença deste grupo, e que ao longo do tempo preservou seus costumes, sua língua materna e suas práticas culturais e esportivas, especialmente nas associações fundadas pelos imigrantes alemães, foi alvo desta campanha. Estas associações são apontadas como lugares para a prática do germanismo⁶, de sociabilidade e, ainda, de contatos comerciais e formação de lideranças (LANDO; BARROS, 1980; MAZO, 2003; SILVA, 2006).

Devido à relevante função das associações esportivas na preservação da identidade etno-cultural teuto-brasileira⁷, estes espaços tornaram-se alvo das ações nacionalizadoras no Estado. Por meio da nacionalização buscava-se assegurar uma

⁵ Segundo Gertz (2005, p. 28), “quistos étnicos” foi a expressão usada por Pedro Vergara em uma carta, datada de 1941, enviada a Getúlio Vargas e refere-se à concentração de pessoas de mesma origem étnica em bairros, vilas ou até cidades.

⁶ A palavra germanismo, do alemão *Deutschtum*, se refere ao modo de ser alemão, à ideologia difundida entre os teuto-brasileiros, destinada a preservar sua identidade étnica, sua cultura, sua língua, a lealdade ao país de origem (GERTZ, 1980, p. 207).

⁷ O termo hifenizado teuto-brasileiros referia-se aos imigrantes alemães que se naturalizaram brasileiros, sendo usado o jargão jurídico *jus sanguinis* para definir sua naturalidade e cidadania, ou seja, era considerado alemão aquele que possui “sangue alemão”, mesmo tendo nascido em outro país. Sendo assim, pode ser considerado cidadão de outro país que não a Alemanha e continuar pertencendo ao “povo alemão”. Contrariamente, no Brasil predominava o *jus soli*, ou seja, brasileiro é todo aquele que nasce em solo brasileiro (GERTZ, 1994, p. 30).

identidade cultural brasileira nas associações em oposição à exaltação da identidade etno-cultural dos imigrantes alemães e de seus descendentes. O final da década de 1930 até meados da década de 1940 foi o período mais conturbado da campanha de nacionalização contra a etnicidade no Brasil, não apenas visando os imigrantes de descendentes alemães, como também italianos e japoneses. O Brasil rompe relações com a Alemanha e a Itália no ano de 1942, devido a sua posição na guerra.

No âmbito do esporte, a nacionalização desponta no campo legal quando entra em vigor o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, o qual se constituiu em um marco legal, pois é a primeira legislação esportiva que visa organizar os esportes no país (PELLON, 1973). A partir de então começa o controle sobre a livre associação pelas entidades nacionais e estaduais que são organizadas: Conselho Nacional de Desportos (CND), Conselhos Regionais de Desportos (CRDs), confederação nacional e federações esportivas nos estados. Neste contexto, o associativismo esportivo passou por rupturas ao mesmo tempo em que edificou formas de resistência às mudanças impostas.

Diante disso, emerge o seguinte problema de pesquisa: quais foram as mudanças no *Turnen* e no esporte nas associações teuto-brasileiras no município de Estrela perante as ações de abrasileiramento, no período do final da década de 1930 até meados da década de 1940?

Para delinear os rumos desta pesquisa em busca de respostas ao problema foram elaboradas as seguintes questões norteadoras:

a) Qual o contexto social, cultural e político que sucedeu o abrasileiramento do associativismo esportivo no município de Estrela no período do final da década de 1930 até meados da década de 1940?

b) Quais ações de abrasileiramento afetaram o associativismo esportivo no município de Estrela, no período do final da década de 1930 até meados da década de 1940?

c) Como o associativismo esportivo no município de Estrela resistiu ao abrasileiramento, no período do final da década de 1930 até meados da década de 1940?

O caminho teórico-metodológico que orientou esta pesquisa historiográfica se apoiou na História Cultural (PESAVENTO, 2004; BURKE, 2005; CHARTIER, 2000). Em busca de uma versão sobre o processo de abrasileiramento no associativismo esportivo em uma cidade sul-rio-grandense distinguida pela identidade teuto-

brasileira, neste estudo, optamos pela coleta e tratamento de fontes documentais. As fontes históricas contemplam edições comemorativas de aniversário do município de Estrela e da Sociedade Ginástica Estrela, livros editados e impressos por autores locais, exemplares dos jornais “O Paladino” e “O Taquaryense”, além de estatutos, registros das reuniões em atas e demais documentos do acervo dos clubes da região. Também foram consultados artigos, dissertações, teses e livros que contribuíram fundamentalmente para a revisão bibliográfica do estudo.

As associações são de grande importância para o estudo de uma sociedade, pois também são espaços de produção e afirmação de representações culturais de identidades. Tendo em vista que nestes espaços ocorriam reuniões sociais, culturais e políticas, considera-se que exerceram o encargo da educação moral da elite urbana (média ou alta), detentora do capital econômico e cultural da sociedade, conforme refere Ramos (2000). Esta elite era formada não só por empresários, donos de indústrias e comerciantes prósperos, mas também de pastores, padres e professores/instrutores que atuavam em escolas e associações esportivas.

Espera-se com esta pesquisa produzir subsídios para ampliar a compreensão sobre o associativismo esportivo no estado do Rio Grande do Sul, como também, fomentar estudos históricos comparativos em âmbito regional e nacional.

A dissertação estrutura-se em quatro partes. Após a Introdução, no capítulo 2 intitulado “Uma abordagem da história cultural” apresentamos o referencial teórico que aborda as noções de representação e práticas culturais da História Cultural e o entendimento sobre identidade etno-cultural, em particular as identidades teuto-brasileiras com base nas teorias da etnicidade. O capítulo 3 – Metodologia - relaciona os procedimentos metodológicos utilizados na coleta e tratamento das fontes documentais. Os capítulos que seguem são compostos pelos resultados da revisão bibliográfica e da pesquisa documental.

No capítulo 4, intitulado “Estrela: um município teuto-brasileiro” retrata o início da ocupação do município de Estrela pelos imigrantes alemães e os aspectos sociais, culturais, políticos e estruturais da mesma. Este contexto é de fundamental importância para o conhecimento da população estudada, suas identidades etno-culturais teuto-brasileiras, e para identificar até que ponto houve a assimilação da cultura brasileira, principalmente nos períodos políticos retratados no estudo.

No capítulo 5 – Primórdios do *Turnen* e do Esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela- remete ao período de fundação das associações esportivas de

Estrela, tomando conhecimento do mapa esportivo local e identificando o germanismo associado à preservação das identidades etno-culturais teuto-brasileiras nestas associações.

O capítulo 6 denominado “O Abrasileiramento das associações teuto-brasileiras de Estrela” que apresenta os dados que apontam para as marcas deixadas pelo abasileiramento da prática do *Turnen* e do esporte nas associações teuto-brasileiras, como também as estratégias que estas instituições encontraram para resistirem a estas ações.

Por fim, na última parte da dissertação apresentamos as considerações finais do trabalho no capítulo 7 e, em seguida, a lista das referências.

2 UMA ABORDAGEM DA HISTÓRIA CULTURAL

As ciências do movimento humano, de acordo com Gaya (2008, p.59), se desenvolvem cientificamente através de métodos provenientes de disciplinas-mães (Biologia, Antropologia, Sociologia, História, etc.), sendo que passamos por um estágio inicial e não temos uma metodologia única, configurando-se as ciências do movimento humano como uma área científica aplicada. Neste sentido, com apoio metodológico do livro deste autor, intitulado “Ciências do Movimento Humano: introdução à metodologia da pesquisa” e na disciplina de mesmo nome cursada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, a escolha do tema desta pesquisa e seu desenvolvimento apóia-se na teoria/metodologia da História Cultural. As justificativas acompanham as experiências e fatores pessoais desta pesquisadora com o tema e com a História Cultural desde a elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura em Educação Física, concluída no ano de 2008.

Na cultura histórica são os homens (no sentido de ser humano) que dão significado aos fenômenos sociais e os pesquisadores apresentam uma interpretação das ações expressas em documentos de um período estudado. Nessa interpretação, o pesquisador coloca suas crenças, transformando-as em representações únicas de cada olhar pesquisador. Sendo assim, tratando de um período não conhecido e não vivido, sabemos que os historiadores raramente podem estar tão certos sobre as relações passadas.

A interpretação de fatos de um período passado é um processo complexo, pois este passado está à mercê da leitura de um pesquisador de outro tempo, com uma visão contextual do presente (PESAVENTO, 2004). Faz-se necessário então conhecer os contextos social, cultural e político, no qual o objeto do estudo está imerso no período investigado. Desta forma, o pesquisador entenderá melhor a época vivida evitando que o objeto seja mal compreendido ou interpretado. É fundamental que o pesquisador consiga transportar-se para o passado em busca de indícios para construir uma versão do que geriu as práticas e representações do esporte no meio associativo.

Ao lançar o tema desta pesquisa, nos deparamos com fontes muitas vezes aquém da realidade que foi vivida, que transmitem mensagens ocultando informações impertinentes para a compreensão de certo momento político.

Entretanto, tais fontes históricas são importantes para a construção de um novo olhar nos acontecimentos vividos naquela época, além de nos depararmos com mais de uma versão dos fatos. Para tanto, buscamos uma opção teórica que fosse capaz de nos munir de recursos metodológicos que sustentassem uma melhor qualidade da representação de realidade do momento estudado.

Esta dissertação insere-se no campo historiográfico da chamada História Cultural, a qual assinala uma reinvenção do passado e considera como um alicerce fundamental a instância cultural. A cultura é entendida como sendo um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar a realidade (PESAVENTO, 2004). De tal modo, permite identificar como as práticas e experiências, sobretudo de homens comuns, traduziam-se em valores, idéias e conceitos sobre o mundo.

Na abordagem da História Cultural, o sujeito passa a ser invocado num papel central, onde ele mesmo elabora, cria e apropria. Faz-se a ressalva que não se trata de um sujeito universal e uma verdade única. Nesta perspectiva histórica, o historiador se depara com diversos sujeitos, que possuem leituras plurais, não tratando mais da verdade e sim de diferentes representações de verdade.

A História Cultural permite identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é pensada, construída, dada a ler. Para tanto, a cultura é entendida enquanto prática que está associada às categorias de representação e apropriação (CHARTIER, 2000). A representação é um processo que envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos que moldam significados que nos fazem entender nossas experiências e quem nós somos. Nas palavras de Pesavento (2004, p.39) “as representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais”, sendo nas práticas que os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo, por meio de representações construídas sobre a realidade, com comportamentos e normas incorporadas.

Para Chartier (2000), as representações do mundo social são também componentes da realidade social e toda representação é uma construção que os grupos fazem sobre suas práticas, sendo que essas práticas não são percebidas em sua integridade plena, apenas enquanto representações. As representações sociais constroem “lugares” onde os grupos se posicionam ou são posicionados e a partir dos quais podem falar. Nesta direção é possível afirmar que se produz uma

representação das representações que estão inscritas nas práticas específicas que as conduzem.

Conforme Chartier (2000) as representações se inserem em um campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. Nesse campo existem verdadeiras “lutas de representações” que geram inúmeras apropriações possíveis dessas representações. Isso apareceria conforme interesses sociais, resistências políticas e, de maneira geral, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. As representações do mundo social construídas são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjaram. Assim as “lutas de representações”, afirma Chartier (2000), são um meio para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus e o seu domínio.

A apropriação dessas representações deve ser vistas em cada elemento constitutivo da sociedade em questão, nas relações de poder que nomeiam, classificam, identificam, diferenciam e hierarquizam culturas e sujeitos, definindo quem está incluído e quem está excluído de quais grupos ou posições sociais. As representações também são particulares e interessadas que acabam adquirindo uma autoridade maior em uma dada época e lugar e se transformam em senso comum. À medida que estas representações tornam-se consensos coletivos, a noção de imaginário é fundamental, pois remete à representação coletiva através de idéias e imagens que os homens constroem a fim de dar sentido ao mundo (PESAVENTO, 2004, p.43).

A construção do imaginário pode ser expressa por práticas, discursos, imagens, símbolos, crenças, mitos, ideologias, conceitos e valores, construtores de identidades, apontando semelhanças e diferenças no social. Conforme Chartier (2000) a noção de representação permite articular uma relação com o mundo social por meio das práticas. As práticas visam fazer reconhecer uma identidade social, mostrar uma maneira própria de ser, e para tal utilizam formas institucionalizadas representadas pelo coletivo ou pela pessoa singular.

Ao considerar o caso dos imigrantes alemães quando chegaram às terras sul-brasileiras, construíram vilas, casas, escolas, igrejas, associações, enfim um modo de vida próprio. Através da representação de ser “alemão”, traduzida de sua terra natal ou passada de geração para geração constituíram uma identidade teuto-brasileira. Esta identidade etno-cultural foi representada na arquitetura, na educação,

na agricultura, na religião, no associativismo, por fim, em todas as suas práticas na nova terra: o Brasil.

O município de Estrela traduz uma identidade teuto-brasileira desde seus antepassados, que foi sendo transformada ao longo dos anos. As associações esportivas são um dos lugares onde as práticas tradicionais foram incorporadas e classificadas como parte do imaginário alemão. Porém, o grupo étnico alemão ao tentar dar sentido ao novo mundo por meio de sua cultura de origem, ao mesmo tempo criou meios de resistir e permanecer frente à realidade social e à política de formação do cidadão brasileiro.

Visto que tratamos de um grupo de origem étnica semelhante, que buscou sua caracterização frente aos demais grupos étnicos, com suas práticas voltadas para a representação de sua identidade etno-cultural de origem, o conceito de identidade etno-cultural é fundamental para este estudo. Sendo assim, é importante resgatar como a diferença é percebida e representada pelo homem, ou seja, a produção da identidade. A constatação da diferença (fenômeno dado pela diversidade étnica ou de organização social) é importante considerar, mas tão relevante quanto é perceber como essa diferença se constrói através do imaginário.

Segundo Pesavento (2004), enquanto representação social:

“a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença” (p. 90).

A identidade cria o sentimento de pertencer a um grupo que ocorre a partir do defrontamento com o outro. De acordo com Burke (2005, p.128) “as representações de identidade são qualificadas em torno de atributos, características e valores socializados”. Todavia, o autor (2005) alerta: “a identidade é continuamente reconstruída ou negociada” frente à situação que o indivíduo passa (p. 128). Portanto, o mesmo indivíduo possui múltiplas identidades, ou seja, acumula ou sobrepõe diferentes perfis identitários, atingindo uma composição harmônica e sem conflitos dentro de um grupo (PESAVENTO, 2004).

O imigrante alemão, sujeito que caracteriza este estudo, era visto como diferente no país que o acolheu e ocupava uma posição tênue entre o aceitável e o inaceitável. A inserção dos imigrantes alemães no território do Rio Grande do Sul

levou a uma reconstrução de suas identidades no contato com a sociedade brasileira. Ao mesmo tempo em que assumiu a cidadania brasileira, procurou manter forte o sentimento de pertencimento à terra de origem. Neste processo, à sua já definida identidade foi incorporado um duplo sentido de pertencimento: nacionalidade alemã e cidadania brasileira.

Os imigrantes, simbolicamente, romperam os laços com o território alemão no ato da renúncia da cidadania de origem, assumindo a 'colônia' como uma nova pátria. Mas a cidadania brasileira, por si mesma, não anula o ideal de pertencimento ao povo alemão. A categoria *Deutschbrasilianer* aparece na segunda metade do século XIX para definir o duplo pertencimento – à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão (SEYFERTH, 1994, p.15).

A relação entre cidadania e assimilação foi de difícil negociação afirma Lesser (2001). No Brasil, imigrantes de diferentes origens étnicas formam a multifacetada identidade da população. Neste cenário, os teuto-brasileiros, mesmo que naturalizados, eram vistos pelos luso-brasileiros como resistentes à cultura praticada na nova pátria. Por outro lado, o fato de assumir uma cidadania (naturalização) brasileira não é garantia de assimilação desta cultura, preservando os valores e tradições trazidos de sua nação.

O fator étnico é fundamental para compreendermos como se deu o povoamento da região sul do país pelos imigrantes alemães, principalmente no recorte local do estudo. Verifica-se uma identificação cultural baseada na pertença étnica alemã em território brasileiro, estabelecendo uma fronteira etno-cultural, caracterizada pela indissociável identidade étnica e cultural representada na nova pátria.

Os estudos de Barth (1998) apresentam uma contribuição para o entendimento da identidade étnica, tendo como pressuposto uma concepção dinâmica. Para este autor (1998), as mesmas características diferenciais podem mudar de significado ou perder a significação ao decorrer da história do grupo e outras características podem suceder adquirindo a mesma significação. As variações identitárias podem ser percebidas nos grupos de imigrantes alemães por meio da construção de práticas voltadas à representação de sua identidade etno-cultural. No início da colonização os imigrantes alemães, mesmo naturalizando-se brasileiros, assumiram seu sentimento de pertença étnica alemã, criando assim outras identidades.

Para compreendermos melhor ainda as identidades construídas pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, particularmente em Estrela, devemos traçar uma linha do tempo, mapeando desde seus costumes na nação alemã até a chegada ao Brasil. Para tanto, considera-se os acontecimentos políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais que influenciaram direta ou indiretamente na reconstrução da sua identidade étnica e cultural no Brasil.

Primeiramente, é necessário compreender como o imigrante alemão era visto perante a sociedade brasileira. Após a independência do Brasil, o governo imperial e a elite brasileira investiram na pretensão de construir um Estado Nacional, e para isso precisavam desenvolver sua economia no âmbito da indústria, além de “embranquecer” a população brasileira (TESCHE, 2001, p. 123). Para promover ações nesta direção, a imigração européia foi incentivada por meio de uma Portaria datada de 16 de março de 1820, a qual estabelecia condições para a imigração e estabelecimento de colônias estrangeiras (PICCOLO, 1980, p. 141).

Após quatro anos da ação no campo legal, em 1824, vieram os primeiros imigrantes alemães, em sua maioria agricultores da Pomerânia e do Hunsrück, trazidos para a real feitoria do Linho Cânhamo, em São Leopoldo (MÜLLER, 2002). Desde então, muitos imigrantes alemães chegaram ao sul do Brasil formando colônias estabelecidas na orla florestal, ou seja, no limite florestal que delimitava a “fronteira agrícola”, desbravando a floresta e ocupando as terras (ROCHE, 1969). Havia muita coesão familiar para desbravar essas terras devolutas pouco desbravadas pelos já assentados imigrantes açorianos e habitadas pela população nacional (índios).

Com a promulgação da Constituição do Império de 1830, a concessão das terras passou a ser incerta e a ajuda financeira foi cortada. Faz-se a ressalva que o governo opunha-se à concessão imediata de nacionalidade brasileira (cidadania) aos imigrantes alemães e seus descendentes e, além disso, proclamava a religião católica como a padrão do Estado. Visto que os imigrantes alemães, em sua maioria, eram protestantes, tal supremacia religiosa foi colocada como mais um obstáculo, além de serem sujeitos “não cidadãos”, e nesta ocasião esquecidos pelas políticas públicas brasileiras (ROCHE, 1969).

Os imigrantes alemães, nas primeiras décadas de imigração (1824 a 1848) não se percebiam como tais, porque eram prussianos, austríacos, renanos, *westfalianos*, isto é, oriundos de povos de diferentes regiões e estados alemães de

uma Alemanha não unificada. De tal modo traziam uma língua, um costume e/ou um credo religioso e político diferente, mas ao chegarem ao Estado, eram denominados de “alemães”. Assim sendo, eles tiveram que se compreender “alemães”, se pensar, se construir, criar ou sobrepor uma nova identidade, ao mesmo tempo em que se constituíam como os outros, ou seja, os diferentes diante dos demais habitantes que já estavam instalados, principalmente os luso-brasileiros açorianos, que também colonizaram uma parte do território de Taquari, onde se situava Estrela.

Os “alemães” buscaram o reconhecimento dentro de seu próprio grupo, uma tarefa um tanto quanto mais difícil que o reconhecimento dos habitantes da nova terra. Neste sentido, percebe-se a aproximação destes povos em território brasileiro através de sua etnicidade, principalmente pela sua organização sociocultural e religiosa. Tesche (2011) esclarece que os imigrantes alemães construíram “o seu mundo físico-social muito ao estilo da terra de origem, mantendo a língua, os costumes e organizações típicas da sua terra natal” (p. 134).

O termo etnicidade não designa somente “a” pertença étnica, mas os “sentimentos” associados a ela como o sentimento de formação de um povo e o de lealdade, no qual incluem o sofrimento do passado e as recordações da juventude, cuja memória se transmite pelo culto aos ancestrais, aos grandes homens e suas ações heróicas. O sentimento de pertença étnica, segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998), o germanismo, denominado de etnicidade é um fenômeno presente universalmente na era moderna, num momento de desenvolvimento econômico, de expansão industrial capitalista e da formação e desenvolvimento dos Estados-nação, que moveu as grandes emigrações européias.

Cabe ressaltar que os imigrantes alemães viveram um período em que os estados alemães estavam passando por uma reorganização política e social para alcançar a unificação. Na década de 1840, os estados germânicos começam a ter interesse pelos seus emigrantes e criam meios de uma emigração dirigida para as terras do sul do Brasil por considerar o clima favorável ao agricultor. Os alemães emigrados deveriam povoar o sul do Brasil mantendo relações culturais e econômicas com os estados germânicos, garantindo o fornecimento de matérias-primas e um crescente mercado consumidor (DA CUNHA, 2003). Esta relação ajudou a manter os laços de pertença étnica com a antiga nação e proporcionou que os imigrantes alemães pensassem suas ações em prol da nação alemã.

Antes da unificação dos estados germânicos que formaram a Alemanha, sua economia era baseada no sistema feudal e estava fragmentada em países, sendo a Prússia e a Áustria suas potências econômicas e políticas (ZIERER, 1986). A partir dos movimentos liberais e a falta de controle centralizado, que resultou na revolução de 1848 (primeira tentativa de unificação dos estados germânicos), os imigrantes alemães adquiriram uma identidade nacional e a consciência de unidade. Isto se deu através dos intelectuais (professores, escritores, catedráticos, pastores e estudantes) da classe média alemã, que difundiram pensamentos e idéias, além da língua, como vínculos da cultura da nação num momento em que a cultura alemã estava perdendo sua força (TESCHE, 2001).

À medida que a unificação estava às vias de acontecer, o sentimento nacional aumentava. O imperador da Prússia, Wilhelm I, nomeia o chanceler Otto von Bismarck, o qual possuía uma política que declarava guerra contra inimigos externos e contra a ocupação das regiões alemãs que iniciou em 1864, resultando na expansão da Prússia e, conseqüentemente, na expansão do território germânico. Surge, então, em janeiro de 1871 o II Reich (segundo império) que durou até o ano de 1918, coroando o imperador Wilhelm I como o primeiro imperador da Alemanha. A política nacional forte deste período, além do crescimento e desenvolvimento que tornou a Alemanha uma potência européia, foi transmitido para o imigrante alemão que se instalou no sul do país no segundo período de imigração (1848-1874) (TESCHE, 2001; ZIERER, 1986).

O sentimento de nacionalismo alemão não foi o único fator do isolamento etno-cultural dos imigrantes alemães. Além da bagagem cultural e sua diferenciação étnica frente aos outros, uma política brasileira de colonização do território nacional direcionou o isolamento cultural desta etnia. Para Seyferth (1994) a “identidade étnica teuto-brasileira é compreendida por referência a um processo histórico de colonização a partir do qual foi elaborada e que ajudou a preservar” (p. 11). Ou seja, a colonização das terras sul-brasileiras, da maneira que ocorreu, resultou na preservação cultural desses povos que se basearam em sua etnicidade para representarem suas práticas culturais ligadas à pátria de origem.

De acordo com Oliveira (2007), a maior parte dos historiadores emprega a questão do isolamento geográfico e étnico das colônias alemãs como o principal fator de preservação de seus hábitos, costumes e da língua. Porém, os estudos de Kothe (1997, apud OLIVEIRA, 2007), Poutignat e Streiff-Fenart (1998) e Santos

(2003) referem-se que o isolamento é uma tendência da época, onde a fronteira era o fator delimitador. Segundo estes autores, o que possivelmente ocorreu foi a concentração destes imigrantes em áreas restritas pelo direcionamento da própria colonização. Isto ajudou na formação de uma sociedade etno-cultural teuto-brasileira, associada ao complexo colonial, possibilitando que a etnicidade (germanismo) fosse formalizada (SEYFERTH, 1994, p. 14).

A presença dos teuto-brasileiros no meio urbano como, por exemplo, nos municípios de Porto Alegre e São Leopoldo, formou grupos homogêneos e fechados, mas não isolados. Isto gerou uma dinâmica sociocultural diferenciada devido à posição do teuto-brasileiro na sociedade brasileira, onde seus direitos de cidadão não estavam definidos frente ao governo imperial e à elite brasileira. A elite desejava que os pequenos colonos produtores ocupassem as terras devolutas para que, sem contato com o centro do país, sua atuação política, principalmente, fosse restringida (ROCHE, 1969). A interação com os outros (imigrantes italianos, poloneses, açorianos, etc.) e a política em relação aos estrangeiros que produziu fronteiras étnicas.

A estrutura imigratória não resultou de fatores históricos ocasionais ou espontâneos, mas sim de uma política agrária pensada para ocupar e proteger o território das possíveis incursões de espanhóis nas regiões desertas do Estado. A fronteira meridional do Brasil era somente política e suas oscilações foram sensíveis no território atual do Estado, cujos limites somente se estabeleceram quando os alemães começaram a imigrar. As colônias eram fundadas também para balizar e preparar a abertura das estradas que conduziriam a região serrana. Os imigrantes alemães invadiram a frente florestal além da zona de povoamento luso-brasileira, com ocupação pela população de origem nacional (índios), formando núcleos agrícolas assim como era feito no fim da Idade Média na Alemanha (ROCHE, 1969).

O Rio Grande do Sul estava reduzido a Serra do Sudeste, à Depressão Central e aos degraus superiores do Planalto Setentrional, constituindo-se uma fronteira que fez do Rio Grande do Sul um verdadeiro campo militar (ROCHE, 1969). Dentre as guerras brasileiras enfrentadas já com o apoio dos imigrantes alemães citamos a Guerra Cisplatina (1825-1828), a Guerra dos Farrapos (1835-1845), a Guerra contra Rosas e Oribe (1851-1852) e a Guerra do Paraguai (1864-1870). Para a Guerra contra Rosas, da Argentina, e Oribe, do Uruguai, o governo imperial contratou por intermédio do general Sebastião de Rego Barros, 1.800 mercenários

alemães, chamados de *brummer*⁸. Estes foram de grande importância para o germanismo no Rio Grande do Sul, pois além de ex-soldados do exército de *Schleswig-Holstein* e outros envolvidos na revolução de 1848, alguns eram intelectuais liberais contratados em Hamburgo (RAMBO, 1999).

Em 1852, os *brummer* foram divididos entre as diversas guarnições e quartéis das colônias do Rio Grande do Sul até o fim do seu serviço. Após puderam escolher entre ser repatriado pela Alemanha, receber um quarto de colônia alemã ou 80.000 réis em dinheiro. A maioria escolheu a terceira opção e com o dinheiro instalaram-se nas colônias alemãs e em Porto Alegre. Por terem participado dos movimentos liberais da Alemanha e terem, em sua maioria, frequentado escolas, foram muito importantes na construção política e na modificação das condições de “aculturação”. Quando se instalaram nas colônias, muitos se dedicaram à docência e trabalharam intensamente nas associações, e por meio delas, para a preservação do *Deutschtum*. “Influenciaram a vida comunal dos alemães e teuto-brasileiros, no aparecimento de uma imprensa na província, no desenvolvimento das associações recreativas e no intercâmbio intelectual com a Alemanha” (TESCHE, 2001, p. 133).

Neste período de atuação dos *brummer*, as primeiras colônias alemãs já estavam num processo avançado de desenvolvimento, e cresceram ainda mais a partir de sua atuação. Havia várias colônias surgindo, e a situação do imigrante, sem um auxílio público adequado, fez com que tomassem a iniciativa de criar suas escolas, igrejas e sociedades contando com o auxílio da Alemanha. Em Estrela, no Distrito de Teutônia, um dos diretores e sócio da empresa colonizadora era *brummer*, Lothar de la Rue. Por meio da imprensa e inserindo-se no meio político os imigrantes passaram a reivindicar seus direitos. Nos órgãos públicos os *brummer* tiveram ação decisiva, como foi o caso de Koseritz na campanha de equiparação política dos teuto-brasileiros, independente do credo e da origem étnica (TESCHE, 2011, p. 93).

Nas guerras territoriais, que ainda estavam iminentes, os alemães e teuto-brasileiros não negavam ajuda à nova pátria, o que demonstrava seu patriotismo ao Brasil. De acordo com Rambo (1999, p. 162), na Guerra contra o Paraguai não houve colônia que não se dispôs e mobilizou um bom número de moradores, lutando

⁸ A denominação *brummer* tem várias interpretações. Para Oliveira (1987) e Da Cunha (2003), deve-se aos próprios legionários que resmungavam (*brummten*) frente às condições de vida no sul do Brasil e a falta de pagamento. Para Rambo (1999), eles mesmos se deram este nome por estas reclamações, mas também eram chamadas de *brummer* as grandes moedas de cobre que circulavam naquela época, pois ao serem jogadas numa superfície, emitam um ruído surdo.

e morrendo nas batalhas. Isto sugere que os imigrantes alemães, desde sua chegada à nova terra, trataram de protegê-la, assumiram a cidadania e lutaram a favor da nação. Contudo, no princípio não eram assistidos e também não assimilaram a nova cultura mantendo seus traços culturais e étnicos à medida que estavam isolados de outras etnias.

A colonização estrangeira, além da política de europeização do Brasil “que viria a esmagar, com sua superioridade, as populações nativa e africana” (LESSER, 2001, p. 24), “foi de fato a construção da identidade nacional” (p. 28). Este autor, em sua obra “A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil” escreve sobre a minoria imigrante, principalmente os japoneses, porém situa os demais grupos étnicos na construção da identidade brasileira. Ele afirma que a política de colonização, baseada na eugenia, visava o ingresso de imigrantes “desejáveis” pela elite para ocupar o lugar dos escravos e que contribuíssem para “embranquecer” o país (p. 20).

Esta colonização também estava embasada no estabelecimento da pequena propriedade rural, assentando os imigrantes alemães em terras isoladas; imigrantes que saíram de uma sociedade feudal, com uma representação do nacionalismo e do liberalismo germânico, fixando-se onde puderam praticar sua identidade etno-cultural teuto-brasileira sem contato com a região central do país.

A construção da identidade [etno-cultural teuto-brasileira] partiu dos elementos constitutivos da vida cotidiana (...) remetendo à tradição “de origem”: o uso cotidiano da língua alemã, a organização associativa, as escolas comunitárias e vinculadas às igrejas, a imprensa teuto-brasileira, e tudo o que pode estar contido nos hábitos, costumes, estilo de vida, *ethos* associado ao trabalho, lar, comunidade, religiosidade (SEYFERTH, 1999, p. 203, grifo meu).

A língua e a religião são fatores importantes que caracterizam uma comunidade étnica, contudo, as diferenças entre dialetos e religião podem ocorrer dentro do mesmo grupo (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). O primeiro aspecto, a língua, tem uma peculiaridade na região estudada, pois as correntes imigratórias provinham de duas regiões, principalmente. Os imigrantes mais antigos vieram da região do *Hunsrück*, alemães e descendentes que vieram de outras colônias mais antigas, como Dois Irmãos, a partir de 1856; e os imigrantes de *Westfalen*, que vieram diretamente da Alemanha para Estrela, em 1864. Já o segundo aspecto, a religiosidade, era muito importante para os teuto-brasileiros

principalmente em uma terra distante. Em suas primeiras ações na nova terra estava a construção da igreja, sendo então fundada, em 1873, a Comunidade Luterana do complexo Teutônia, Estrela e Conventos, onde o pastor *westfaliano* Ferdinand Häuser era o encarregado (HESSEL, 2004, p. 37).

Os dados encontrados em Rambo (1999, p. 506) mostram que 68% dos teuto-brasileiros moradores de Estrela eram protestantes (luteranos)⁹, mas também havia uma parcela de católicos. Este fator foi característico para a diferenciação deste grupo visto que a religião predominante era a protestante, enquanto que a religião oficial do governo imperial era a católica. Mesmo com uma parcela de teuto-brasileiros católicos, a religião protestante era associada com a etnicidade alemã, ao germanismo, ou seja, o grupo de teuto-brasileiros era reconhecido como teuto-brasileiro-evangélicos (MEYER, 2000). A religião e as escolas evangélicas foram as maiores atuantes na preservação do germanismo de acordo com Meyer (2000).

Além destes dois aspectos etno-culturais para delimitar nossos sujeitos, as práticas sociais eram muito importantes, principalmente para os teuto-brasileiros que possuíam uma grande atividade comercial. As sociedades envolviam todo tipo de práticas sociais, recreativas e esportivas, naquela época, traduzidas pela prática do *Turnen*. De acordo com Tesche (2001), nas sociedades ginásticas e nas escolas, Friedrich Ludwig Christoph Jahn, criador do *Turnen*¹⁰ foi responsável por difundir o germanismo entre os jovens alemães e era sempre reconhecido pelos teuto-brasileiros através de bustos nas entradas das sociedades, comemorações do seu dia e referências em documentos e artigos destas entidades.

Tesche (2001) em seu livro intitulado “O *Turnen*, a Educação e a Educação Física nas escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul (1852-1940)” esclarece a inserção da prática do *Turnen* nas sociedades e, também, nas escolas ligadas à igreja. De acordo com o autor, o *Turnen* foi inserido principalmente nas escolas protestantes e liberais, devido aos ideais de liberdade propagados pela reforma protestante. Este movimento de liberdade religiosa que se passou na Alemanha do

⁹ Os 68% de protestantes são representados por seis sedes paroquiais do Sínodo Rio-Grandense, localizadas no território de Estrela, no ano de 1875.

¹⁰ O método ginástico alemão, o *Turnen*, constitui-se num fator importante de identidade e vinculava corpo, disciplina, convívio social, preparação militar, nacionalismo e germanismo (TESCHE, 2001, p. 22). Englobava atividades físicas, como corridas, saltos, equitação, lançamento, lutas, esgrima, exercício de escalar, natação; e culturais, preservando a cultura alemã através de cantos, teatro, grupos instrumentais, etc. (TESCHE, 1996).

século XVI foi liderado por Martin Lutero e marca o início dos ideais liberais tanto religiosos, como culturais.

Conforme Tesche (2001) as escolas católicas e jesuíticas se inseriram no sistema escolar brasileiro, adotando o sistema de ensino do Colégio Dom Pedro II do Rio de Janeiro onde a ginástica e os jogos desportivos eram praticados. Porém, a ginástica era mais militarizada e os exercícios acrobáticos característicos do *Turnen* eram proibidos.

O *Turnen*, a Educação e a Educação Física são responsáveis pela divulgação do germanismo, da preservação da identidade étnica, pela questão escolar dentro da proposta metodológica dos pedagogos alemães que compactuavam com a proposta do *Turnen*, somada a questão do isolamento, que manteve viva a proposta didático-pedagógica do *Turnen* (TESCHE, 2001, p. 31).

Além do *Turnen*, outros elementos da cultura esportiva e recreativa dos teuto-brasileiros são característicos de uma identidade etno-cultural nas associações esportivas. As modificações do *Turnen* ocorreram a partir da “criação” da cultura esportiva nacional (brasileira) pela apropriação e reelaboração de práticas que são transformadas em “símbolos” de identidade nacional.

A negociação da identidade brasileira, de acordo com Lesser (2001), ocorreu entre as lideranças políticas e intelectuais do Brasil (elite) e representantes das etnicidades imigrantes desde o início da imigração direcionada ao país. Sempre vistos como diferentes, a elite imigrante, formada de estudantes universitários, diretores de colônias agrícolas, proprietários de empresas, jornalistas e intelectuais, estava engajada no discurso político por meio de seus representantes, onde as diferenças étnicas deveriam ser “reformuladas para apropriar-se da identidade brasileira” (p. 19).

Os teuto-brasileiros que povoaram o Rio Grande do Sul foram tão logo identificados a partir de “uma” cultura teuto-brasileira, incorporando um conjunto específico de pessoas, práticas e instituições. Porém, as origens eram de regiões e estados diferentes que adotavam dialetos diferenciados e que, no caso de Estrela, constituíam idiomas à parte. Mas, a sua origem era única e, portanto, a organização de escolas, igrejas e clubes (instituições e práticas sociais) tinham o objetivo de aproximar teuto-brasileiros de diferentes procedências através do senso comum, dos

costumes e da língua (por mais diversificada que esta seja) em torno da construção de uma herança etno-cultural alemã: o *Deutschtum*.

Um grupo étnico possui uma origem em comum e uma crença na comunidade de origem fundada nas semelhanças, nos costumes, ou na migração, o que torna este grupo fechado. A classificação de pessoas como membros de um grupo étnico depende do modo como estes demonstram seus traços particulares de cultura. À medida que as pessoas usam identidades étnicas para categorizar a si mesmas e outros, formam grupos étnicos no sentido organizacional (BARTH, 1998, p. 194).

A etnicidade, além do sentimento, pode designar as atitudes de um grupo como efeito diferenciador, onde fronteiras por si só são mutantes. A etnicidade, então, pode corresponder a identidades coletivas associadas a estilo de vida, religião, classe ou origem, suscetíveis a se sobreporem e fundir umas com as outras. Por isto, determinadas etnias, apesar de mudanças e acontecimentos traumáticos que as afetaram (aspecto observado no período das guerras mundiais e da política nacionalista brasileira), mantêm um senso de sua própria continuidade (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p. 52).

A identidade etno-cultural teuto-brasileira emerge do contato e do próprio processo histórico de colonização e não tanto como uma situação de isolamento. Esse processo histórico produziu uma cultura camponesa compartilhada não só entre os teuto-brasileiros, mas com outros grupos de emigrados. Essa identidade etno-cultural teuto-brasileira deve ser entendida e investigada levando em conta a originalidade de suas criações, as adaptações ao novo contexto e, também, com o reconhecimento do passado alemão, da cultura de referência tomada de sua terra natal (GANS, 1996).

A identificação do grupo de imigrantes através de suas características etno-culturais, traduzidas pelos imigrantes e perpetuadas nesta localidade, há de ser contextualizada: a linguagem (predominando o alemão dos primeiros imigrantes), fatores culturais (danças e festas típicas, hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, organização social), históricos ou até mesmo o território como constituinte de culturas. O casamento intracultural também foi uma forma de preservar a origem étnica alemã, sem distinção de região, sendo a etnicidade alemã a característica mais importante. Devido ao encontro com outros grupos étnicos, aparece a ameaça de sobrevivências de tradições culturais específicas, favorecendo

a ideologia de resistência à uniformização ou dominação cultural e lingüística (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998).

No desenvolvimento da pesquisa, “propõe-se descrever as crenças, valores, perspectivas, motivações e o modo como tudo se desenvolve ou se transforma dentro deste grupo [etno-cultural teuto-brasileiro] e desde a perspectiva de seus membros” (GAYA, 2008, p. 101, grifo meu). Além disso, estas questões de identidade étnica teuto-brasileira e do contexto político, social e cultural do estado do Rio Grande do Sul serão caracterizadas e “trianguladas” (GAYA, 2008) com os dados coletados de diferentes fontes, como documentos e jornais que invocam as ações nacionalistas do período ante as associações esportivas de características étnicas alemãs.

3 METODOLOGIA

O movimento da História Cultural ampliou significativamente a atenção para questões de etnia, identidade, modos de vida, experiências e práticas políticas cotidianas, formas de lazer e sociabilidade da imigração no sul do país. E foi a imprensa periódica que publicou, discutiu e articulou as transformações do advento da modernidade, a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais e políticas, os conflitos da elite política de controle, a constituição de espaços públicos, a produção cultural, etc. (LUCA, 2008). Tendo em vista, a contribuição dos jornais no registro das informações, para fins deste estudo tais fontes foram coletadas e decompostas em fontes históricas.

A riqueza da fonte periódica e suas múltiplas possibilidades foram revisadas nos exemplares do jornal “O Paladino¹¹”, impresso na cidade de Estrela com circulação local, fundado em sete de setembro de 1921. A circulação era semanal, seu formato aumentado em relação ao formato moderno e possuía apenas quatro páginas. Este periódico de propriedade de uma sociedade entre Hélio Mayer, Aloysio Valentin Schwertner e Adela Mayer Cardoso se identificava como órgão republicano, alterando para “órgão dos interesses gerais” em 1933. Em dezembro de 1941 foi extinto (HESSEL, 2004, p. 103).

Além deste, foram consultados exemplares do jornal “O Taquaryense” (nome que remete à cidade de Taquari), fundado pelo luso-brasileiro-açoriano Albertino Saraiva em 1887. De acordo com o site do jornal¹², seu mantenedor parecia estar engajado nos ideais militares, pois possuía placas na sede do mesmo em homenagem aos ex-presidentes militares Humberto de Alencar Castelo Branco, Artur da Costa e Silva (natural desta cidade) e Emílio Garrastazu Médici. Este acervo encontra-se na sede do jornal, que continua em funcionamento, onde encontra-se também a máquina impressora usada adquirida no início do século XX do jornal “Correio do Povo” e que ainda é o equipamento utilizado para a impressão do mesmo.

¹¹ O termo paladino, consultado no dicionário de língua portuguesa de Silveira Bueno (1999), refere-se a campeão, homem corajoso, defensor estrênuo, cavaleiro. Porém, neste jornal que se auto-referencia republicano, é possível que este nome esteja ligado ao governador rio-grandense Borges de Medeiros chamado de “paladino dos ideais da democracia” pelo próprio jornal (jornal “O Paladino”, 19/11/1921).

¹² <http://www.otaquaryense.com.br/historia.htm>. Último acesso em maio de 2011.

Foram eleitos estes dois jornais por serem os mais antigos da região e por serem os mais duradouros. Outras folhas também foram fundadas, porém tiveram vida efêmera. Outra justificativa da utilização destas fontes foi o seu fácil acesso além do excelente estado de conservação que possibilita um melhor manuseio.

Na coleta de dados também foram selecionadas outras fontes documentais encontradas em acervos dos principais clubes esportivos das cidades de Estrela e Teutônia. O acervo da Sociedade de Ginástica Estrela é composto de estatutos, atas, circulares internas, ofícios, relatórios, cartas, retrospectiva de 100 anos e demais documentos, destacando-se as atas dos anos de 1937 a 1945¹³. Também foram garimpadas as atas do clube de futebol denominado “Estrela Futebol Clube”, do período de 1931 a 1972¹⁴, e da associação “Grêmio Esportivo e Recreativo Canabarense”.

Os acervos das entidades “Sociedade Ginástica Estrela” e “Grêmio Esportivo e Recreativo Canabarense” estavam localizados na sede das mesmas, que continuam em funcionamento, e o acervo do “Estrela Futebol Clube”, associação esta que se encontra desativada, localiza-se junto ao acervo do jornal “O Paladino”¹⁵. O jornal “O Taquariense”, também em funcionamento, está conservado na própria sede localizada em Taquari¹⁶.

Cabe ressaltar que as fontes documentais do período de 1937 a 1945 são um tanto quanto escassas na região devido ao momento político vivido durante o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. Portanto, várias reuniões que não ocorreram, ou que ocorreram às escondidas, não foram registradas, além de estatutos, documentos e demais objetos que foram perdidos devido ao movimento nacionalista. Alguns materiais foram enterrados pelos próprios teuto-brasileiros. Um exemplo foi o alvo comemorativo de 1910, que fora enterrado e fora salvo pela Sociedade de Tiro

¹³ Material encontrado escondido com um ex-presidente da sociedade numa varredura de documentos feita pelos diretores da SOGES para a elaboração do memorial em homenagem ao centenário da Sociedade em 2007 e de um álbum centenário que se encontra no referido memorial.

¹⁴ Acervo pessoal do sócio e ex-jogador Roque Schwertner, sucessor do jornal “O Paladino”.

¹⁵ O acervo particular do jornal “O Paladino” está localizado na sede da atual “Papeleria O Paladino” em Estrela, conservado pelo neto de Aloysio Schwertner, Roque Schwertner.

¹⁶ Além dos locais visitados já citados, foram visitados outros locais em busca de fontes, como o Museu Henrique Uebel, localizado na cidade de Teutônia, onde encontramos um rico acervo de materiais e utensílios coloniais do primeiro século de Teutônia, além de fotografias, porém poucos documentos. Alguns documentos de valor foram identificados na forma de fotocópia, pois a maior parte dos itens do acervo é oriunda de doações de particulares, que por vezes querem manter a posse de seus documentos. Em vista da boa quantidade de material coletado nestes acervos e da quantidade de novas informações, estes acervos particulares não foram garimpados, deixando para que esta ação seja feita em um segundo momento.

ao Alvo de Linha Clara, em Teutônia, que teve todos os documentos incinerados (KILPP, 2008).

Às fontes coletadas, coube certo cuidado de manuseio, devido à idade avançada de alguns documentos. A coleta foi realizada seguindo regras básicas de consulta e coleta de material, citadas por Bacellar (2008). Destaca-se que os documentos foram reproduzidos por meio da utilização de máquina digital sem *flash*, condição que permite a visualização do documento sempre que necessário. Os documentos foram organizados em pastas com o nome das entidades e dentro destas pastas foi feita uma divisão por ano. Desta maneira, cada ano era visualizado tanto nos jornais, quanto nas associações, tendo assim a noção ampla dos acontecimentos e a interpretação frente ao cruzamento de informações.

Após a fase da coleta, as fontes foram submetidas à técnica de análise documental, conforme os termos descritos por Bacellar (2008), dada nas seguintes etapas: a) Contextualizar o documento coletado sempre com olhar crítico, entender o texto no contexto de sua época, percebendo que as palavras podem ter mudado de significado, ou também pode ocorrer de um erro de redação ou distração de quem escrevia¹⁷; b) Avaliar as possibilidades de uma fonte documental, discutindo os critérios, vieses e problemas de identificação de pessoas possivelmente adotados por quem produziu a fonte de modo à melhor decifrar a informação que ela nos fornece; c) Analisar e interpretar as fontes por meio do cruzamento de informações, da justaposição dos documentos, relacionando texto e contexto, estabelecendo constantes e identificando mudanças e permanências. Tais procedimentos permitem vislumbrar se as informações foram alteradas, aqui visto que o pesquisador sempre busca informações o mais próximo da realidade possível.

¹⁷ Foi necessário a pesquisadora acostumar-se com a caligrafia, com os vícios de escrita, erros de ortografia e grafia diferenciada (leitura paleográfica), pois mesmo em documentos datilografados ou impressos a escrita é distinta, como por exemplo, a letra gótica utilizada na escrita dos alemães.

4 ESTRELA: UM MUNICÍPIO TEUTO-BRASILEIRO

A cidade de Estrela foi, em seus primórdios, uma colônia de imigrantes planejada e estabelecida pelo governo, localizada na cidade de Taquari. A emancipação do município de Estrela ocorreu em 1876. Este município, Estrela, era composto por distritos que no século XX emanciparam-se e tornaram-se cidades. Os distritos de colonização teuto-brasileira eram Teutônia e Corvo, citados na seqüência.

No período de colonização das terras brasileiras pelos imigrantes europeus, sabe-se que havia índios no território do Rio Grande do Sul, assim como em todo o país em terras nativas. Há registros de índios da tribo dos Guaianazes em 1860 (LANG, 1995; MAGEDANZ, 2004), dois anos antes da compra do terreno da Fazenda Vilanova (hoje uma cidade de mesmo nome) onde seria construída a estrada de acesso ao distrito de Teutônia. Os imigrantes alemães e teuto-brasileiros não tiveram contato direto com esta população, pois, provavelmente, esta tribo já havia se retirado, portanto encontraram terras já cultivadas e o terreno limpo e acessível.

De acordo com Lang (1995), foram os excedentes populacionais das colônias antigas que levaram à necessidade de ampliação da área inicial de colonização, a partir de 1853 e foram estes descendentes que povoaram Estrela e seus distritos. O município de Estrela foi uma colônia planejada pelo governo e povoada, no ano de 1856, devido às ações do latifundiário major Vito Mena Barreto. De acordo com Rambo (1999, p. 117), a colonização começou com poucas famílias, quase todas oriundas da localidade de Dois Irmãos.

O sobrado onde residia o major Vit, como era chamado o latifundiário, tornou-se referência, vindo a sediar o primeiro hotel da região, o Hotel Ruschel, cuja denominação era o sobrenome da família emigrada da colônia de Feliz em 1872 (RAMBO, 1999, p. 118). Antes de se tornar hotel, o sobrado era a casa senhorial da fazenda do major Vit, depois se tornou casa comercial de Michel Ruschel, também servindo como abrigo para novos migrantes. Além disso, seu espaço foi ocupado posteriormente por um açougue, uma cervejaria, uma escola, um salão para as festividades e reuniões da sociedade, sendo a primeira sede da Sociedade Ginástica. Também foi sede do correio, fórum e cadeia.

Após dois anos da fundação de Estrela, em 1858, o terreno da colônia de Teutônia é adquirido e registrado pela “Empresa Colonizadora Carlos Schilling, Lothar de la Rue¹⁸, Jacob Rech e Guilherme Kopp & Cia”, dirigida por comerciantes porto-alegrenses (teuto-brasileiros já prósperos na nova terra). Estas empresas colonizadoras adquiriam terras em condições impostas pelo governo, comprando-as de grandes proprietários ou assumindo-as em comissão para fins de colonização. Esta colonização por empresas era vantajosa por ser rápida, com custos adicionais insignificantes e, na maioria dos casos, adotando a separação étnica e confessional (RAMBO, 1999; HESSEL, 2004).

Após a compra do terreno da Fazenda Vilanova que se interpunha entre a colônia Teutônia e o Porto dos Barros (Vermelhos), localizado em Bom Retiro, em 1862, o *brummer* Franz Lothar de la Rue tornou-se diretor (administrador) da colônia. Já nos dois primeiros anos, *de la Rue* havia vendido 31 lotes, acelerando seu desenvolvimento com a venda de lotes para famílias imigrantes teuto-brasileiras. Além disso, já se viam 16 casas e 70 habitantes no trecho da Picada *Glück-auf* (“ao alto a felicidade”), que compreende atualmente o trecho entre bairros de Canabarro e Languiru. As picadas¹⁹ Hermann, Boa Vista e Teutônia foram abertas também durante sua administração (HESSEL, 2004, p. 25).

No ano de 1868, quando de la Rue, adoentado, se retira para a capital do Estado, Karl Arnt muda-se de Dois Irmãos para Teutônia e torna-se diretor. Também foi comerciante na Picada *Glück-auf*, além de sócio da Empresa Schilling & Cia. Ainda junto com o professor Ernst Janfrüchte, fundou a primeira comunidade evangélica e a primeira escola comunitária (LANG, 1995; RAMBO, 1999). Karl Arnt é lembrado até hoje em Teutônia (nomeando a rua principal de seu antigo bairro) como o principal fundador e diretor da colônia.

Devido aos esforços de Karl Arnt, junto aos demais diretores da Companhia Colonizadora, surgiram mais picadas além das já citadas: *Frank*, *Schmitt*, *Clara*, *Welp*, *Catarina*, *Bismark* (sobrenome do chanceler da Prússia Otto Eduard Leopold Von Bismark), *Moltke* (sobrenome do general da Prússia Helmuth Erhard Moltke),

¹⁸ Franz Lothar de la Rue (1824-1871), nascido em Frankfurt, foi contratado como alferes de batalhão na Guerra contra Rosas, em 1851; era um *brummer*. Dispensado em 1854, recebeu mais um ano de salário (denominado de soldo, na época) e uma área de terras (62.500 braças quadradas); onde foi atuar, principalmente, como agrimensor (HESSEL, 2004, p. 24).

¹⁹ A denominação “Picada”, de acordo com o Dicionário Silveira Bueno, refere-se ao “caminho estreito, aberto no mato a golpes de facão”. Posteriormente, as Picadas tornaram-se bairros e até cidades.

Köln (mesmo nome da cidade de “Colônia” localizada na Renânia, norte da Alemanha) e *Krupp* (HESSEL, 2004, p. 25). Percebe-se que a nomenclatura remete à antiga pátria na exaltação dos grandes nomes da Alemanha e também remete ao sobrenome alemão dos seus primeiros moradores, uma representação de germanismo.

Neste mesmo período, os estados germânicos passaram a restringir a emigração somente para o sul do Brasil através do rescrito de *von der Heydt*, datado de 1859 (RAMBO, 1999, p. 123). Este direcionamento para o sul também foi o discurso da elite brasileira de que as terras das regiões norte e nordeste, onde se concentrava esta mesma elite, eram impróprias à colonização e que a pequena propriedade não interessava aos grandes latifundiários (SEYFERTH, 1994). Percebe-se que este direcionamento ocorreu por interesse de ambas as nações, causando um crescimento populacional de teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul e um desenvolvimento crescente das colônias.

A colônia de Teutônia, que ainda tinha em sua administração Lothar de la Rue, recebeu a visita do pastor de Porto Alegre Wilhelm Kleingünther, natural de *Ibdenbüren* na cidade de *Westfalen*, Alemanha. Após a sua primeira visita, que passou a ser contínua devido à falta de pastor naquele momento, escreveu para seus conterrâneos sobre o empreendimento sério que era esta colônia e por ser uma comunidade de confissão luterana. Assim, Estrela, inicialmente com 21 famílias, recebeu mais 300 famílias de *westfalianos* vindos da Alemanha entre 1868 e 1872, convidados por este pastor. Esta população de imigrantes oriunda da região da *Westfalen*²⁰ (Renânia - Alemanha) instalou-se na área centro-norte de Teutônia em áreas acidentadas das encostas dos morros.

O isolamento geográfico e a formação de núcleos homogêneos, conduzido pela própria colonização da região e que favoreceu o desenvolvimento do germanismo, ajudou na manutenção inicial dos costumes e hábitos westfalianos, como o dialeto que era conhecido como “sapato-de-pau”²¹ (LANG, 1995). Esta

²⁰ A cidade de *Westfalen* foi província prussiana até 1946, quando se fundiu com o estado da Renânia do norte, fazendo fronteira com a Holanda e a Bélgica. Os emigrantes de *Westfalen* eram pequenos produtores manufatureiros que sofreram com a Revolução Industrial e fugiram para outros países. Hoje é o estado mais populoso da Alemanha e sua força econômica está no aço e no carvão, desde o “milagre econômico alemão” (www.nrw.de/en/ - último acesso em abril de 2012; ZIERER, 1986).

²¹ O dialeto *plattdüütsch* faz parte da língua saxônica; é semelhante à língua holandesa e tem uma estreita relação com a língua inglesa (anglo-saxônica) (LANG, 1995, p. 12). Apesar de ser oriundo de

denominação está relacionada com o hábito destes imigrantes de utilizarem calçados feitos totalmente de madeira para manter os pés quentes e protegidos diante de picadas de insetos e de répteis, além dos rigores do clima.

Os costumes, tradições e idioma notórios são originários da região norte da Alemanha, próximo à Holanda, região esta desconhecida inicialmente pelos teuto-brasileiros habitantes de Estrela originários da região do *hunsrück*, visto que os estados germânicos não haviam se unido em uma nação no momento de sua emigração ao Brasil. O encontro destas culturas, que mesmo provindas de uma mesma etnia, possuíam um idioma muito diferenciado e dificultou o relacionamento entre elas. Porém não demorou muito para que o germanismo prevalecesse e o idioma fosse unificado: o dialeto, o alemão falado até hoje nas regiões colonizadas por imigrantes alemães, foi trazido do sul da Alemanha, do *hunsrück*. Sobre este fenômeno que ocorreu na região, a autora Dagmar Meyer escreve em seu livro que “os critérios ou parâmetros que são acionados para determinar quem pertence ou não a este ou aquele grupo são muito heterogêneos (...) e se transformam no tempo e nos espaços em que são colocados em funcionamento” (MEYER, 2000, p. 61-2).

A cultura deste grupo de imigrantes westfalianos não se perdeu com o movimento migratório, pelo contrário, o conjunto de traços culturais garantiu certa distinção dos outros grupos culturais na sociedade que foi inserida, mesmo que esta fosse de mesma etnia. A relação com o outro provoca uma transformação na qual esta cultura é reinventada, adquire novos significados e é redefinida. E quando se trata de grupos culturais distintos, mas que possuem uma mesma origem étnica, ambos tentando se reafirmar em solo étnico de diferente origem, a etnicidade alemã os une pela origem e pela cultura em comum. Sendo assim, o *hochdeutsch* (alemão padrão) dos imigrantes alemães mais antigos, da região do *hunsrück*, que já eram prósperos no país e que compunham a maior parte dos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, foi sendo absorvido, aos poucos, pelos westfalianos²²; assim como este dialeto foi generalizado em todo o Estado.

Antes de entrar em contato com as demais culturas, nas suas primeiras ações na nova pátria, os imigrantes alemães voltavam-se à família e ao trabalho,

uma região da Alemanha, não se assemelha muito com a língua alemã que conhecemos hoje. Por ser falado por pessoas que usavam os sapatos-de-pau, foi apelidado pelo mesmo nome.

²² Cabe aqui ressaltar que os costumes e idioma originários de *Westfalen* nunca foram totalmente esquecidos, tanto que a região em que os teuto-brasileiros se instalaram nos idos de 1868, em Teutônia, hoje é um município emancipado de nome *Westfália*.

prioridades trazidas de sua cultura germânica e espelhadas nas ações destes imigrantes na nação Alemanha. O elemento familiar da cultura alemã é de vital importância para a manutenção da estrutura social, através de valores e práticas sociais passadas de pais para filhos (SANTOS, 2003). Até hoje, o nome da família identifica o grupo familiar correspondente na sociedade, atribuindo a ele algumas características advindas dos antepassados, como “ser trabalhador”, “ser religioso”, fazer parte de determinada classe social e econômica.

Os alemães e teuto-brasileiros também se voltavam à comunidade, fomentando a construção da igreja e da escola. Na falta de um serviço público adequado, estes se viram obrigados a assumir a responsabilidade pela sua própria organização social e, portanto, resolverem seus problemas de educação e vida religiosa criando as suas próprias escolas, construindo igrejas e pagando os professores (TESCHE, 2001, p. 133). Com isso, estes imigrantes foram culturalmente motivados a delinear um sistema educacional confessional e privado ativo até hoje, mesmo depois da nacionalização (MEYER, 2000, p. 39).

O ensino começava em casa, pelos próprios pais, e quando estes não possuíam formação para continuar, levavam ao vizinho, e assim eles se ajudavam até conseguirem edificar a primeira escola. As escolas ou “aulas”, como eram chamados os locais em que se alfabetizava, de acordo com Meyer (2000, p.113), visavam “formar um sujeito cultural específico e não apenas instruir crianças nos rudimentos de leitura, escrita e cálculo”. Conforme a autora (2000) este ensino funcionou como elemento de diferenciação interna e externa do grupo no que constitui a identidade teuto-brasileira-evangélica, culturalmente inserida na região estudada a partir de um modelo trazido da Alemanha (onde os luteranos edificavam primeiro a escola e depois a igreja, sendo que os católicos faziam o contrário).

Mesmo com pouca ajuda do Estado, os alemães e teuto-brasileiros possuíam uma assistência cultural da Alemanha através da vinda de professores, pastores e padres junto aos imigrantes. Além disso, recebiam um auxílio financeiro para as escolas e como prevaleceu a cultura de origem, a educação era na língua alemã e com os valores tradicionais trazidos de lá, inclusive a cultura física transmitida pelo *Turnen* na escola (TESCHE, 2001, p. 22). Os subsídios e envio de pastores da Alemanha para as escolas das colônias do sul do Brasil, visavam não só o mercado consumidor em potencial dos produtos alemães, mas também de novos e mais adeptos da religião evangélica e da manutenção do nacionalismo alemão.

Em Estrela, a educação sempre teve prioridade. No ano de 1890, Estrela já estava no terceiro lugar como município gaúcho mais alfabetizado passando para primeiro em poucos anos. Além disso, ocupou a mesma colocação por várias décadas entre os municípios mais alfabetizados do Brasil (SCHEIRHOLT, 2002, p. 217). As primeiras escolas eram de iniciativa privada, principalmente, associadas às comunidades religiosas evangélicas (protestantes) e católicas.

A escola mais antiga, como consta nos dados apresentados por Schierholt (2002, p. 218), foi fundada em 1869 pela comunidade evangélica do Bairro Canabarro (no distrito de Teutônia) junto à casa comercial de Karl Arnt. Nela lecionava o professor alemão Ernst Jahnfrüchter, que no ano seguinte, em 1870, fundou a escola evangélica do Bairro Languiru (Teutônia). Este professor veio da Alemanha especialmente para lecionar, mas veio também atuar como pastor leigo (sem a formação de pastor). A partir de 1873, ao regressar para a Alemanha, foi substituído pelo pastor Ferdinand Häuser.

De acordo com Rambo (1999), as escolas comunitárias Evangélicas Alemãs (a religião evangélica tinha maior adesão na região), eram em número de seis em 1875, chegando a 30 em 1922, totalizando 1.220 alunos. Além destas instituições de orientação evangélica, havia duas Escolas Comunitárias Católicas Alemãs em 1875, apoiadas pela Associação dos Professores Alemães Católicos do Rio Grande do Sul, com sede em Estrela. No ano de 1922, chegaram ao número de 15, somando 651 alunos. Dentre as escolas católicas estava o Colégio Santo Antônio fundado em 1897 por iniciativa particular a cargo das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã; hoje um dos mais tradicionais do município de Estrela. De orientação católica, seu ensino era destinado a meninas e ministrado “quase só em idioma alemão” (HESSEL, 2004, p. 80-1).

Além das instituições de ensino fundadas pela iniciativa privada, havia uma rede de escolas subvencionadas ou fundadas pelo poder público, estadual e municipal. A primeira escola pública de Estrela foi criada pelo governo do Estado pela Lei nº 771 de quatro de maio de 1871, para atender apenas meninos; em 30 de setembro determinou-se que seria estabelecida na recém-formada colônia de Estrela. A partir daí, mais escolas públicas foram criadas pela Lei nº 909 de trinta de abril de 1873 nos então distritos de Teutônia, Novo Paraíso e São José dos Conventos (HESSEL, 2004, p. 39-40).

O Estado passou a subsidiar a educação 15 anos após o início da formação de Estrela e acredita-se que estas escolas subsidiadas tivessem seu ensino baseado no idioma português, pois o subsídio exigia a alfabetização neste idioma. Até o momento da constituição da primeira escola pública, acredita-se que o ensino era fomentado somente pelos próprios imigrantes, sem auxílio governamental. Os moradores das zonas rurais não tiveram acesso imediato às escolas públicas, que eram localizadas nos centros da colônia, permanecendo, assim, com o mesmo método de ensino do início da colonização, baseado no idioma alemão.

A educação para os alemães era muito importante, desde sua formação cultural na pátria-mãe e o município de Estrela desenvolveu por muito tempo esta educação bi-cultural com a cidadania brasileira assumida, mas sempre preservando a essência da cultura alemã. Fazendo uma comparação com a colônia açoriana de Taquari, vemos como a educação era uma das principais preocupações dos teuto-brasileiros: Taquari possuía, no ano 1922, seis escolas com 374 alunos, enquanto que Estrela possuía 51 escolas com 2.094, quase seis vezes mais (RAMBO, 1999, p. 503).

De acordo com Meyer (2000, p. 66), a matrícula dos filhos nas escolas públicas, que foram abandonando a língua alemã, além da sucessiva abdicação do idioma também no cotidiano familiar, consistiu em um problema para o germanismo que pretendia preservar a cultura nas colônias. O germanismo desencadeado, principalmente, pela religião evangélica (protestante) no culto e na educação, por meio das igrejas e escolas, estava presente até o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Além da preservação de costumes na família, na escola e na vida religiosa, também se estendia para a intensa vida social expressa pelas muitas associações que assumiam forte caráter étnico. De acordo com Lang (1995), foram os *westfalianos* que se destacaram pelas atividades culturais, unindo-se na constituição de sociedades culturais e recreativas. Nas terras teutonienses, na área central e norte, estas famílias *westfalianas* trataram, em suas primeiras ações após sua instalação, de criar escolas comunitárias, comunidades religiosas, sociedades de atiradores e cantores.

A importante característica dos teuto-brasileiros, de agruparem-se em sociedades, necessitava da prosperidade na nova terra, com a comercialização de suas culturas agrícolas através das vendas (armazéns) e através do transporte e

exportação. Todas as colônias foram estrategicamente situadas ao longo de rios, pois na época a navegação fluvial era o principal meio de transporte e negociação de gêneros produzidos nas colônias. A linha mais importante da região era a que ligava Taquari a Porto Alegre, que, além de transportar produtos, levava muitos passageiros. O filho de Karl Arnt, diretor de Teutônia, Jacob Arnt foi quem deu início à navegação na região no ano de 1875 (RAMBO, 1999, p. 281).

Todavia, não só de transporte de carga e de passageiros era feito o porto, mas também era a entrada dos novos acontecimentos culturais de outras cidades e do mundo, principalmente da pátria-mãe Alemanha. Com a colônia constituída, as famílias assentadas e as escolas e igrejas construídas, surgem as primeiras formas de associativismo cultural e recreativo. Primeiramente com as práticas já trazidas da bagagem cultural e, depois, com as novas práticas que surgiram na Alemanha e nos grandes centros urbanos, representadas nesta colônia pelos habitantes teuto-brasileiros rio-grandenses.

As práticas culturais surgiram na cidade de Estrela em meados da década de 1870. Desde sempre prestigiada pela quantidade de corais que possui, o primeiro grupo de coro foi registrado em 1876, o *Deutsches Sanger* (Cantores alemoes), que deu origem  Sociedade de Cantores Aliança da *Franck*²³, regido por Heinrich Beckmann. Em 1885 cria-se o segundo grupo de coral, o *Gesangverein Frohsin* (Sociedade de Cantores Alegres) de Picada Boa Vista. Em 1890, funda-se o Coro Misto Lira de Teutônia e em 1903, cria-se o Coro de Homens Concórdia da Picada Catarina (LANG, 1995). Depois destes pioneiros, vários grupos foram criados e muitos deles permanecem até hoje em atividade.

Outras sociedades consideradas misteriosas surgem no final do século XIX: as Lojas Maonicas. Uma sociedade filantrópica “secreta”, ou “discreta” como prefere chamar o autor Schierholt (2002, p. 363), esteve filiada  Grande Loja Maonica do Oriente do Brasil. A primeira surgiu em Taquari em 1883, seguida da Loja Fraternidade Estrelense em Estrela no ano de 1897. Em Teutônia, surgiram duas: a Rosa de Teutônia, de abril de 1899, e a Luz de Teutônia, de janeiro de 1900. Esta última Loja Maonica citada possui registros no Museu Henrique Uebel de Teutônia, sem a informaao de autor e data do registro, afirmando que suas atas eram redigidas em alemão. Além disso, informava que os membros eram

²³ Picada *Franck*, localidade habitada por imigrantes alemoes *westfalianos*.

convidados de acordo com sua liderança cultural, econômica, política e social nas localidades da colônia.

Os maçons ou pedreiros-livres certamente exerceram acentuada influência das diversas comunidades, porque seus membros eram a 'elite pensante das colônias'; exerciam, geralmente, as profissões de prósperos colonos, comerciantes e professores, assim como eram membros ativos das diversas diretorias das sociedades recreativo-culturais (LANG, 1995, p. 31).

De acordo com a afirmação acima do autor local Guido Lang (1995), esta sociedade influenciou o desenvolvimento da localidade e das outras sociedades recreativas e culturais. Se esta sociedade filantrópica teve influência, não foram encontradas evidências precisas. Outro dado encontrado neste mesmo museu refere-se à destruição da sede dos maçons, que foi incendiada em 1922.

O ponto principal desta dissertação trata das sociedades teuto-brasileiras esportivas e recreativas, que ganharão destaque no capítulo seguinte, no qual trataremos da fundação das associações até sua forma mais organizada em Estrela. Além disso, relacionaremos o germanismo cultivado por elas, suas práticas, seus sócios, bem como a movimentação política da época em relação à condição dos teuto-brasileiros como cidadãos brasileiros. Este contexto político é fundamental para o objeto deste estudo, além de contribuir para a identificação da posição deste grupo frente ao governo federal, estadual e municipal antes de sua modificação nos períodos de realce nacionalista.

5 OS PRIMÓDIOS DO *TURNEN* E DO ESPORTE NAS ASSOCIAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS DE ESTRELA

As primeiras manifestações do *Turnen*, bem como as práticas esportivas estão relacionadas ao cultivo do germanismo pelos imigrantes alemães e teuto-brasileiros. Após estabelecerem-se nas colônias, suas ações voltaram-se à organização em comunidade, criando as associações esportivas. Uma associação, de acordo com Boudon (1990, p. 16), é o agrupamento de duas ou mais pessoas em prol da defesa de seus direitos, da propagação de suas idéias e da realização de um objetivo em comum.

Por um lado, as associações constituem um escalão intermédio entre o Estado e o indivíduo (ou os grupos primários); por outro lado, facilitam a integração social de cada um e a aprendizagem da vida colectiva [SIC]. É assim que as associações constituem o lugar reconhecido de uma expressão que pode ter certa influência sobre as decisões políticas e ser fonte de uma mudança social (BOUDON, 1990, p. 16).

Nas associações os imigrantes alemães preservam seus costumes, seu germanismo, suas tradições por meio de práticas e representações que simbolizavam a identidade étnica teuto-brasileira. Estas se constituem em espaços de sociabilidade, de formação de lideranças, de estabelecimento de contatos comerciais e de atualização sobre as informações étnicas (SEYFERTH, 1999; SILVA, 2006). Na maioria das associações não era permitida a filiação de pessoas de diferentes etnias, admitindo-se somente teuto-brasileiros. Esta situação favoreceu o distanciamento dos demais grupos étnicos que também imigraram para o Brasil.

A população de teuto-brasileiros não tinha os seus direitos de cidadão definidos, como vimos no capítulo anterior. Mesmo os descendentes nascidos no Brasil ou alemães naturalizados eram tratados como estrangeiros e tinham cidadania limitada. Isto gerou certo isolamento social e até mesmo a marginalização do imigrante alemão, que tenta se inserir na cultura brasileira e “esconder” sua cultura de referência.

O Rio Grande do Sul, em meados da década de 1860, sofria a influência de um movimento liberalista filosófico liderado pelas principais cidades e colônias que tinham à sua frente os *brummer*. Este movimento buscava reconstruir esta identidade quase já esquecida pelos teuto-brasileiros, fundamentada no germanismo, que seria cultivado através da participação nas decisões políticas da província, na

formação e atuação nos órgãos de imprensa²⁴ e na constituição de escolas e sociedades culturais e recreativas.

Vale lembrar que, mesmo sem a nacionalidade brasileira, os teuto-brasileiros apoiaram o governo nas sucessivas batalhas por questões políticas internas e para firmar a sua fronteira. Após esta conjuntura de disputas, onde permanecia a fragilidade da demarcação política de fronteira e a expectativa por novas invasões, foi criada a primeira associação que incorporou práticas esportivas em Estrela, a *Kriegerverein* (“Sociedade de Guerreiros”) situada em Linha Clara, em Teutônia, no ano de 1874. Esta sociedade foi fundada pelos ex-combatentes alemães - os *brummer* - das guerras da Prússia contra a Dinamarca (KILPP, 2010).

Na *Kriegerverein*, percebemos a ação dos legionários na reconstrução e no cultivo do germanismo na região, mas infelizmente não foram encontrados muitos dados sobre esta associação, pois todos os seus documentos foram queimados na década de 1930, em decorrência das ações do Estado Novo. Durante muitos anos, esta fora a única associação da região, sendo que uma das práticas incorporadas foi o bolão²⁵, em 1875. O bolão, também, era praticado nas casas comerciais (chamadas de armazéns) em Estrela, onde localizavam-se canchas para este jogo em dois estabelecimentos²⁶.

Antes de prosseguir delineando as práticas esportivas da *Kriegerverein*, cabe referir o contexto social e político que permeou a trajetória desta associação nos primeiros anos de sua fundação.

Desde 1870, já se percebe um movimento político liderado pelos militaristas que estavam em constante agitação para a tomada do poder imperial; vinha se propagando a campanha republicana no país com Benjamin Constant, Quintino

²⁴ Desde 1852 existiram 17 jornais politicamente engajados e 14 publicações de sociedades alemãs no Rio Grande do Sul (RAMBO, 1999, p. 293).

²⁵ O bolão, praticado na Alemanha desde 1768, consiste em derrubar o maior número de pinos jogando cinco bolas. Originou o boliche, com algumas diferenças: a bola do bolão pesa 10 ou 11 kg e são nove pinos (www.kegelsport.com.br). Este esporte está presente na cidade desde o último quarto do século XIX, sendo a forma de associação mais encontrada nos armazéns (casas comerciais), como prática de lazer.

²⁶ Outra prática que se instala na região é o turfe, em 24 de dezembro de 1887, com a criação do Prado da Vila de Estrela na fazenda de Felisberto Fagundes Mena Barreto, um dos fundadores de Estrela. Conforme os estatutos realizavam-se neste prado “corridas de cavalo e de velocípedes” (bicicletas) (HESSEL, 2004. p. 76). Os velocípedes apareceram pela primeira vez em Estrela no ano de 1888, mas tiveram vida efêmera, talvez por ser uma cidade rural. O turfe perdurou por mais tempo, mas o prado acabou encerrando suas atividades.

Bocaiúva, Rui Barbosa e o líder militar general Deodoro da Fonseca. No Estado, a liderança era de Júlio de Castilhos e Barros Cassal.

Com a Abolição da Escravatura em 1888, os latifundiários perderam a força e os republicanos declaram revogado o Império no Brasil, em 15 de novembro de 1889. Com a Proclamação da República, o marechal Deodoro da Fonseca assumiu o comando do país. Logo em seguida, em 1891, o poder passa ao “marechal de ferro” Floriano Peixoto (RAMBO, 1999). Neste mesmo ano de 1891, a Constituição Federal incluiu a lei de naturalização como forma de regularização dos estrangeiros residentes no Brasil.

A maioria dos teuto-brasileiros, pouco se importava com a política e às vezes sabiam mais do que acontecia na Alemanha do que em sua nova terra. Mas Estrela era uma das 13 colônias onde os imigrantes alemães apresentavam entusiasmo em se naturalizarem ou se qualificarem como eleitores (cidadãos); havia aproximadamente 30 pessoas naturalizadas. As outras oito colônias não possuíam imigrantes naturalizados e as restantes uma ou duas pessoas (RAMBO, 1999).

A situação de indiferença dos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul começou a ter outro rumo com a atuação, principalmente, de Karl Von Koseritz e Friedrisch Hänsel desde 1880. Além destes, outros nomes da frente liberalista da Alemanha circulavam nos meios políticos da província, influenciando os teuto-brasileiros das colônias a se naturalizarem para tornarem-se eleitores e, assim, elegerem um representante teuto-brasileiro para uma cadeira legislativa. Este foi um dos meios utilizados pelos teuto-brasileiros para exigir seus direitos; outro principal meio de atuação dos teuto-brasileiros para modificar a situação foram alguns jornais que incentivavam os teuto-brasileiros a se interessarem mais pela política para fins de cidadania (RAMBO, 1999).

Os teuto-brasileiros da região de Estrela provavelmente estavam cientes dos acontecimentos políticos, e souberam da derrocada da Revolução Federalista em 1893, com o golpe republicano para a retomada do poder, assumido pelos federalistas. Iniciou-se a perseguição aos federalistas. Rambo (1999, p. 180) relata que pessoas influentes de Estrela tomaram partido pelos federalistas e, somente perceberam que estes não lutavam pela liberdade, quando chegaram à região espalhando assaltos e assassinatos.

O primeiro ataque foi ao centro comercial e político da cidade de Estrela pelas tropas revolucionárias, no dia 27 de maio de 1893. Em torno de vinte federalistas de

Soledade entraram em Estrela e, depois de um combate com armas brancas com a Guarda Municipal, mataram dois policiais e assumiram a Intendência Municipal. Naquela ocasião, vários colonos se juntaram aos rebeldes e encorajaram novos assaltos; a população estava dividida. Com a aproximação das forças legalistas de Taquari sob o comando de Lautert, o intendente fugiu e os revolucionários se retiraram (DIEL, 1951; RAMBO, 1999).

Depois de cinco meses, houve o segundo ataque que foi muito pior. As tropas federalistas atacaram as casas comerciais de Arnt, May, Kutscher, Sommer e Volz. “Na ocasião, a Associação Colonial criada para proteger a colônia, infelizmente bandeou-se quase que por inteira para o lado dos invasores, não lhes opondo resistência” (RAMBO, 1999, p. 180), citação do autor referindo-se, provavelmente, a *Kriegerverein*.

Em contrapartida, Lang (2005) e Roche (1969) relatam que os moradores da localidade se organizaram em uma defesa mútua bem sucedida contra os saques e assassinatos. Os sócios da *Kriegerverein* armaram uma emboscada para esperar um bando de federalistas que rondavam a região, atirando contra o acampamento destes, e assim, defenderam a região dos ataques realizados pelas tropas.

É possível que tal associação, com o nome de *Kriegerverein*, tivesse mesmo a finalidade de proteção da região de Estrela e fosse resultado da iniciativa da Liga Colonial citada por Rambo (1999, p. 180). O autor Sommer (1984, p. 17) em seu livro sobre Teutônia e Estrela relata que “os colonos, diante de saques e barbáries, obrigaram-se a se organizarem em grupos de defesa própria, chamados de *Selbstschutz*”. Estes grupos foram fundamentais na proteção das colônias e dos bens materiais e famílias destes imigrantes, principalmente durante a Revolução Federalista.

As citações acima são controversas, porém podemos fazer uma análise dessas fontes históricas. A primeira (RAMBO, 1999) é a tradução de uma obra dos 100 anos de imigração alemã, publicada em 1924 na língua alemã e que, possivelmente, teve o aval do governo para tal, caracterizando-se como uma obra “oficial”. A segunda, do autor Lang, é publicada em Estrela, com os próprios encargos de um autor local em uma época onde a discórdia havia sossegado. O terceiro autor, Roche, francês, desenvolveu uma obra extensa de dois volumes, publicada também em uma época onde, talvez, o nacionalismo havia abrandado, e que confirma a ação da sociedade na defesa dos lares dos moradores locais. Por fim,

Sommer, também autor local, relata um fato que apoia a constituição da associação de defesa. Deixamos os fatos seguintes cunharem outras interpretações visando o entendimento dos períodos políticos contextualizados.

No ano de 1894, os federalistas ainda empreenderam diversas incursões pela região de Taquari, mas os assaltos também foram realizados pelas tropas republicanas no território de Estrela. Contudo, os federalistas foram vencidos, assumindo o governo estadual Prudente de Moraes (RAMBO, 1999, p. 185). Em Estrela, o subintendente Pércio Oliveira Freitas assumiu o cargo em 1894 e permaneceu até 1900, tomando medidas severas para garantir a ordem pública (DIEL, 1951, p. 2).

O partido republicano, desde o início da república, sempre esteve no poder, mesmo com estas revoluções de outras facções. Com a morte de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros assume o posto do governo e permanece de 1898 a 1908 e de 1913 a 1923, estando à frente da campanha nacionalista da Primeira Guerra Mundial (RAMBO, 1999, p. 188). Ao mesmo passo, em 1910, a colonização e a imigração perdem força devido aos preços altos dos lotes de terras oferecidos pelas companhias colonizadoras. Além disso, o governo propõe a colonização mista para evitar núcleos homogêneos de imigrantes, expressando já um movimento em prol de uma identidade cultural brasileira e estimulando a assimilação cultural, o que desmotivou a imigração.

Até o início do século XX, o Brasil seguiu acolhendo imigrantes de diversas etnias tendo em vista a intenção de “clareamento” da nação. Gradualmente sentiu-se a necessidade de construir uma identidade nacional e os direitos de cidadão destes imigrantes foram sendo exprimidos. Nesse movimento, a identidade étnica teuto-brasileira começa a ser problematizada, refletida e atualizada, não apenas pelo cultivo de suas tradições, mas também pelo processo educativo através da escola e dos jornais na língua alemã (SILVA, 1997, p. 50). Todavia, os imigrantes alemães não formavam um aglomerado de pessoas com concepções políticas idênticas. Para alguns, o envolvimento com sua origem, língua, costumes e condutas, extrapolava os limites do germanismo. Esta ideologia, segundo Gertz (1991, p. 32) tomou proporções dificilmente definidas, mesmo que seja possível relacioná-la com o interesse da Alemanha pelos seus emigrantes já desde o final do século XIX.

A Lei de nove de junho de 1897, que foi proposta pelo governo alemão, assumia oficialmente uma política para os emigrantes. Esta estratégia era possível,

visto que no ano de 1895 cerca de 80% do total de importações do Rio Grande do Sul procediam da indústria alemã e a maior parte dos estabelecimentos industriais do Estado estava nas mãos dos teuto-brasileiros (DA CUNHA, 2003). As estratégias da Alemanha para desenvolver um mercado cativo no Sul do Brasil envolviam a política de preservação e manutenção do germanismo e o remanejamento das emigrações para as regiões de seu interesse. Ainda, fomentaram “a subvenção de escolas alemãs, a contribuição financeira concedida à igreja luterana, o auxílio concedido às sociedades recreativas e culturais e suas filiações a ligas de sociedades alemãs no estrangeiro” (VOGT, 2003, p. 85). Todavia, não foi encontrada nenhuma evidência de auxílio financeiro às sociedades recreativas e culturais de Estrela.

Para a Alemanha as estratégias foram um fracasso, pois com a passagem de uma economia agrícola para industrial, houve o fim da emigração em massa e a maioria dos emigrantes alemães do Estado não aspiravam nada mais a não ser a manutenção de seus laços culturais e comerciais com o país de origem (DA CUNHA, 2003). Esta afirmação pode ser muito generalista, pois alguns imigrantes alemães e teuto-brasileiros foram sim influenciados pela ideologia pangermanista, que estimulava a endogamia e difundiu preceitos racistas, passando a ter problemas dentro do grupo e na sua relação com os outros. Esta agitação já aparece antes mesmo do início da Primeira Guerra Mundial gerando crises entre os imigrantes e o governo brasileiro (ROCHE, 1969). Durante este período conturbado do final do século XIX e percebendo-se certo tensionamento na relação dos teuto-brasileiros com o governo.

Este contexto político repercute na *Kriegerverein*, que passa a ser regida por novos objetivos e muda seu nome para *Schützenverein* (Sociedade dos Atiradores), porém mantendo ainda o idioma alemão (LANG, 1995). A mudança de nome implicou também na perda do caráter militar de treinamento para defesa fomentada até então na sociedade, que passa a oferecer atividades voltadas para o lazer. Neste caminho, a sociedade passa a oferecer a prática do tiro ao alvo juntamente com o bolão, que já era tradicionalmente jogado entre os associados.

No princípio do século XX, jovens da elite teuto-brasileira²⁷ e os caixeiros viajantes luso-brasileiros Adolfo Gonçalves e Alfredo Goulart fundaram a primeira

²⁷ Alberto Dexheimer, Artur Francisco Preussler, Clemente Ruschel, Conrado Hemb, Cristiano Oscar Doedtel, Filipe Lepoldo Dexheimer, Rodolfo Bernhardt e Walter Bernhardt,

sociedade ginástica²⁸ denominada *Turnverein Estrela* instalada no Hotel Bentz, no ano de 1907²⁹. Os primeiros sócios eram pequenos burgueses industriais, seus funcionários mais graduados, bancários, hoteleiros, religiosos, professores, enfim, toda a elite social e cultural de Estrela. O primeiro instrutor de ginástica foi Arthur Preussler (HESEL, 2004; SCHIERHOLT, 2002).

Desde o início da *Turnverein Estrela* parece haver uma preocupação de não restringir a sociedade aos teuto-brasileiros, tendo já nos membros de fundação dois nomes de origem luso-brasileira, diferentemente das demais sociedades de *Turnen* do Estado. Porém estes nomes eram de caixeiros viajantes, ou seja, homens que negociavam produtos entre casas comerciais e, por isto, nunca permaneciam somente em um lugar. Parece que estes incentivaram a criação da sociedade, porém não permaneceram como membros da diretoria da mesma. Nos cadernos de cobrança de sócios da *Turnverein Estrela* relativo ao ano de 1907, estão registrados os sobrenomes de origem luso-brasileira, como Ortiz, Ferreira, Pontes e Ribeiro, confirmando que esta sociedade estava aberta aos demais grupos étnicos da região desde o princípio.

Os cadernos de cobrança, assim como outros documentos do clube eram redigidos em idioma alemão. Esta situação poderia restringir o ingresso de sócios que não fossem teuto-brasileiros. Por outro lado, vemos que a população luso-brasileira também estava ambientada com o idioma alemão, visto que eram sócios e recebiam instrução, circulares e convites todos neste idioma.

A *Turnverein Estrela*, como as demais sociedades de ginástica, desde o princípio e durante muitos anos adotaram o idioma alemão (FLORES, 2004; SILVA, 2006), que era o idioma oficial da Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul. Esta Liga reunia as sociedades de ginástica de várias regiões do Estado e realizava festivais de ginástica, anualmente, exceto nos períodos de guerras (TESCHE, 1996). A *Turnverein Estrela* em seguida a fundação filiou-se a Liga e começou a participar das comemorações de datas cívicas relacionadas à Alemanha: homenagens a personalidades como Wilhelm II, Otto von Bismarck e Friedrich Ludwig Christoph Jahn (TESCHE, 1996). As festividades cumpriam a função de afirmar, comunicar e

²⁸ A palavra ginástica foi utilizada para substituir o termo *Turnen*, embora não fosse o mais adequado para englobar todas as atividades desenvolvidas na prática do *Turnen*. Porém, com a obrigatoriedade do idioma português no período do Estado Novo, este foi o termo utilizado por todas as sociedades na tradução de seus nomes.

²⁹ Atualmente, esta sociedade é denominada Sociedade Ginástica Estrela (SOGES).

catalisar a identidade etno-cultural dos imigrantes e descendentes fortalecendo o sentimento de pertencimento a um grupo por meio do *Turnen*.

Para compreender a complexidade do *Turnen*, voltamos à Alemanha do início do século XIX, período onde o *Turnen* foi gerado “como forma específica de exercícios e jogos físicos” do espírito nacional alemão, no contexto da formação e consolidação do Estado nacional alemão (KRÜGER, 2011). Além dos exercícios físicos e da prática da ginástica de aparelhos (atual ginástica artística), o *Turnen* compreendia cantos de exaltação da pátria, caminhadas pela região e cultivo da comunidade. O *Turnen* era a expressão da identidade alemã na cultura dos exercícios físicos que ultrapassava a fronteira do *Reich* (primeiro império alemão) e era cultivado em outros países.

De acordo com Krüger (2011, p. 15), no final do século XIX, o *Turnen*, símbolo da cultura física dos alemães é incluído como disciplina regular nas escolas alemãs, pela iniciativa dos imigrantes que chegaram ao sul do Brasil no período. Tanto nas escolas quanto nas sociedades esportivas teuto-brasileiras, a ginástica, inspirada em *Jahn* foi transformada em instrumento pedagógico na preservação da identidade étnica teuto-brasileira. “O *Turnen* visava educar, não para uma ação política, mas para uma consciência nacional e para desempenhos físicos sem quaisquer objetivos” (TESCHE, 2001).

No Brasil, a tensão étnica gerada através das estratégias de assimilação cultural criada pelo governo, principalmente na educação, dividiu opiniões nos grupos étnicos estabelecidos no Rio Grande do Sul. Uma das estratégias foi a criação de escolas públicas nas colônias de imigrantes europeus. De acordo com Meyer (2000, p. 66), a matrícula nas escolas públicas e o conseqüente abandono do idioma alemão nas escolas e, sucessivamente, no cotidiano familiar, consistiram em um problema para o germanismo que pretendia preservar a cultura nas colônias, principalmente, desencadeado pela religião evangélica (protestante). O *Turnen* também é marcado pelo protestantismo, visualizado através do valor *fromm* (devoto) indicado no lema ginástico dos quatro efes: *frisch, fromm, froh, frei* (vigoroso, devoto, alegre e livre) (KRÜGER, 2011, p. 25). Esta prática estava presente também em escolas católicas e judaicas, mas em menor escala.

Conferindo grande importância a educação, o intendente municipal de Estrela Manuel Ribeiro Pontes Filho, que governou de 1909 a 1924, foi um incentivador na alfabetização brasileira do município e do acesso ao idioma nacional. Aferindo um

grau mínimo de português por parte do professor da escola alemã, a Intendência Municipal (Prefeitura) passava a dar-lhe subvenção mensal que, de acordo com Hessel (2004, p. 81), “melhorava um pouco seus vencimentos, aliviava o bolso dos pais dos alunos (cujas mensalidades é que sustentavam tais aulas) e dava oportunidade de as crianças tomarem contato, ainda que precário, com a língua oficial de sua cidadania”.

As escolas bilíngües eram escolas alemãs identificadas como “subvencionadas pelo poder público”, pois tinham o compromisso de ensinar em língua portuguesa em troca de subsídios públicos e eram, em 1917, em número de 21 escolas. Além destas, no mesmo ano 23 foram fundadas pelo Estado e 26 pela Intendência Municipal. Em 1919, um concurso público federal coloca em ação professoras normalistas para atuarem na alfabetização da língua portuguesa em mais 13 locais do município (HESSEL, 2004, p. 84).

Mesmo com o incentivo à alfabetização em língua portuguesa, Schierholt (2004, p. 220) apresenta dados do ano de 1912 que revelaram a presença de 1.828 alunos nas escolas particulares, enquanto que somando as escolas públicas, municipais e subvencionadas chega-se a um total de 770 alunos. Outros dados apresentados pelo mesmo autor (2004) referem 11 “aulas” (denominação dada para qualquer local onde havia ensino) que não recebiam subvenções públicas no ano de 1916, pois se tratava do ensino somente em idioma alemão. Estes locais tinham a peculiaridade de serem localizadas principalmente na zona rural (Distritos), localidades ainda com acesso dificultado.

Os dados mencionados acima abrangem o período anterior a Primeira Guerra Mundial, observando-se, um movimento em prol do abasileiramento das escolas fomentado pelo governo estadual e municipal nas colônias alemãs, visto que havia um auxílio destes órgãos públicos para a introdução da língua portuguesa. Nestas escolas o ensino era gratuito como também o fornecimento do material escolar e dos livros. Era uma estratégia do governo para incentivar a matrícula nas escolas, visto que os materiais nas escolas particulares ficavam todos por conta dos pais.

Até o ano de 1917, o Brasil não possuía nenhuma lei de proibição do idioma alemão e suas manifestações. Porém, a pretensão do governo de abasileirar as comunidades com grande concentração de imigrantes alemães e a entrada do país na guerra, aliado aos inimigos da Alemanha, leva a medidas duras contra os teuto-brasileiros (RAMOS, 2000). Os conflitos acentuaram-se e os imigrantes alemães

tornaram-se alvo de tensões, sendo considerados atores de conspirações e intrigas frente ao Estado (MAGALHÃES, 1998).

O governo adota medidas contra os quistos étnicos, sendo as mais significativas: proibição da língua alemã não somente nas escolas, mas também nas sociedades culturais e esportivas; a troca compulsória do nome para o português; registro obrigatório dos estatutos e atas e, nas escolas, livros e planos para a língua portuguesa. Essa intervenção fechou diversas escolas e associações; aquelas que não fecharam, tiveram que se adequar às regras, mudar de nome, mudar seus estatutos, atas e datas comemorativas.

Para as ações empreendidas junto aos principais grupos étnicos do Estado, o governo contou com o apoio da Liga de Defesa Nacional (LDN)³⁰ (SCHIERHOLT, 2002, p. 67). Outra medida que contou com a supervisão da LDN, além de um apoio policial, foi a substituição das comemorações cívicas dos alemães por festividades que homenageavam heróis e datas brasileiras, de forma a “contribuir para a formação da consciência nacional” (RAMOS, 2000, p. 154).

Através das fontes, identificamos que houve uma mudança legal em relação às nomenclaturas de ruas e bairros (TOTH; DINIZ, 1926). Esta mudança de nome dos bairros para o português não foi somente a sua tradução, mas sim uma “homenagem” aos heróis brasileiros e rio-grandenses. O Ato nº 6, de 15 de novembro de 1919, alterou o nome das seguintes localidades do município: *Berlim* para Almirante Barroso (herói militar brasileiro), *Bismark* para Olavo Bilac (poeta parnasiano brasileiro, um dos intelectuais que discursou em prol da campanha nacionalista³¹), *Köln* para Castro Alves (poeta brasileiro), *Glück Auf* para General Canabarro (herói rio-grandense da Revolução Farroupilha), *Möltke* para Marechal Mallet (patrono da artilharia do Brasil), *Krupp* para Paissandu (nome surgido na guerra do Paraguai) e Frederico Guilherme para 11 de novembro (data provavelmente relacionada ao armistício que deu fim a Primeira Guerra Mundial) (HESSEL, 2004, p. 26).

³⁰ A LDN foi criada em 1916 e instalada no Rio Grande do Sul em 1937, sendo seu presidente o interventor do Estado o general Osvaldo Cordeiro de Farias. Tinha a finalidade principal de incentivar o civismo e patriotismo no país. Por iniciativa da LDN, a Semana da Pátria passou a vigorar e o ensino da língua portuguesa passou a ser obrigatório nas colônias de imigrantes. Junto com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) realizavam caravanas nacionalistas e difundiam comemorações de datas cívicas com exaltadas demonstrações de brasilidade (MAZO, 2003).

³¹ Mais detalhes ver em MARTINS, Jefferson T. Olavo Bilac e a campanha nacionalista no Rio Grande do Sul (Parte 1). In: Revista história e-história. São Paulo: UNICAMP, 2010. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=338>.

Entre as cidades mais atingidas pelas intervenções nacionalistas estavam São Leopoldo³², Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, visto que possuíam maior número de associações teuto-brasileiras. A cidade de Estrela também foi atingida pelo movimento, porém foi uma “campanha nacionalista de forma racional, sem aberrações”, diz Schierholt (2002, p. 67). Isto talvez se deva ao intendente municipal Manuel Ribeiro Pontes Filho que incentivou a integração à nacionalização dos habitantes de Estrela e distritos. Suas ações estavam direcionadas, principalmente, a educação em língua portuguesa nas escolas.

Outra medida foi a realização dos festejos nacionais, como o sete de setembro, com uma programação que envolvia a população da cidade, suas escolas e suas associações. A Intendência Municipal organizou a festa no quartel do Tiro Brasileiro nº 227, onde fez o hasteamento da bandeira e entoou-se o hino nacional. O restante dos festejos foi por conta do Grêmio Literário Estrelense que realizou uma sessão cívica em homenagem à data “magna” de sete de setembro (SCHIERHOLT, 2002, p. 68).

Outra forte ação, ainda durante a Primeira Guerra, foi em relação à Confederação de Tiros de Guerra, criada pelo Decreto-Lei nº 3361 de 26 de outubro de 1917. Por meio deste Decreto, as sociedades de tiro ao alvo e as escolas de instrução militar foram incorporadas pelos Tiros de Guerra. Estes visavam a preparação militar de reservistas para o exército brasileiro, diferentemente das sociedades e clubes que, neste período, tinham caráter esportivo e recreativo, mas também de preparação militar, pois seus sócios tornavam-se reservistas.

Cada Tiro de Guerra precisava criar sua diretoria mantenedora geralmente formada pela elite econômica do local. Na região foram criados três Tiros de Guerra: Tiro de Guerra nº 227; Tiro de Guerra nº 648; Tiro de Guerra nº 298. No primeiro, datado de 28 de maio de 191, localizado na sede de Estrela, sua diretoria era integrada pelo prefeito Manuel Pontes Filho e dois membros da *Turnverein Estrela*, Alberto Dexheimer e Alberto Ruschel, sendo o instrutor de tiro o tenente João Marques da Cunha. Em seguida, foi fundado o Tiro de Guerra número 298, em 25 de janeiro de 1917, no Distrito de Corvo, presidido por Pedro Brentano Sobrinho,

³² A respeito do assunto recomenda-se a leitura da seguinte pesquisa: RAMOS, Eloísa. O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras – São Leopoldo 1858-1930. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

sendo instrutor o segundo sargento Innocencio Machado Bittencourt. O Tiro de Guerra de número 648, fundado em 6 de janeiro de 1920, no Distrito de Teutônia, cuja diretoria mantenedora era formada por teuto-brasileiros, presidida por Henrique Afonso Hoffmann e seu instrutor era o primeiro instrutor do Tiro de Guerra nº 298, que passou a instruir o tiro ao alvo nesta associação (SCHIERHOLT, 2004, p. 181; TOTH e DINIZ, 1926, p. 124). O Tiro de Guerra nº 648 incorporou a *Schützenverein* de Linha Clara³³, que desde então se manteve aos cuidados do Estado. Através destes Tiros de Guerra e também das Escolas de instrução Militar, que permaneceram até 1945, o serviço obrigatório era cumprido sem que os jovens saíssem da própria cidade onde moravam, assim forneciam mais de 500 reservistas para a pátria (SCHIERHOLT, 2002, p. 181).

Diferente de várias sociedades teuto-brasileiras do Rio Grande do Sul que foram incorporadas ou fecharam durante o conflito, a *Turnverein Estrela* manteve-se em atividade e com o nome original. Esta evidência foi extraída dos documentos internos e nas divulgações nos jornais locais, entretanto mudou seu regimento em relação às atas e estatuto. De acordo como Müssnich (1921), as mudanças ocorreram de forma “madura” e “espontânea”, que o “meio e o convívio” exigiram. Também realizou eventos em datas nacionais brasileiras, como o sete de setembro (TOTH; DINIZ, 1926, p. 87-8). Dentre os documentos da sociedade que foram consultados, o livro de registro de sócios foi um que mudou o idioma alemão para a língua portuguesa no ano de 1918.

Os estatutos desta sociedade somente foram registrados em três de junho de 1911, no idioma alemão e em 1917 foram redigidos na língua portuguesa³⁴. De acordo com um relato histórico encontrado no acervo da sociedade, “a maioria esmagadora” dos sócios da associação resolveu transcrever os estatutos para o português para “despi-lo do seu caráter germânico” e “salvaguardar a sobrevivência do clube”. Ainda registra que para “algumas pessoas” isto não foi compreendido.

“Mas quem conhece as condições políticas e sociais de Estrela, sabendo com quantos sacrifícios e dedicação ímpar a sede fora construída, haverá de concordar e dar razão aos dirigentes de 1917, porque - embora a língua protocolar e oficial sendo atualmente a portuguesa – a vida e o caráter da

³³ A *Schützenverein* passa a denominar-se Tiro de Guerra nº 648, sendo atualmente denominada de Sociedade Cultural e Recreativa (SCR) da Linha Clara.

³⁴ Relatório sucinto da história do *Turnverein Estrela*, no idioma alemão, elaborado pela diretoria da sociedade em 17 de agosto de 1928, assinado por Alberto Dexheimer, que foi o fundador e primeiro presidente da sociedade. O relatório foi enviado para publicação em um jornal de São Leopoldo.

sociedade conservam suas características fiéis à etnia alemã em modos e costumes, e assim continuará” (SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA, 17 de agosto de 1928).

Isto tudo foi relatado, provavelmente, devido ao veto em relação a um pedido de entrada da *Turnverein Estrela* na *Turnerschaft* (Federação de Ginástica), cujo presidente era Aloys Friedrichs, durante uma assembléia realizada em São Leopoldo, em 1921. Esta Federação “insistiu em confirmar os princípios originais de seus Estatutos³⁵”, conforme relato do emissário da *Turnvereiren Estrela*, Affonso Maria Müssnich³⁶. Inclusive a referência a “algumas pessoas” deve estar relacionada aos dirigentes da *Turnerschaft* e aos presentes na assembléia que vetaram a entrada desta sociedade na mesma. Mesmo não fazendo parte da federação, as sociedades permanecem com a possibilidade de participarem dos campeonatos e das reuniões como “convidados”, sem direito de voto.

Na assembléia, de acordo com o relato de Affonso Maria Müssnich, o presidente Aloys Friedrichs discorre sobre as sociedades de costumes alemães antes da Primeira Guerra Mundial, os acontecimentos durante a guerra, seus efeitos e medidas a serem tomadas a partir disto. No relato há somente estes tópicos e as medidas que propunham a abolição dos nomes das sociedades com as expressões *Deutscher* e *Vater Jahn*, e adotar o nome da prática (*Turnverein*) em seu lugar. Estavam presentes representantes de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, Estação Sanders, Lajeado e Estrela.

Junto com estas ações que as sociedades de *Turnen* realizaram como prevenção à sua extinção, algumas ações de grupos nacionalistas também foram descritas no relatório histórico de 1928. De acordo com este relatório, ocorreu em Estrela um episódio de investida contra a estrutura física da *Turnverein Estrela*. A sua sede social, que foi inaugurada somente em 11 de novembro de 1916 (HESSEL, 2004), poderia ter sido queimada, se não fosse “um punhado de homens decididos e conscientes da grave situação e que estavam determinados a salvar o patrimônio da sociedade e a sua sobrevivência em si”. De acordo com Gertz (1991, p. 21) poucos arriscariam a vida pela “decantada germanidade”.

³⁵ Os estatutos admitiam o ingresso na Federação somente das sociedades ginásticas que usavam em suas expressões técnicas (comandos) e nos protocolos o idioma alemão.

³⁶ Relato da Assembléia da Federação Alemã de Ginástica (*Turnerschaft*), realizada em São Leopoldo no dia 6 de dezembro de 1921, na qual Affonso Maria Müssnich era “delegado” da *Turnverein Estrela*.

A *Turnverein Estrela* passou por momentos difíceis durante a Primeira Guerra Mundial, não somente nos seus princípios de germanidade despedaçados pela mudança de idioma na sociedade, como também pela não aceitação desta medida preventiva frente às demais sociedades da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul. A sociedade estava passando por uma crise identitária, onde a origem alemã permanecia, mas não era aceita nem pela Federação e nem pelo estado. Porém, estas dificuldades iriam se atenuar com o fim deste período belicoso.

Após a Primeira Guerra Mundial, abrandou a pressão sobre os grupos étnicos, porém a preocupação dos teuto-brasileiros em demonstrar sua brasilidade durante seus festejos e comemorações percorreu todo o período entre guerras. O jornal “O Paladino” de 19 de novembro de 1921, por exemplo, descreve minuciosamente os festejos da data de 15 de novembro, data da Proclamação da República. Dentre as associações envolvidas estavam o Tiro de Guerra nº 227, que realizou um concurso de tiro para homens e mulheres, a *Turnverein Estrela*, que realizou apresentações de teatro e dança moderna, e o Grupo Escolar, com um desfile cívico “empunhando pequenas bandeiras brasileiras e rio-grandenses” (p. 2).

Outra data festejada foi o Dia da Bandeira, descrito pela edição número 12 de 27 de novembro de 1921 do jornal “O Paladino”, programado em conjunto pela *Turnverein Estrela*, pelo Grupo Escolar e pelo Tiro de Guerra nº 227. A *Turnverein Estrela* realizou o baile comemorativo; o Grupo Escolar prestigiou as atividades com as professoras e os alunos entoando os hinos à bandeira e nacional, além de declarações entusiasmadas ao Pavilhão Nacional (bandeira do Brasil) e o Tiro de Guerra nº 227 participou da programação com os concursos de tiro “Mulher Brasileira” e “Capitão Faria Corrêa³⁷”.

Nestes concursos de Tiro realizados todos os anos em datas cívicas, noticiados em sua maioria pelo jornal “O Paladino”, como o realizado em Roca Sales (Terceiro Distrito de Estrela na época), faziam entusiasmadas salvas à pátria. Nesta reportagem de quatro de junho de 1922, refere-se aos sócios atiradores como “ardorosos soldados do Tiro” e “defensores da pátria querida”. Além disso, sempre havia algum professor da localidade discursando em louvor à pátria, sendo que nesta reportagem a alocação “ergueu vivas ao Exército Nacional, ao Rio Grande do

³⁷ O Capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (www.ihgrgs.org.br).

Sul e à memória do General Ozório”. Ao final dos festejos, havia sempre uma confraternização e um baile, e nesta ocasião “foi oferecido aos sócios suculento churrasco a gaúcho regado à cerveja e chimarrão”, símbolos dos costumes gaúchos nas entranhas da cultura étnica teuto-brasileira.

Os símbolos da cultura gaúcha (churrasco e chimarrão) que eram citados e até mesmo usufruídos em comemorações de imigrantes também são uma afirmação de brasilidade. Esta era a forma de chamar a atenção das autoridades, um meio de demonstração de assimilação cultural, que, na verdade, eram costumes rio-grandenses e brasileiros de praticar a cultura étnica teuto-brasileira; uma representação de germanismo reorganizada e estruturada de forma a identificar uma brasilidade.

As datas cívicas brasileiras eram comemoradas como forma de patriotismo e brasilidade anualmente pela população de Estrela, conforme foi constatado pela consulta ao acervo do jornal “O Paladino”. Cabe ressaltar que este jornal se autodenomina “Folha Republicana”, o que pode ter influenciado na descrição mais exaltada das comemorações como meio de expor o patriotismo desta cidade para todo o Estado. Os sócios do jornal “O Paladino” eram filiados ao Partido Republicano da cidade.

Afora as reportagens onde a programação dos festejos era detalhada, o jornal local trazia dicas importantes para a antecipação de tais eventos da cidade. Um dos grandes eventos que desde a metade do ano de 1922 trazia informações conclamando a população para “preparar-se” era o centenário da Independência do Brasil. A primeira página da edição de 23 de julho de 1922 deste jornal, informava a distribuição do “hino da independência” para cada escola municipal e subvencionada pela prefeitura para que este fosse ensaiado pelos alunos “de modo a poder ser cantado em épocas oportunas, principalmente no sete de setembro próximo”. Este era “o desejo do governo do Estado” (jornal “O Paladino”, 23 de julho de 1922, p. 1).

Assim como as datas cívicas brasileiras passaram a serem comemoradas mais intensamente, neste período estavam surgindo novos esportes na localidade. Uma das práticas que surgiu foi o futebol, ainda praticado de maneira pouco expressiva na região desde o ano de 1921, tendo somente os clubes Grêmio Esportivo Estrelense e Sport Club Oriental em atividade (SCHIERHOLT, 2002, p. 319). Este esporte tornou-se conhecido em todo o Rio Grande do Sul a partir da década de 1930, período de auge nacionalista (MAZO, 2003).

Outra prática que começava a ter muitos adeptos era o bolão. Segundo Schierholt (2002), o primeiro clube fundado na região foi o *Club Unicum* no ano de 1921, provavelmente fundado para prática principal deste esporte, sem vínculo com outra sociedade. Porém, no jornal “O Paladino” de dois de outubro de 1921 relata uma reunião de constituição da “nova” diretoria do *Club Gut-Holz*, constituída por Clemente Ruschel e Alberto Dexheimer, nomes importantes da *Turnverein Estrela*, local, onde esta associação de bolão tinha sua prática. De acordo com uma nota de comemoração de seu aniversário, este grupo fundou-se em 1908, logo após a organização da sociedade de ginástica da cidade, sendo este o mais antigo clube de bolão que foi encontrado (jornal “O Paladino”, 15 de outubro de 1922, p. 1).

Outros grupos já realizavam a prática do bolão em casas comerciais, como forma de lazer desde o final do século XIX, principalmente nos comércios dos Distritos de Estrela da época, Teutônia e Corvo, como descrevemos no primeiro capítulo. Porém, a finalidade recreativa desta prática, sem princípios regedores, adiou a institucionalização destes grupos mesmo que filiados às sociedades.

A prática do bolão, apesar de ser hoje conhecida como tradicional dos grupos étnicos alemães, sempre teve associada a sua nomenclatura a palavra *club* que era característica norte americana. Apesar disto, poucos clubes dedicavam-se apenas a prática do bolão, sendo, a maioria, vinculados a uma sociedade esportiva. Estes grupos, quando representavam esta prática dentro da filosofia de uma associação esportiva, como no caso da *Schützenverein Linha Clara* de Teutônia e da *Turnverein Estrela*, sofreram do mesmo modo a ação nacionalista. Os encontros para jogar bolão também se configuravam em reuniões voltadas à discussão de diversos assuntos de ordem política, econômica e social, sendo que o idioma corrente era o alemão.

A prática do bolão foi impulsionada, principalmente, pela *Turnverein Estrela*, responsável pela formação de oito grupos, porém sua prática principal era o *Turnen*. Esta sociedade, junto com seus dirigentes e sócios, passou um período entre guerras onde se manteve fiel ao *Turnen*, porém, sem a filiação à Federação de Ginástica. Esta situação era ruim não somente pelo não reconhecimento, mas também por não promover a renovação da prática, realizada através dos instrutores alemães e através de revistas que vinham direto da Alemanha, regalias das sociedades que eram filiadas. Por este motivo, participava intensamente das

reuniões da Federação e dos eventos de ginástica, como convidada, sendo assim considerada uma sociedade co-irmã da Federação.

A Federação auxiliou a *Turnverein Estrela* com a ajuda de seu instrutor geral, o professor George Black, e apoio de dois nomes da associação, Bruno Schwertner e Geraldo Snel, para a contratação de um professor formado em cultura física na Alemanha, Leo Joas. A vinda do instrutor de ginástica, Leo Joas, mudou as perspectivas da sociedade. O seu discurso de apresentação é proferido em idioma alemão frente à diretoria da sociedade, onde ele relata as dificuldades enfrentadas no país de origem, a Alemanha, neste período pós-guerra e agradece a oportunidade de vir ao Brasil. Percebe-se, portanto, que os comandos voltam a serem proferidos no idioma alemão, visto que Joas era alemão e pouco tempo teve para que falasse o português com fluência.

A presença do novo instrutor conferiu ao movimento ginástico de Estrela um desenvolvimento técnico aferido nos resultados dos festivais (SCHINKE, 2007)³⁸.

Os bons resultados foram apreciados três anos após sua vinda, em julho de 1926, na Competição Regional da Região Jacuí, em Santa Cruz do Sul, e no Campeonato da Liga Rio-gradense de Atletismo na cidade de Porto Alegre e na Competição Regional da Região I (11ª *Gau-Turnfest* Porto Alegre) no mês de novembro. Neste mesmo ano, a Sociedade de Ginástica de Cruz Alta convidou a *Turnverein Estrela* para ser paraninfa na festividade de consagração da sua bandeira. Estes fatos revelam que a sociedade estava incorporada nas sociedades co-irmãs, mesmo não sendo filiada à Federação de Ginástica (SCHINKE, 2007).

O bom desempenho dos jovens ginastas nas competições pode ter sua motivação na disciplina imposta por Leo Joas. Nos relatórios manuscritos pelo instrutor, encontrados na *Turnverein Estrela* junto a lista dos 25 ginastas ativos da sociedade no ano de 1926, além das correspondências para a Federação de Ginástica vemos o quão sério era Joas na educação da juventude de Estrela, tarefa consignada ao *Turnen* nos princípios de Jahn. Esta postura provavelmente influenciou a indicação da *Turnverein Estrela* pela Federação de Ginástica para sediar o 1º *Gau-Turnfest* da Região III (Região Cahy – Taquari) em 1927. Neste mesmo ano, em agosto, comemorou-se o *Jahn – Feier* (nome dado à festa de aniversário do pai da ginástica Jahn), onde os ginastas fizeram apresentações,

³⁸ De acordo com o autor, no ano de 1924, Estrela era o menor município com 703 km², mas com 33 habitantes por km², era o mais densamente povoado depois de São Leopoldo (p. 578).

peças de teatro, canto coral e solenes discursos ao homenageado e sua doutrina. Nos documentos da sociedade também vimos que a programação está bilíngüe (português – alemão).

No começo da década de 1930, inicia-se um período de acentuação do preconceito racial e religioso na Alemanha, com o avanço da política de Adolf Hitler, e, no Brasil, com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas. No ano de 1930, o então governador do Estado Getúlio Vargas afastou-se do cargo para liderar a revolução e concorrer à presidência da república junto com João Pessoa, vice-presidente. De acordo com o jornal “O Paladino” de 22 de fevereiro de 1930, no dia da eleição obtiveram 3.244 votos em Estrela, cada um, sendo que os candidatos situacionais obtiveram somente quatro votos.

Este resultado demonstra que os estrelenses eram simpatizantes ao governador Vargas, mesmo que este estivesse engajado na busca da unidade brasileira e a homogeneização cultural dos grupos étnicos do país. Justamente, neste período, o presidente Vargas publica dois Decretos, o primeiro em 12 de dezembro de 1930 e o segundo em sete de janeiro de 1932, nos quais proíbe a imigração e o nacionalismo, conseqüentemente, ganhou força (PILATTI, 2006; ROCHE, 1969).

Ao mesmo passo, este período marca uma nova caminhada em prol do germanismo, realizado principalmente pela *Turnverein Estrela*, que ensaiou a reconciliação com a Federação Rio-grandense de Ginástica e implantou novos esportes em Estrela. Coincidentemente ou não, a reconciliação ocorreu logo após a troca do presidente da Federação, onde Aloys Friedrichs passa o cargo para Eduard Kunsminsky, este integrante da *Turnverein São Sebastião do Caí* (mesma região ginástica que Estrela). Este poderia ter sido o motivo para a aceitação da *Turnverein Estrela* como sociedade integrante da Federação de Ginástica. Porém, o nome que promoveu esta reconciliação foi George Black que, por meio de uma carta enviada em 25 de julho de 1931³⁹ ao *Turnverein Estrela*, propôs que esta sociedade, para fazer parte novamente da Federação, deveria utilizar “no salão de ginástica, no campo de esporte e na correspondência com a Federação” o idioma alemão. Em resposta, a diretoria, presidida novamente por Alberto Dexheimer, decide acatar a sugestão e filiar-se à Federação. A dissonância entre a *Turnverein Estrela* e a

³⁹ Carta escrita por George Black, em idioma alemão, para a *Turnverein Estrela* em 25 de julho de 1931 e traduzida por Werner Schinke.

Federação Riograndense de Ginástica durou 10 anos até que uma solução fosse encontrada.

A sociedade de ginástica de Estrela continuou firme em seus ideais. Porém, nesta década de 1930, vemos um crescimento do esporte coletivo na cidade. O futebol, que já era praticado de maneira pouco expressiva na região desde o ano de 1921, com apenas dois clubes, começa a surgir em todos os cantos da localidade a partir de 1931. Sua organização se deu com associações fundadas para esta prática divididas por bairros, grupos ou empresas.

Ainda na década de 1930, foi fundada a Liga de Futebol do Alto Taquari, envolvendo os municípios de Teutônia, Estrela, Corvo, Roca Sales, Muçum, Encantado, Arroio do Meio e Lajeado (HESSEL, 2004, p. 98). Esta Liga congregou associações de municípios colonizados por diferentes etnias, o que demonstra que o futebol se popularizou como um esporte “nacional”, praticado por todos. Porém, neste estudo que envolve associações esportivas, não somente de futebol, elegemos dois clubes que tiveram maior popularidade em Estrela, que é o caso do “Estrela Futebol Clube”, fundado em 17 de novembro de 1931 (DIEL, 1951, p. 16), e em Teutônia, que foi o “Grêmio Esportivo e Recreativo Canabarrense”, fundado em 24 de junho de 1931 com o nome de *Sport Club Teutônia*. Além de terem mais adeptos e disputarem mais competições, foram nestes dois clubes nos quais o acesso ao acervo foi mais facilitado.

Outros esportes coletivos tiveram sua ascensão nesta década. A Federação Riograndense de Ginástica por meio de uma circular do dia cinco de outubro de 1931 sugeriu que a *Turnverein* desenvolvesse a prática do “popular” esporte chamado Punhobol. A partir deste momento, todas as sociedades de ginástica promoveriam este esporte e aconteceria juntamente com o campeonato anual de ginástica, uma competição de punhobol entre as sociedades. Nas festividades dos 25 anos da *Turnverein Estrela*, no período de 26 a 29 de maio de 1932, também houve a competição de punhobol. Mesmo com o empenho da *Turnverein Estrela*, este esporte foi efêmero na localidade estudada.

No mesmo período na *Turnverein Estrela*, inicia-se a prática do basquetebol, esporte anglo-saxão que trouxe expressões inglesas para o português como *team*, *match*, *field* e *foul* (time, partida, campo e falta). O jornal “O Paladino”, de 15 de outubro de 1932, registra que o introdutor do basquetebol em Estrela e encarregado do departamento deste esporte foi o senhor Rudolfo Maria Rath, segundo mestre de

ginástica da *Turnverein Estrela*. O Departamento de Basquete da sociedade foi fundado em sete de outubro de 1931 e a quadra instalada nos fundos da sociedade, sendo posteriormente melhorada com iluminação e arquibancadas, a partir dos fundos arrecadados no “Festival em benefício das melhorias da quadra” no ano de seu aniversário (SCHINKE, 2007).

Inicialmente, a equipe *Basketball Estrela* da *Turnverein Estrela* foi um grupo criado para prática recreativa, porém os amistosos logo tiveram lugar na sua sede. Schierholt (2002, p. 333) cita aos registros de uma partida contra o time de basquetebol da Sociedade Ginástica de Santa Cruz do Sul, em 23 de janeiro de 1933. Neste mesmo ano, foi a vez da equipe de basquetebol da SOGIPA, que veio com a finalidade de parainfar a nova equipe e a primeira quadra da região do Vale do Taquari deste esporte, que viria a ser construída posteriormente, visto que a compra de terras para esta quadra, junto com um campo de atletismo, se deu em nove de maio de 1933 (TESCHE, 1996; SCHINKE, 2007).

A quadra de esportes coletivos ficava na sede central da *Turnverein Estrela*, e na sede campestre tinha duas quadras de tênis. Os esportes individuais também foram surgindo e oportunizando um maior número de práticas esportivas na região, porém foram bem menos expressivos. A fundação do Tênis Clube Estrela se deu em 21 de abril de 1933, como departamento da *Turnverein Estrela*, porém antes da fundação deste departamento, já se praticava este esporte na cidade sem vínculo associativo (SCHINKE, 2007; SCHIERHOLT, 2002).

O desenvolvimento esportivo proporcionado pela *Turnverein Estrela* através da introdução de diversas práticas como ginástica, atletismo, bolão, basquetebol, tênis, punhobol, também proporcionou um crescimento urbano através das quadras e campos esportivos construídos. Outros esportes tiveram participação importante na urbanização de Estrela. No dia dois de abril de 1933, foi inaugurada a quadra do Grêmio Esportivo Estrelense (SCHIERHOLT, 2002, p. 333), que posteriormente ocupa o local onde era o campo esportivo da *Turnverein Estrela*, construindo ali o então Estádio Walter Jobim (hoje Estádio Aloysio Schwertner).

Nos dias 24 e 25 de outubro de 1936 ocorre o maior evento esportivo da cidade, no âmbito da ginástica: o 1º Campeonato de Ginástica Regional da Região II Jacuí – Taquari (1º *Gau Turnfest*). De acordo com o noticiado no jornal “O Paladino” de 10 de outubro de 1936: “Estrela será o centro das atenções de todos quantos se interessam pelas competições de ginástica em nosso Estado” (p. 2). Ainda na

mesma reportagem, o jornal afirma a participação de 70 ginastas de ambos os sexos provenientes de Santa Cruz do Sul, além de 40 de Cachoeira do Sul e mais um grande número da vizinha Lajeado. Compareceram atletas e membros da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul, dentre eles, o mestre George Black, “o grande animador da ginástica no nosso estado” (p. 2). Este evento foi noticiado em todas as edições seguintes do jornal até o dia de realização.

No ano seguinte, em 1937, realiza-se novamente o Campeonato de Ginástica Regional, porém na cidade de Cachoeira do Sul. Por ocasião deste evento, e também pelo aniversário de 30 anos da Sociedade de Ginástica de Cachoeira do Sul, o sócio-fundador e presidente Alberto Dexheimer, proferiu um discurso sobre as conquistas no campo esportivo, social e patrimonial do clube. Em seguida disse:

“Como vedes, o Turnverein Estrela não tem poupado esforços no sentido de procurar preencher cada vez mais e melhor os fins para os quais foi fundado, isto é, dar ao nosso querido Brasil homens e mulheres com o físico robusto e uma moral sadia. O Turnverein Estrela foi fundado por brasileiros, ainda hoje a sua quase totalidade dos sócios são brasileiros ou brasileiros naturalizados, nunca foi e não é filiado a qualquer organização estrangeira, portanto ele é uma sociedade brasileira. Mantemos, é verdade, uma relação de amizade com as sociedades congêneres da Alemanha, como nação amiga que é do Brasil, mas não temos, nem devemos assumir compromissos para com qualquer organização estrangeira, para que possamos conservar a nossa independência de ação. Nós, brasileiros de descendência germânica, fiéis às tradições, cultuamos o idioma e os costumes dos nossos antepassados para honrarmos a sua memória, e porque estamos convencidos de que, assim procedendo, estamos servindo de um modo especial à nossa Pátria, o Brasil, pois se renegássemos os nossos maiores não seríamos dignos de sermos considerados bons brasileiros” (jornal “O Paladino”, 05 de junho de 1937).

Neste trecho do discurso de Alberto Dexheimer observa-se a afirmação de pertencimento à pátria brasileira, preocupação esta presente desde a fundação da sociedade, transferindo os princípios do *Turnen*, de robustez e educação moral para a sociedade brasileira. Em seguida, afirma seu culto à tradição germânica, ao idioma, aos costumes, fazendo a ressalva de que deste modo estariam “servindo de um modo especial” à pátria. Deve-se observar que este discurso, que foi finalizado com vivas à sociedade e à pátria brasileira, foi proferido antes da conjuntura do Estado Novo (1937-1945). Ou seja, a pressão nativista nunca cessou completamente depois da Primeira Guerra Mundial e estava já em um movimento crescente.

As associações esportivas procuraram afirmar sua identidade étnica constantemente, o que despertou um olhar de desconfiança do governo do Estado e

do país para o chamado “perigo alemão”⁴⁰. Diante de um cenário de construção e valorização da cultura nacional brasileira, desencadeia-se um forte movimento de nacionalização o qual repercutiu nas associações esportivas. Em Estrela percebemos os primeiros sinais a partir da Primeira Guerra Mundial, principalmente nas escolas, mas também na estrutura administrativa da cidade e nas associações esportivas, onde a língua ensinada era a alemã.

No capítulo a seguir, tratamos deste período de transformações nas comunidades alemãs, relacionadas com os acontecimentos da Revolução de 1930 e com a constituição do Estado Novo no Brasil, além da Segunda Guerra Mundial. Estes fatos políticos e conflitos afetarão de forma mais contundente as identidades dos teuto-brasileiros. Desta forma, a educação já modificada nas colônias, como também a vida em sociedade e, principalmente, as associações esportivas serão alvo de ações visando a construção de uma identidade nacional brasileira.

⁴⁰ A tese do perigo alemão referia-se a uma conspiração alemã, que estaria enviando imigrantes para colonizar o sul do Brasil, posteriormente, dominar as terras colonizadas e o país. Mais detalhes no livro de GERTZ, René. O perigo alemão. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

6 O ABRASILEIRAMENTO DAS ASSOCIAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS DE ESTRELA

A década de 1930 está marcada na história como um período de acentuação do preconceito racial, iniciado na Alemanha, com o avanço da política de Adolf Hitler. No Brasil, desde o início da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, o elemento básico era o nacionalismo, inicialmente sob a ótica econômica, na busca pela ampliação do mercado interno abastecido por produtos nacionais. “O golpe dado por Vargas era nacionalista em seus atos e nativista em seu tom, o que forneceu à burocracia política o aval para manifestar abertamente seus preconceitos” (LESSER, 2001, p. 113).

De acordo com Gertz (1991), considerava-se que uma rígida campanha nacionalista garantiria a unidade e homogeneidade étnico-cultural-religiosa no Brasil. O “tornar-se brasileiro” (abrasileirar-se), a princípio, “viria a resultar num aumento da produção, do capital e do comércio exterior” (LESSER, 2001, p. 212). Esperava-se impedir a consolidação de uma ideologia de multiculturalismo, o que segundo Wainberg (1996) não se conseguiu, apesar das ações nacionalistas.

No Rio Grande do Sul durante a Revolução de 1930, foi nomeado para o cargo de interventor estadual José Antônio Flores da Cunha, partidário de Borges de Medeiros. Neste período, o cargo de “intendente municipal” muda para “prefeito”, sendo nomeado para o prefeito do município de Estrela Augusto Frederico Markus no dia três de dezembro de 1930. O Poder Legislativo foi extinto, substituído mais tarde por um Conselho Consultivo (SCHIERHOLT, 2002, p. 77).

Os habitantes de Estrela tinham acesso aos acontecimentos locais, regionais e nacionais pelo jornal “O Paladino”. Este periódico era o único meio de informação para os moradores da região. Tinha somente quatro páginas, sendo a metade

ocupada por publicidade e a outra parte era destinada ao registro dos acontecimentos de qualquer ordem. As notícias demoravam a ser publicadas, por exemplo, somente na edição de dois de março de 1932 que encontramos a primeira menção de descontentamento de brasileiros pelo fato de Getúlio Vargas perenizar seu governo provisório (jornal “O Paladino”, 2 de março de 1932, p. 2). Curiosamente, meses antes do anúncio do fim da Revolução de 1930, que ocorreu em dois de outubro de 1932.

As mudanças no modelo político e social brasileiro liderado por Getúlio Vargas foram abaladas e o país preparava-se para voltar à constitucionalidade e reorganizar os partidos políticos, dissolvidos no período. Uma das medidas foi a criação, em oito de outubro do mesmo ano, da Ação Integralista Brasileira (AIB). O integralismo, motivado pela AIB, apreciava o fascismo e o nazismo europeu. As representações de tal proximidade podem ser notadas na sua organização militarizada e uniformes, cujos símbolos remetiam ao estilo da suástica do nazismo (letra grega sigma, para os integralistas). Contudo, os integralistas não comungavam com a ideia da pureza racial contemplada pelo movimento nazifascista (GERTZ, 2007; 2005).

Nesta direção, a AIB foi bastante atuante em Estrela e seus Distritos, com a presença de 250 integralistas divididos em 10 núcleos. O primeiro foi instalado no dia 25 de novembro de 1934 sob o nome de Teutônia, e os restantes localizaram-se nos Distritos de Teutônia e Roca Sales. A sede da chefia encontrava-se também em Teutônia, sob a direção de Alfredo Rex, que forneceu os dados relacionados acima para o jornal “O Paladino” de 28 de março de 1936. O sócio fundador deste jornal, Aloysio Valentim Schwertner, era um militante da ação integralista. Também foi atleta e técnico do Estrela Futebol Clube, sendo uma pessoa atuante na região.

Embora se evidenciasse a existência de integralistas em Estrela, nas urnas alcançavam pouquíssimos votos. Os candidatos à Câmara Municipal no ano de 1935, curiosamente, não foram publicados no jornal “O Paladino”, que dois anos antes, em 1933 deixou de ser “folha republicana” para tornar-se “órgão dos interesses gerais”. Talvez esta mudança tenha ocorrido pelo próprio interesse do sócio fundador do jornal Aloysio Valentim Schwertner, que não se apresentava mais como republicano e comungava com a ideologia da AIB (SCHIERHOLT, 2002).

Em 18 de agosto de 1936, o chefe municipal da AIB foi preso, o que repercutiu em esfera estadual (SCHIERHOLT, 2002, p. 87). Como os demais

partidos brasileiros, a AIB fechou em dois de dezembro de 1937 e reabriu somente no fim do Estado Novo com a restauração da democracia. De acordo com o historiador local José Alfredo Schierholt (2002, p. 147) não há documentação no Arquivo Municipal deste período crítico perpassado pelo Estado Novo e pela Segunda Guerra Mundial. Há uma lacuna na história política de Estrela, não havendo mais documentação administrativa, somente reportagens dos jornais.

Nesta época de forte tensão política e social alude esclarecer a relação entre o Brasil e a Alemanha. De acordo com Rahmeier (2008), o auge das relações comerciais entre estes países foi no ano de 1937. Corroborando com esta afirmação, uma reportagem do jornal “O Paladino” de 13 de fevereiro de 1937 (p. 3) expõe que a Alemanha ocupava o primeiro lugar em importações do Brasil, fornecendo carvão, máquinas e produtos industriais.

Ao mesmo tempo, a relação do Brasil com os brasileiros, principalmente os naturalizados, também começa a ser mais intensificada. Uma matéria semanal do jornal “O Paladino”, redigida por Ernani Fornari em nome do Departamento Nacional de Propaganda intitulada “O que os brasileiros devem saber”, começou a ser publicada na primeira página, desde o dia 13 de março de 1937. Nesta são expostas as leis que entram em vigor como deveres dos brasileiros, com poucas citações de seus direitos. Por exemplo, na reportagem são descritos minuciosamente todos os documentos que devem ser reunidos para encaminhar a naturalização de estrangeiros, além de informar quem são os eleitores em potencial do país. O jornal “O Paladino”, distinguia como a etnicidade imigrante seria tratada no Brasil, a partir de então.

A imposição do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas, incentivado por um grupo de nacionalistas autoritários trouxe mudanças drásticas. A Constituição Federal de 10 de novembro de 1937 substituiu a Constituição de 1934 e deixou os estados sem constituição. De acordo com o artigo 180 desta nova Constituição, “enquanto não se reunir o Parlamento Nacional, o presidente da República terá poder de expedir Decretos-Lei sobre todas as matérias da competência legislativa da União”, e assim Vargas o fez, pois esta instância nunca chegou a existir. Deste modo, o Estado Novo extinguiu os poderes legislativos, o poder executivo passou a ser exercido nos estados pelos interventores estaduais que nomeavam os interventores municipais (GERTZ, 2005, p. 63-4).

Ao lado da extinção dos poderes, extinguiram-se também os partidos políticos internos em dois de dezembro de 1937, conforme reportagem de capa na edição de 11 de dezembro de 1937 do jornal “O Paladino”, sem registro de autoria, intitulada “Dissolvidos, por decreto do presidente da República, todos os partidos políticos”. As “milícias cívicas e organizações auxiliares dos partidos políticos” foram igualmente atingidas, assim como foi vedado “o uso de uniformes, estandartes, distintivos e outros símbolos dos partidos políticos e organizações auxiliares”. Ao final da reportagem consta que partidos políticos podem existir como sociedades civis para fins culturais, beneficentes ou esportivos, evitando o uso do mesmo nome.

Na mesma edição, datada de e 11 de dezembro de 1937, do jornal “O Paladino”, foi publicado um texto intitulado “O Estado Novo e o Chefe Nacional”, assinado por Caetano Rossi Berlese. Caetano Berlese afirma que os partidos políticos foram os culpados pela situação criada no Brasil e convida os moradores de Estrela a propagar o Estado Novo. Apregoa que “operam-se verdadeiros milagres de ordem política” e que “em quase 50 anos de República, não realizou o que, em menos de um mês, o fez”.

Ainda no mesmo texto (jornal “O Paladino”, 11 de dezembro de 1937), Getúlio é aludido como “o imortal Chefe Nacional”, como “o homem feito para o seu tempo”, exaltando suas características: “ponderado e refletido, culto, tolerante, magnânimo e honrado”. “Homem cuja mentalidade multiforme exprime todas as facetas do caráter do povo brasileiro”. Não se tem certeza de que tal exaltação é definitivamente verdadeira ou soa mais como uma postura de respeito ao poder que Getúlio acaba de adquirir. Sabe-se que os órgãos de imprensa estavam cada vez mais exprimidos e nada mais convinha a estes do que uma exaltação pública ao ditador torcendo para que assim nada acontecesse⁴¹.

O governo totalitário de Vargas copiou alguns modismos nos regimes nazi-fascistas europeus. Em primeiro lugar, o cultivo da pessoa do Presidente da República, o Chefe da Nação, com poder único, total e absoluto. Em segundo, reconstruir um país com uma única bandeira e um só exército. Um dos momentos memoráveis foi a queima das bandeiras estaduais em pleno Dia da Bandeira. Este ato contribuiria para o “robustecimento da unificação da Pátria” que se reuniria na unidade da bandeira nacional, de acordo com a reportagem do jornal “O Paladino”

⁴¹ O Decreto-Lei nº 1.377, de 27 de junho de 1938, permitia ao Estado “expulsar estrangeiros e jornalistas residentes no país que viessem a ofender a ‘dignidade do Brasil’” (LESSER, 2001, p. 230).

de primeiro de janeiro de 1938. Como consequência disto, desapareceram também todas as bandeiras de associações religiosas, sociais, esportivas, e de partidos políticos (SCHIERHOLT, 2002, p. 205).

Em 17 de outubro de 1937, a forte pressão político-militar levou à renúncia o interventor estadual do Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha. Para surpresa de todos, quando a Assembleia se reuniu para deliberar o sucessor de Flores da Cunha, em 21 de outubro do mesmo ano, o general Manuel Cerqueira Daltro Filho, comandante da 3ª Região Militar leu um ofício datado de 20 de outubro comunicando que ele fora nomeado interventor do estado pelo presidente.

Em Estrela foi nomeado Edmundo Alfredo Steyer, que permaneceu na Intendência Municipal até quatro de janeiro de 1940 (SCHIERHOLT, 2002, p. 85), um sobrenome germânico para a surpresa da pesquisadora. A explicação desta surpresa pode ser encontrada no Decreto-Lei nº 1.202, de oito de abril de 1939, o qual legisla que a administração dos estados e municípios estaria sob a fixação de regras, dentre elas ficou estabelecido que os interventores estaduais e municipais devessem apresentar-se como brasileiros natos (GERTZ, 2005, p. 64 [grifo meu]).

A campanha de nacionalização propriamente dita inicia-se em 1937 no município de Estrela, principalmente no setor educacional, nas escolas municipais e particulares, com a colaboração da Liga de Defesa Nacional (DIEL, 1951, p. 3). De acordo com as estatísticas citadas por Gertz (2005, p. 95), ocorreu um salto quantitativo e qualitativo na educação sul-rio-grandense a partir de 1938. Nesta época, foram criadas as Delegacias Regionais de Ensino que possibilitariam um “maior acompanhamento das escolas e professores do Interior do estado” (GERTZ, 2005, p. 98). Este acompanhamento refere-se a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa, imposto já pela Constituição de 1934, que nas escolas particulares localizadas nos Distritos, nunca havia realmente mudado.

Com a nova Constituição de 1937, as ações foram mais intensificadas visando fiscalizar e regularizar as ações conforme a lei. As investidas na educação do Estado pelo secretário Coelho de Souza sempre contavam com o deslocamento de contingentes militares para garantir a execução das ações (GERTZ, 2005, p. 145).

Em um livro de memórias, Herbert Bergesch (2000, p. 21) relata que na sua infância no Distrito de Corvo, havia um professor alemão na única escola da localidade chamado Karl Eck. No seu ensino, este professor preferia o idioma alemão e o alfabeto gótico, sendo que a língua portuguesa para ele “nem existia”.

“Para nossa sorte”, disse Bergesch (2000), “o governo alemão da época convidou os alemães pelo mundo afora para que voltassem à sua pátria. Claro que tinha motivos especiais para tanto. Porque a guerra estava prevista e veio logo” (p. 21). Para substituí-lo, veio o professor da vila vizinha, Wilibaldo Wiethölter que, apesar do nome extremamente germânico, ensinava em língua portuguesa. “Como os alunos só falavam alemão, providenciou bons livros em português, ensinou a leitura, alfabeto, tabuada, letras latinas, caligrafia, canto, hino nacional brasileiro e muito mais” (BERGESCH, 2000, p. 22).

Assim como a educação, a imprensa também passava por um momento de fiscalização. O único jornal da cidade, “O Paladino”, era redigido em português, porém ainda em 1937, publicava propagandas no idioma alemão, como foi o caso do convite, redigido pelo professor Leo Joas para os sócios e atletas retomarem os exercícios de ginástica naquele ano. Alguns nomes de sociedades e grupos ainda eram referidos no idioma alemão, como *Turnverein Estrela* e o *Deutsche Winterhilfe*, por exemplo. Porém, a nomenclatura “Sociedade Ginástica”, ao invés de *Turnverein Estrela*, já havia aparecido em edições anteriores.

No final de cada ano, a *Turnverein Estrela* realizava uma assembleia para relatar as atividades da sociedade. No ano de 1937, o relatório final descreve que foram realizadas normalmente todas as festas tradicionais da ginástica (os *kerbs*, o *Jahnfeier* e os bailes comemorativos: fundação, natal, ano novo e carnaval). Ainda menciona que estava com todas as atividades em funcionamento: ginástica, atletismo e bolão, este com sete grupos ativos. Os departamentos de Basquete, de Tênis e de Dança não foram citados; não se sabe se neste ano não funcionaram ou somente não foram relatados na assembleia.

Na entrada do ano de 1938, a política do Estado Novo repensa sua intervenção no estado do Rio Grande do Sul. A administração de Daltro Filho teve caráter provisório, visto que este interventor já estava doente na nomeação e veio a falecer por complicações generalizadas em 19 de janeiro de 1938. Getúlio, portanto, apressou as tratativas para sua substituição, nomeando um interventor definitivo. O cargo foi destinado ao coronel do Exército Oswaldo Cordeiro de Farias, empossado no dia quatro de março de 1938. A partir deste acontecimento, inicia-se o período mais característico do Estado Novo no Rio Grande do Sul (GERTZ, 2005).

Este interventor, que tomou posse em março de 1938, de acordo com a chamada rápida no jornal “O Paladino”, de cinco de março, no alto da segunda

página (como sendo um aviso importante), iria visitar Estrela e toda região “em breve”. Outra chamada rápida, que ocupava a cabeceira da segunda página da edição de dois de abril de 1938, informava que o interventor iria verificar *in loco* as necessidades do Estado que lhe foi confiado além de visitar a região do Alto Taquari. Até a data deste anúncio, não se sabia quais membros do Estado viriam acompanhá-lo, a não ser o Secretário do Interior Maurício Cardoso.

O interventor declarou-se “apolítico” e era adepto da tese do “perigo alemão”, concentrando suas forças nas questões etnográfico-internacionalistas, ou seja, na caça de nazistas e germanistas e na nacionalização dos “quistos étnicos” (GERTZ, 2005, p. 28). Não é espantoso que houve a visita tão logo assumiu o cargo de interventor, pois na região estudada havia muitas “colônias” de estrangeiros que permaneceram com a identidade etno-cultural dos imigrantes pioneiros. A partir do ano de 1938, novos Decretos tiveram como alvo reduzir a ação estrangeira no país.

O Decreto-Lei nº 383 de 18 de abril de 1938, estabeleceu uma imigração dirigida, mas proibiu estrangeiros residentes no Brasil de exercerem atividades políticas. Os partidos políticos externos também foram proibidos, principalmente o nazismo, estranhamente quatro meses depois da proibição dos partidos internos. Apesar disso, foi o período de maior vislumbre do germanismo e o nazismo destituiu o caráter utópico desta cultura. A identidade teuto-brasileira passou a ser identificada como uma forma de não ser brasileiro (MAGALHÃES, 1998).

Mesmo assim, ainda percebemos indícios nos jornais e nos telegramas enviados e recebidos pela Sociedade Ginástica Estrela (doravante assim chamada a *Turnverein Estrela*) que o idioma alemão não foi totalmente abandonado. Na edição do jornal “O Paladino” de cinco de março de 1938, uma notícia do início das atividades da Sociedade Ginástica Estrela, está publicada nos idiomas português e alemão, com o título de “Sociedade Ginástica”, nome que está “traduzido” mais abaixo como *Turnverein Estrela*, além do conteúdo da reportagem também estar “traduzido” para o alemão.

Na Sociedade Ginástica Estrela os telegramas entre as sociedades de ginástica da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul, e também entre outras sociedades, eram em idioma alemão, que por muito tempo foi o idioma vigente desta sociedade. Foi admitida a redação em língua portuguesa somente em seus estatutos, comandos e atas no período da Primeira Guerra Mundial, com a mudança para

comandos em alemão quando solicitado pela Federação e com a vinda do mestre de ginástica, Leo Joas, da Alemanha.

As autoridades conheciam que as associações esportivas eram locais onde os imigrantes alemães discutiam assuntos germanistas, portanto, com o Decreto-Lei nº 383, os imigrantes foram controlados de maneira que somente poderiam associar-se para fins beneficentes ou de assistência, sem receber auxílio de outro país. Houve a proibição do uso de bandeiras, uniformes e distintivos de outros países, organização de desfiles, manutenção de jornais e revistas (PILATTI, 2006). A partir deste Decreto-Lei, as sociedades não poderiam mais ser filiadas às associações alemãs e os desfiles de ginástica eram executados somente em datas cívicas brasileiras.

As ações de nacionalismo estão voltadas ao culto da pessoa do Chefe da Nação, acabando com o culto ao germanismo, à cultura dos ancestrais. Neste mesmo ano, o Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro (capital do Brasil na época) enviou para as prefeituras do Rio Grande do Sul, incluindo Estrela, um “magnífico retrato oficial, de grande formato, do Senhor Presidente da República”. O mesmo retrato, em formato diminuído, foi enviado também para as demais repartições públicas, de acordo com o noticiado no jornal “O Paladino” de dois de abril de 1938. De acordo com Schierholt (2002, p. 89), isto “deve ter custado uma fortuna”, porém, o objetivo foi de “concentrar o prestígio no Chefe da Nação, a exemplo de outros países totalitários da época”. No dia 11 de julho, tal retrato foi “solenemente inaugurado” com a presença de autoridades civis e militares, além de classes sociais que prestaram “significativa homenagem ao Chefe da Nação” (jornal “O Paladino”, de 23 de julho de 1938).

Para as ações determinadas pelos Decretos-Lei, o governo contava com o poder da polícia, de acordo com reportagem publicada no mesmo jornal, enviada pelo Serviço de Divulgação da Polícia em 30 de abril de 1938. A reportagem de capa referia que o poder da polícia é um dos meios de conter os entraves criados por vários anos de “desgoverno”, dentre eles “ambições desarticuladas e desapossadas, os enquistamentos ideológicos, desmentidos pela realidade, a incompreensão, a acultura e a inércia”. Alertava: “é indispensável que todos os cidadãos se considerem, de antemão, observados e descobertos, toda vez que os seduza e os arraste a idéia de atentar contra as leis e o regime [grifo meu]”. Mas, além de conter e defender a pátria, a força policial estava presente nas manifestações de civilidade.

Portanto, o poder da polícia “não quer dizer arbítrio, nem tirania, nem força desorbitada. Mas significa a ordem, a bem da harmonia coletiva, e a educação civil do cidadão, a bem da liberdade individual” (p. 1).

Observa-se com esta reportagem, que os serviços de autoridade do governo queriam deixar claro que a fiscalização do meio era constante, sempre em busca de alguma “desordem” que possa ferir as leis da pátria. Ora, os estrangeiros já estavam sendo discriminados explicitamente nos Decretos-Lei, mas além da legislação, os meios de comunicação transmitiam igualmente esta perseguição, como se os olhos de Getúlio Vargas estivessem em tudo que fosse atingível pela população. Em todas as edições do jornal “O Paladino”, por exemplo, havia uma seção de “visitas”, na qual constam as visitas de funcionários da polícia da capital quase semanalmente. Esta ideia de constante observação criou uma esfera de medo entre os estrangeiros e descendentes.

Na edição do jornal “O Paladino” de 30 de abril de 1938, aparece uma reportagem que afirma: “é um erro supor que o Estado Novo [...] é inimigo dos estrangeiros e se forra de um nacionalismo impertinente, exorbitante e cego” (p. 1). O Serviço de Divulgação da Polícia do Rio de Janeiro assegura que “o Estado Novo não tem preconceitos de raças, não cultiva preferências étnicas. [...] Mas também coloca acima de tudo a felicidade do brasileiro”, “quer no seu conforto, seu bem estar, seu enriquecimento [grifo meu]” (p. 1). Este texto se contradiz, oferecendo uma rendição a todas as origens étnicas, desmentida logo em seguida, dando-se a preferência somente ao brasileiro.

No período houve o fechamento de algumas sociedades no Estado, enquanto outras resistiram ao “abrasileiramento forçado”. Aquelas que continuaram com suas atividades mudaram de nome, receberam associados de outras etnias, evitaram falar no idioma alemão, mas mantiveram seus encontros e festejos, e aumentaram sua gama de práticas esportivas oferecidas. Assim sendo, foram construídas diferentes estratégias de resistência pelos teuto-brasileiros que lutaram pela manutenção de sua identidade etno-cultural (GERTZ, 1980).

Depois da tensão criada pelo fechamento de sociedades de identidade etno-cultural teuto-brasileira, onde tudo conspirava e apontava contra o germanismo, lê-se uma circular interna da *Turnverein Estrela*, de 20 de agosto de 1938, que dizia: “Foi constatado que a *Turnverein Estrela* foi registrada em 3/06/1911 com o nome de Clube Ginástico Estrela. A partir desta data [data da circular] fica adotado o nome

antigo: Clube Ginástico Estrela”. Esta circular foi para transmitir aos sócios a constatação feita pelo presidente junto ao Cartório de Registro Especial, onde a certidão fornecida em 3 de junho de 1911, referente aos estatutos da sociedade, registrou-se como Clube Ginástico Estrela, sendo a tradução do escrivão da época para o nome *Turnverein Estrela*.

No estatuto atual da sociedade, consta que o nome foi registrado como *Turnverein Estrela* e somente mudou em 16 de julho de 1945, quando esta sociedade fundiu-se com a Sociedade dos Intrometidos (grupo carnavalesco). Observa-se, que esta constatação da circular foi transmitida aos sócios como uma medida preventiva em relação a nomenclatura da sociedade no idioma alemão, para evitar que as entidades responsáveis exigissem seu fechamento devido a este motivo.

Diante dessa situação, muitas sociedades esportivas identificadas com a etnia alemã foram saqueadas e destruídas, outras decidiram fechar suas portas devido as modificações impostas pelos Decretos-Lei. As sociedades de Tiro ao Alvo foram especialmente atingidas, pois possuíam armas e atiradores treinados. Por exemplo, as atividades da Sociedade Cultural e Recreativa da Linha Clara (antiga *Schützenverein* da Linha Clara), cessaram em 1938, quando o arquivo histórico e documental da entidade escrito no idioma alemão e as armas foram eliminados (MAGEDANZ, 2004).

Há poucos registros das práticas e atividades promovidas pela sociedade até 1938. Alguns itens foram salvos, como, por exemplo, um dos primeiros alvos datado de 1910, que foi enterrado pelos antigos sócios para não se perder (KILPP, 2008). Não há dados que informem sobre o que realmente aconteceu, mas relatos da memória dos habitantes da localidade garantem que o acervo foi queimado e sem documentação, armas, livros, a sociedade se desfez. Na década seguinte do fim da guerra foi realizada, em 18 de janeiro de 1953, uma reunião com a presença de 55 antigos sócios da sociedade para reativar a sociedade que permanece até os dias atuais (MAGEDANZ, 2004).

No período do Estado Novo evidenciou-se a prática de esportes coletivos no Estado, visto que as sociedades de tiro estavam fechando suas portas e as sociedades de ginástica estavam se reorganizando ou fechando. As sociedades de ginástica incluíram esportes anglo-saxões como o basquetebol e o voleibol, além do esporte que viria a ser coligado à identidade nacional brasileira, o futebol.

A Sociedade Ginástica Estrela, por exemplo, constituiu sua equipe de basquetebol em 1931, mas foi durante o ano de 1938, quando o jornal “O Paladino” anuncia o retorno dos jogos de basquetebol que a prática adquire força total. Na edição de 31 de dezembro deste mesmo jornal tinha a notícia de uma noitada de voleibol para recepcionar a madrinha do Departamento de Basquetebol. Foi feita uma demonstração deste esporte nos salões da sociedade, organizada pelo “desportista, doutorando” Lauro Reinaldo Mueller. Porém nada mais foi identificado sobre esta prática.

No ano de 1938 foi ainda noticiada a retomada das corridas de ciclismo e motociclismo de rua, como também a grande adesão ao tênis praticado desde 1933 na Sociedade Ginástica e a criação de novos grupos de bolão. Mas o maior espaço das “notas esportivas” estava reservado para o esporte nacional: o futebol. Outra diferença neste semanário são as notícias esportivas de âmbito federal: inicia-se neste ano de 1938 reportagens esportivas relacionadas ao Brasil. Isto ocorreu, talvez, por “requisição” dos departamentos de propaganda do Estado Novo, ou para simplesmente demonstrar a exaltação à nação brasileira.

A Liga de Defesa Nacional, em 1938 iniciou uma grande campanha de civismo em Estrela que ficou marcada na memória da população. “Si [SIC] és brasileiro, tens um dever cívico a cumprir. Si [SIC] não o fores, tens um dever de gratidão para com o Brasil, que te proporciona felicidade e bem estar. Honra-o, pois, estudando e difundindo as finalidades da Liga de Defesa Nacional”. Esta frase estava direcionada ao leitor, a partir do mês de agosto. O jornal “O Paladino” confeccionou um especial somente para divulgar os programas dos festejos da “Semana da Pátria” e convidar todos os cidadãos a participarem (edição completa de 29 de agosto de 1938).

Havia muitas entidades que organizaram os festejos da “Semana da Pátria” em Estrela, a saber: o Colégio Elementar reunindo a juventude escolar do município, devota em discursos, poesias, hino e bandeira nacional, desfiles, exercícios calistênicos, jogos e bailados; o Tiro de Guerra número 227, junto dos Tiros de Guerra de Roca Sales, Teutônia e Encantado, com seus disparos solenes, hinos e hasteamento da bandeira; e a Sociedade Ginástica Estrela, convidada especialmente pela Liga de Defesa Nacional através de um ofício remetido à presidência do clube, fazendo um apelo aos atletas para se reunirem no altar da pátria e participarem do desfile “devidamente fardados”. Esta sociedade retransmitiu

o convite através de circular interna e organizou uma demonstração de Educação Física, além de competições de salto em altura, com vara e a distância, corrida rasa de 100, 400 metros e revezamento, lançamento de peso e de disco, tudo com intensa participação de seus atletas e sócios. Na contracapa, está na íntegra o hino nacional, que já havia sido distribuído em todas as escolas.

Mesmo com toda a exaltação à pátria, outros Decretos viriam a ferir a germanidade das colônias teuto-brasileiras e ampliar a campanha da brasilidade. De acordo com Lesser (2001, p. 230), havia um programa de homogeneização patrocinado pelo Estado que visava “proteger a identidade brasileira da intrusão das etnicidades, eliminando os elementos mais emblemáticos das culturas imigrantes”. Dentre os que legislaram este programa está o Decreto-Lei nº 406, de quatro de maio 1938, o qual institui que 30% dos habitantes da colônia deveriam ser brasileiros e que nenhuma nacionalidade única deveria representar mais de 25% de habitantes.

Outro decreto atingiu diretamente as escolas étnicas, o primeiro alvo da campanha de Vargas. De acordo com o Decreto-Lei nº 479 de oito de junho de 1938, artigo dois, todas as escolas deveriam possuir brasileiros natos como diretores, além do ensino ser ministrado em língua portuguesa e deveria incluir tópicos brasileiros. Não obstante, o material didático nas escolas, escrito em idioma estrangeiro foi proibido, exceto com permissão especial. Isso resultou no fechamento de cerca de 600 escolas em todo o Brasil, embora muitas continuassem abertas clandestinamente (LESSER, 2001, p. 230).

A utilização do idioma alemão como principal língua nos serviços religiosos do estado, também provocou ações nacionalistas. No clero gaúcho, havia uma predominância de sobrenomes alemães, principalmente nas igrejas de confissão luterana. O luteranismo gaúcho estava associado principalmente ao Sínodo Riograndense, sendo este o sínodo predominante na região. Nestas igrejas, era indissociável a vinculação com a etnia alemã, o que caracterizou a como uma “igreja étnica” (GERTZ, 2005, p. 161).

O catolicismo era a religião oficial do país desde o governo imperial. A sua relação estreita com correntes fortes do nacionalismo brasileiro levou muitos nacionalistas a caracterizar o catolicismo como religião oficial do Brasil, novamente. Nesse sentido, o luteranismo, associado sempre ao germanismo, era visto como incompatível à identidade nacional brasileira. A Circular nº 4.543, de 31 de março de

1939, da Secretaria de Educação, autorizara o ensino religioso “católico romano, episcopal e metodista”, enquanto que o luteranismo era qualificado como “seita perniciosa” (GERTZ, 2005, p. 164).

Com a entrada do ano de 1939, percebe-se uma atuação mais intensa do Secretário Estadual da Educação, Coelho de Souza, que fechou mais três escolas particulares em Estrela, como noticiou a reportagem do jornal “O Paladino” de três de junho de 1939. Este fato ocorreu porque as escolas “não corresponderam à Lei de Nacionalização”. Tratava-se dos professores M. Reinoldo Antoni e João Antonius, e do diretor Walter Kahlmann. Um dos professores declarou ser estrangeiro, bem como registrou sua mulher e filhos no consulado alemão. O acinte de suas declarações, como que desprezando os imigrantes alemães que faziam seus registros em cartórios brasileiros irritava as autoridades (SCHIERHOLT, 2002, p. 227). A Delegacia de Polícia fazia o procedimento de registro de estrangeiros naquela época, assim como está claro no comunicado feito pelo jornal “O Taquaryense” em sete de fevereiro de 1939, procedimento este que deveria ser feito até o fim daquele ano.

O jornal “O Taquaryense”, na edição de 25 de março de 1939, traz um texto sobre a campanha de nacionalização em relação à troca da nomenclatura estrangeira de localidades gaúchas, “principalmente na zona de colonização onde a influência de estrangeiros é bem grande”. Geraldo Serra, autor do texto, enfatiza que “o Rio Grande do Sul precisa ser imitado em todo Brasil, principalmente nas zonas onde predomina o elemento estrangeiro” (p. 1). Esta reportagem revela a diferença nos textos dos dois jornais, sendo este último mais enfático com a questão do estrangeiro, tratando-o como o intruso da nação e apoiando as ações nacionalistas. Pode-se perceber também que as entidades que fornecem os textos são diferentes, traduzindo uma posição política distinta. Já o jornal “O Paladino” de Estrela, município que possui múltiplas etnicidades, principalmente, a teuto-brasileira, divulga de maneira mais amena, alertando para possíveis ações com a diferença de não comemorá-las e nem condená-las.

A atuação desta campanha nacionalista junto à Sociedade Ginástica Estrela foi visível perante ofícios remetidos à mesma pela ingerência do poder público. Um deles era oriundo da Diretoria Geral da Estatística do Rio Grande do Sul, datado de 13 de março de 1939, assinado pelo “agente itinerante” Sady Pontes e endereçado ao presidente da Sociedade Ginástica Estrela, Alberto Dexheimer. Neste ofício

consta que, “no regime atual, nenhuma instituição ou grupo poderá promover reuniões sem licença da autoridade policial”, solicita uma lista com a denominação de cada grupo de cada esporte ou prática daquela sociedade e seu respectivo responsável, “no menor prazo de tempo possível”. Em resposta, o presidente Dexheimer lista os oito grupos de bolão existentes com seus respectivos nomes e responsáveis, além do departamento de tênis e de basquetebol com seus responsáveis, deixando à vontade para requerer o que mais for necessário.

O mesmo órgão já havia enviado um ofício solicitando o preenchimento de formulários estatísticos (sete páginas no total), conforme artigo 54 do Decreto-Lei nº 6.386 de 28 de janeiro de 1937, que “torna obrigatório o fornecimento de dados estatísticos a Diretoria Geral de Estatística do Estado e suas dependências”. As informações solicitadas eram sobre a fundação, organização e funcionamento da sociedade, datas e nomes importantes da mesma, esportes praticados, festas, e eventos. Tais dados deveriam ser entregues em um prazo “improrrogável de 3 dias, sob pena de multa”.

Em seguida, na assembleia geral ordinária, realizada no dia 30 de março de 1939, sobre a pauta dos estatutos, a ata da mesma relata que no mês de setembro do ano de 1938 iria ser apresentado um projeto de reforma dos estatutos. Esta reforma se daria devido ao envio pela Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul de um esboço de estatuto com os itens que “deveriam” ser acatados pela referida sociedade. Entretanto, em vista de o “Chefe do Governo da República ter incumbido uma comissão que estuda a oficialização dos esportes”, a diretoria da sociedade achou “aconselhável esperar até que o governo tenha promulgado uma lei que regulamente a organização das sociedades esportivas”. Até esta data, pelo que dita a ata, a sociedade regerá pelos atuais estatutos.

A Sociedade Ginástica Estrela, em reunião no dia seis de julho de 1939, deliberou melhorias em suas instalações além de ações para com os desfiles, homenagens e baile que foram realizados antes e durante a visita do interventor estadual, Oswaldo Cordeiro de Farias, a Estrela. A partir da visita nos dias 19 e 20 de julho de 1939, a intervenção política na região teve ação direta de Cordeiro de Farias. Sua chegada de caravana foi recebida pela juventude colegial de Estrela e de seus Distritos de Teutônia, Costão e Roca Sales, posicionada desde a entrada da cidade. A programação ainda incluiu discursos, jantares, *Polonaise* (dança típica) marcada pelo interventor no baile, visitas às indústrias e o lançamento da pedra

fundamental do prédio do grupo escolar. Embora, prevista a inauguração de uma Usina Suplementar de Força Elétrica, o jornal “O Paladino” de 22 de julho nada refere ao fato.

Na mesma data, o jornal “O Taquaryense” também divulgou a visita (22 de julho de 1939), visita do interventor que chegou pelo porto do município e foi recepcionado por representantes do comércio e indústria locais, além de representantes de entidades recreativas, esportivas e educacionais. Na prefeitura municipal de Taquari recebeu saudações do Grupo Escolar e do Collegio Serafico. Em seguida, inaugurou a Sociedade Espírita Joana D’Arc e, depois participou de um churrasco oferecido em sua homenagem, com a presença das famílias.

Em vista da proximidade do início da Segunda Guerra Mundial (1º de setembro de 1939), o Decreto-Lei nº 1.545 de 1939 proibiu que fosse falada qualquer língua estrangeira, em público ou em particular, nos templos religiosos e sociedades. O artigo 16 proferia que “toda prédica religiosa deverá ser feita na língua nacional”. Terminada a prédica, a mesma poderia ser repetida em idioma estrangeiro, desde que houvesse grande número de estrangeiros e que fosse oportuno. Isto coube às regiões rurais que possuíam habitantes estrangeiros que ainda não estavam familiarizados com a língua portuguesa, como no caso dos Distritos rurais de Estrela. Estas recomendações foram publicadas no jornal “O Paladino” de 11 de novembro de 1939, pelo Chefe de Polícia da capital Aurélio da Silva Py.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o jornal “O Taquaryense” comunica o telegrama enviado por Plínio Brasil Milano, Delegado de Ordem Pública e Social (DOPS) de Porto Alegre, recebido por Cláudio Heitor Bizarro, Delegado de Polícia do município de Taquari no dia nove de setembro de 1939. Solicitava que diante da situação criada pela guerra europeia, fossem tomadas providências para proibir, “especialmente na zona de colonização estrangeira, toda discussão pública sobre assuntos de guerra, vedando manifestações pró ou contra quaisquer dos países em luta” (p. 2).

Mesmo em plena Guerra Mundial, os municípios que já haviam preparado seus festejos da “Semana da Pátria”, não se abalaram: realizaram a programação planejada com as mesmas demonstrações de civismo e patriotismo demonstrados todos os anos; honradas através de discursos, hinos, solenidade à bandeira e disputas esportivas. Estrela e Taquari demonstraram novamente seu fervor de

patriotismo, com suas entidades culturais, educacionais e esportivas à frente. Nestes municípios, durante a “Semana da Pátria”, ocorreu a passagem da chama do Fogo Simbólico da Pátria⁴², símbolo de civismo nacional.

Até aqui, vimos que as ações nacionalistas tencionaram as sociedades germânicas, sejam educacionais, recreativas ou esportivas. Porém, uma das ações planejadas pela Sociedade Ginástica Estrela neste período do ano de 1939, na reunião de 14 de setembro, ultrapassa qualquer expectativa levando-se em consideração o período passado: serão realizadas obras de construção da segunda cancha de bolão, do pavilhão no estádio de esportes e da segunda quadra de tênis. Através destes empreendimentos, percebemos que esta sociedade sempre foi muito forte, tanto interna, com seus sócios e diretorias, quanto externamente, com o apoio das demais sociedades do Estado (SCHINKE, 2007).

A ascensão nazista na Alemanha e o ambiente favorável no Rio Grande do Sul, quando em todo o Brasil sopravam ventos nativistas e apoiava-se a campanha antigermânica, fizeram com que as instituições germanistas procurassem marcar uma presença mais forte e congregar todas elas com o objetivo de defender melhor seus interesses do germanismo (GERTZ, 1991, p. 39). Ainda assim, o regime de Vargas era mais forte que a movimentação da Guerra Mundial aqui no Brasil, e o ano de 1940 serviu para fiscalizar os Decretos-Lei instituídos, como demonstram os jornais locais, principalmente “O Taquaryense” com as multas e prisões aplicadas no Estado.

O ano de 1940 foi um ano de poucas ações nacionalistas. Talvez este sentimento seja em função da grande movimentação legal nos anos de 1937 a 1939. Outra explicação seria a ausência de informações do jornal “O Paladino” do ano de 1940⁴³, ainda que o jornal “O Taquaryense” completasse esta lacuna. Este jornal não registrou grandes movimentações no município, somente ocorrências de multas em outras localidades do estado e do país. Contudo, as comemorações de datas cívicas estavam presentes nos jornais, como por exemplo, as programações do “Dia da Bandeira” e da “Semana da Pátria”. Além disso, outra notícia importante do ano foi a visita do presidente Getúlio Vargas à capital Porto Alegre.

⁴² Mais detalhes ver: SILVA, Luis Henrique R. **A chama que arde em nossos clubes**: a corrida de revezamento do fogo simbólico da pátria em Porto Alegre (1938-1947). Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

⁴³ Edições que não foram preservadas pelo mantenedor do acervo, pois não foram mais encontradas.

Um fato marcante no município foi a criação de um núcleo da Liga de Defesa Nacional (LDN), em 30 de janeiro de 1940, como foi descrito pelo correspondente do jornal *Correio do Povo*, Rudolfo Maria Rath. A reunião de posse da diretoria do núcleo da LDN se deu nos salões da Sociedade Ginástica Estrela, dirigida pelo Capitão Lauro Correa, presidente da diretoria da LDN de Porto Alegre. Para o início das atividades da LDN, somente aguardava-se o material para a campanha de sócios (SCHINKE, 2007). O núcleo local da LDN, no dia 30 de agosto, fez um convite para a Sociedade Ginástica de Estrela participar dos festejos da “patriótica agremiação” em função das comemorações da “Semana da Pátria”, o qual foi aceito pela referida sociedade.

Na ata da reunião de 10 de novembro de 1941, nos deparamos com uma declaração um tanto quanto surpreendente. O secretário da Sociedade Ginástica Estrela, Milton Ferreira Soares de Oliveira, refere-se ao quarto aniversário da implantação da política de Vargas, requerendo um voto de louvor ao presidente “como modesta e sincera homenagem à grandiosidade de sua obra”. Todos os presentes aprovaram este voto com “indizível satisfação” (SCHINKE, 2007).

Em 1941, também foram banidos todos os jornais em língua estrangeira. De acordo com a reportagem que saiu no dia 15 de fevereiro do mesmo ano, no jornal “O Taquaryense”, por sugestão do Conselho Nacional de Imprensa, o presidente acatou esta decisão. De acordo com o jornal, “essa aplausível medida, pelo seu grande alcance, muito virá favorecer a nacionalização do país, sanando um mal antigo e injustificável”. Segundo dados da mesma reportagem, no Estado existiam 22 publicações do gênero.

Ambos os jornais aqui utilizados, fazem uso do idioma português. Porém, o semanário “O Paladino” tinha algumas exceções no idioma alemão. Talvez por isto, este jornal sofreu pressão e publicou os últimos números neste mesmo ano. Esta pressão se deu sobre este órgão provavelmente, porque o chefe editor e dono do mesmo era Aloysio Schwertner, descendente de alemães, membro de sociedades esportivas – portanto, possuía um *status* social qualificado – e, principalmente, por ter sido militante da AIB, partido integralista.

Em uma das últimas edições deste jornal, do dia seis de dezembro de 1941, é relatada uma ação de fiscalização federal, onde o Dr. Eugênio Santos Filho, fiscal de Estrela, percorreu todo o interior deste município a partir da ordem superior de fiscalizar os estabelecimentos. Na semana que se segue a esta notícia, sua

fiscalização continua para todas as localidades de sua jurisdição (município de Estrela).

O ano de 1941 ficou registrado na história das associações esportivas devido ao Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941. A partir deste Decreto, o governo procurou centralizar em suas mãos a organização, a fiscalização e a estrutura das práticas esportivas no Brasil: foram criados o Conselho Nacional de Desportos (CND) e os Conselhos Regionais de Desportos (CRD). O governo que indicava o presidente e conselheiros, comprovando assim que todas as associações esportivas passavam pelas mãos do governo federal que autorizava ou não seu funcionamento, delimitando os objetivos para o esporte (PIMENTEL, 2007).

Este Decreto foi criado no momento em que o governo percebeu que suas ações para o esporte quase não existiam. O presidente Vargas percebeu no esporte um meio de projeção internacional para o país, um meio de divulgação da cultura brasileira. Perante o controle centralizador e monopolizador dos Conselhos, todas as associações esportivas eram obrigadas a licenciarem-se, assim como todos seus sócios e atletas. As associações caracterizadas pela livre organização civil reuniam-se em Ligas e Comitês, passando, com este Decreto, a constituírem Federações a nível estadual e Confederações a nível nacional.

A característica do Estado, centralizador e monopolizador, fez com que a identidade nacional figurada no esporte fosse exigida a partir de certos padrões e entendimentos estabelecidos pelo mesmo, sem uma busca para entender como ele já estava constituído dentro da sociedade, principalmente da teuto-brasileira. Esta imposição do governo em assumir uma identidade nacional nas associações esportivas, é visível no capítulo VII do Decreto-Lei 3.199 de 1941 que trata dos estrangeiros. O artigo 51 estabeleceu que diretorias de entidades, assim como membros de comissões, deveriam ser brasileiros natos ou naturalizados. Apenas dirigentes poderiam ser estrangeiros radicados no Brasil e que pudessem comprovar grandes serviços à comunidade brasileira e aos desportos nacionais.

No texto do artigo III, vislumbra a disciplina exigida na prática do esporte, a interferência do esporte na cultura e na juventude brasileira, a formação dos indivíduos pelos princípios da dignidade, lealdade e educação e a utilização do esporte como meio de defesa da identidade da nação, quando dos confrontos internacionais. Encontra-se, portanto, nesta legislação o conceito de esporte que

era empregado: disciplina, moral e civismo – mecanismo de controle do Estado (PIMENTEL, 2007).

Uma busca nas atas das associações esportivas, com o objetivo de perceber como foi esta mudança, revelou que estas entidades trabalharam na resolução, decidindo acatar ou não com a mudança, ou seja, continuar com a associação na nova legislação ou fechar suas portas.

Nas atas do Estrela Futebol Clube, encontra-se este Decreto-Lei na pauta da reunião de 12 de agosto de 1941. Em sessão decidiu-se que este deveria ser “convenientemente estudado para que se cumprisse o que ele dispõe”. Para esta tarefa foi incumbido o presidente do clube Wilimar Schneider, nome que figuraria novamente na direção da sociedade ginástica da localidade. Seu pedido de demissão foi entregue no dia 23 de agosto de 1941 por meio de ofício, provavelmente porque a liminar do Decreto-Lei exigia brasileiros natos na presidência.

Na reunião seguinte, elegeu-se nova diretoria formada por Francisco F. Alvarez, presidente, e Fernando Marques, vice-presidente, nomes luso-brasileiros ou brasileiros natos. Em seguida, algumas mudanças foram registradas nos estatutos do clube, mas nada foi assinalado nas atas. Não consta nenhuma referência nas atas sobre perseguição ou intercedência. Assim esta associação futebolística permaneceu nos meios sociais de Estrela até sua extinção em 1972.

Nas atas do *Sport Club Teutônia*, nada foi referido a este Decreto-Lei, sendo que somente na reunião do dia 14 de outubro de 1941 fez-se uma referência à ausência do presidente na mesma, deixando para a reunião seguinte “assuntos importantes a tratar”. Nas reuniões seguintes, até o ano de 1945, quando o presidente Vargas era deposto e termina a Segunda Guerra Mundial, nada foi alterado, nem mesmo os nomes das diretorias que continuaram com os nomes de origem germânica. Talvez pela localização mais afastada do Distrito de Teutônia, a fiscalização nunca chegou até lá ou por ser uma associação futebolística (esporte nacional).

Antes mesmo da vigência deste Decreto-Lei ter consequências mais severas na Sociedade Ginástica Estrela, um fonograma enviado em 14 de março de 1942 mudaria de vez o rumo desta sociedade. Em um momento em que tudo parecia estar calmo, esta sociedade teve sua direção assumida por membros das entidades fiscalizadoras do município “instruídos pela Delegacia de Ordem Política e Social”. A

justificativa seria que havia “um foco antinacionalista” nesta entidade. Na frase final do fonograma foi confiado que esta diretoria provisória⁴⁴ faria de tudo “para dar prosseguimento à meritória e patriótica obra de combate aos inimigos da querida pátria; tudo pelo Brasil” (SCHINKE, 2007).

Em sua primeira ação na sociedade, esta nova diretoria convocou os membros da diretoria anterior e os sócios em reunião extraordinária já no dia 14 de março de 1942, onde foi comunicada formalmente a destituição da diretoria e que seriam conhecidos os novos membros desta. O presidente então agradeceu a escolha de seu nome e deixou claro que faria o máximo de esforço para desempenhar a missão que lhe foi outorgada. Nem os motivos e nem a missão foram conhecidos naquele ou em qualquer outro dia que viria, pelo menos não na ata oficial desta reunião. Mas fica explícito pelo fonograma que foi uma questão de xenofobia por se tratar de um foco “antinacionalista”, um atentado contra os preceitos de Jahn e do germanismo desta sociedade ginástica (SCHINKE, 2007).

A reunião seguinte, convocada por esta “nova” diretoria seria para tratar da extinção da Sociedade Ginástica Estrela, fundindo este com a Sociedade dos Intrometidos com a justificativa de que a cidade de Estrela não comportava dois grandes clubes. Ora, esta entidade carnavalesca era formada por sócios da Sociedade Ginástica que realizavam os bailes de carnaval (atividade principal desta Sociedade dos Intrometidos) no salão da Sociedade Ginástica Estrela. Esta assembleia, registrada em ata, ocorreu no dia 22 de março de 1942. Com a fusão, então, a denominação passou de Clube Ginástico Estrela para “Clube Comercial Estrela”.

A data de 22 de março de 1942, marca a ruptura da sociedade ginástica com seus preceitos de cultura física e moral, motivados pela identidade etno-cultural teuto-brasileira. Não foi um fechamento total e imediato de suas atividades, somente foi destituída a diretoria que tinha estas características da cultura alemã. Após a fusão, as atividades que “compactuavam com o germanismo” foram questionadas, pois havia marcas da identidade teuto-brasileira, como por exemplo, nos bailes e festas denominadas *kerb*, *Jahnfeier*, entre outras. Com o Brasil tomando partido pelos aliados, em 1942, a maioria das atividades da sociedade cessou, restando

⁴⁴ Diretoria composta por Sady Pontes, José Calvino Reis, Oswaldo Branco Araújo, Edgar Rihl, Nilson Soares, Reinaldo Muller, José O. Belo, Francisco Flores Alvarez, Tulio Barbosa Leal, Arthur Pressler, João Pereira, José Alfredo Arenhardt, Raul Lopres e Francisco Pires Rosa.

somente prática da ginástica, atletismo, bolão e tênis. Curiosamente, o Departamento de Basquetebol, depois de intensa atividade, extinguiu-se em 1940 (SCHINKE, 2007).

Apesar de toda esta transformação na vida da sociedade ginástica, o que mais preocupava o presidente da república no momento era a guerra que estava ocorrendo no mundo. “Até o final de 1941, Vargas tentou manter relações tanto com os Aliados quanto com os países do Eixo, mas após o ataque a Pearl Harbor, em dezembro, o Brasil Ingressou com firmeza no campo Aliado” (LESSER, 2001, p. 235). Em março de 1942, portanto, o governo Vargas rompeu relações diplomáticas com o Japão. “Cinco meses mais tarde, submarinos alemães começaram a afundar navios ao longo da costa brasileira, e assim foi declarada guerra contra Itália e a Alemanha” rompendo relações com o Eixo (LESSER, 2001, p. 237). Esta era a justificativa oficial da tomada de partido do Brasil, porém hoje estes fatos já estão sendo postos em dúvida.

Na reportagem do jornal “O Taquaryense”, datado de 29 de agosto de 1942, foi anunciada a posição do Brasil na Guerra Mundial, assumida a partir do dia 18 daquele mês. Naquela mesma noite, foi realizado um comício na cidade de Taquary, vizinha de Estrela, onde o prefeito e outras autoridades declararam louvores à pátria, convocando a massa popular a cumprir o dever de defesa da mesma. Em seguida, a massa popular caminhou pelas ruas da cidade entoando o hino nacional, canções patrióticas e aclamando o nome do presidente da república, do interventor estadual e outras autoridades (p. 2).

A partir deste momento, as maiores dificuldades de relacionamento, principalmente entre o governo estadual e o empresariado industrial, se estabelecem. A tensão política entre Cordeiro de Farias e as autoridades, com suas preocupações “etnográfico-internacionalistas” de um lado e grande parte do empresariado constituído de descendentes de alemães e italianos do outro. Foi esta tensão que desembocou nos quebra-quebras de indústrias e comércio em agosto de 1942, a maior parte por populares em demonstrações de civismo e patriotismo (GERTZ, 2005, p.50).

Em telegrama enviado pelo gabinete da Interventoria Federal, assinado pelo secretário L. Verney, ao prefeito da cidade de Taquary Nestor Azambuja Guimarães e publicado na íntegra, pelo jornal “O Taquaryense” de 22 de agosto de 1942, o governo faz um apelo aos rio-grandenses. Mesmo abalados pelos atentados, pede

que “se abstenham e evitem a prática de qualquer excesso de exaltação cívica, vindo assim concorrer, anti-patrioticamente, para a destruição de um patrimônio que, embora propriedade de súditos das nações do eixo, já pertence hoje ao Brasil”. Para finalizar, o secretário pede que estas forças e o civismo fossem guardados para período mais tormentoso (p. 2).

Em setembro de 1942, viria a terrível notícia para a Sociedade Ginástica Estrela: seu instrutor de ginástica, Leo Joas, fora demitido. De acordo com a ata de número 10 da sessão de 11 de setembro de 1942, a diretoria foi unânime na demissão do instrutor visto que o país se encontrava em “estado de guerra” e “por se tratar de um alemão nato”. Em função desta demissão e da paralisação de várias sociedades co-irmãs, a ginástica nesta sociedade nunca mais se reergueu ao auge que teve durante os 19 anos de permanência e atuação de Joas. Foi aqui que este mestre da ginástica constituiu família e veio a falecer, fazendo história na ginástica, no atletismo e no teatro.

Neste momento, quando parecia que todas as ações repreensivas tinham terminado, a diretoria decide mudar as cores do clube e, mais do que isso, “fazer mudanças na parte superior da fachada do clube”. Estas mudanças, de acordo com Schinke (2007), provavelmente extinguiram o brasão simbólico da ginástica representado pelos quatro efes envoltas por folhas de carvalho. Além desta ação ao espaço físico, os outros espaços ficaram predestinados ao uso da prefeitura municipal como o campo esportivo. Parece que “a missão” nacionalista referida pela diretoria que se “auto” empossou era a de reduzir ou até acabar com qualquer marca de influência teuto-brasileira nesta entidade. Felizmente, esta marca está representada nas pessoas, nos antigos sócios e membros das diretorias passadas e não nos espaços físicos da mesma.

Neste período de construção da identidade nacional brasileira e, ao mesmo tempo, de perseguição a todo e qualquer aspecto que lembrasse a identidade etno-cultural teuto-brasileira, foram os clubes de futebol que ganharam força, e deram força, aos teuto-brasileiros em Estrela. A organização de clubes futebolísticos de expressão, em torno de dez clubes entre as décadas de 1930 a 1940, em Estrela, Teutônia e Corvo – representados, nesta pesquisa, pelo “Grêmio Esportivo e Recreativo Canabarrense” e pelo “Esporte Clube Estrela” -, teve papel fundamental na resistência dos teuto-brasileiros às ações nacionalistas.

Esta fase esportiva da localidade, fundamentada nos clubes de futebol, foi marcada por estas sociedades representantes dos bairros em maior desenvolvimento na época. Seguindo o exemplo destes, outros clubes menores representando bairros foram criados e para estes clubes foi transferida toda a carga cultural dos teuto-brasileiros, do germanismo. Através dos torneios de futebol de final de semana, continuaram realizando suas festas (*kerb*), reuniões, cantorias (músicas germânicas) e práticas da germanidade que realizavam nas práticas alusivas às tradições germânicas. Assim, preservaram seus costumes ao cultivarem a brasilidade junto com a germanidade por meio do esporte “nacional” de maneira que não fosse completamente visível aos olhos dos interventores (KILPP, 2010).

As associações esportivas teuto-brasileiras tiveram que presidir por novas regras e leis, adquirindo características moldadas pela nação brasileira e perdendo seu germanismo, sua cultura étnica alemã. Assim, tiveram que criar diferentes formas de resistência para manterem os ideais da associação fixados na sua cultura de origem (KILPP, 2012). Isto foi possível com a saída de Cordeiro de Farias em 1943 e a nomeação de Ernesto Dornelles, sinalizando um abrandamento da política de nacionalização (GERTZ, 2005).

Em 1943, no dia 14 de outubro, observamos que o então Clube Comercial de Estrela, antigo Clube Ginástico Estrela, teve um abrandamento na destruição de seu patrimônio germânico, quando em assembleia geral extraordinária, autorizada pelo Delegado de Polícia local, foram discutidos os itens do novo estatuto e aprovadas as emendas pelos sócios presentes. Num segundo momento, deu-se a eleição da nova diretoria⁴⁵.

A nova diretoria estava, portanto, mormente composta por nomes de origem germânica, observando-se neste aspecto que houve um abrandamento nas ações sobre os “súditos do eixo”. Dentre as ações da diretoria estava a propaganda “para o aumento do quadro social”, a elaboração de um Regimento Interno, entrar em entendimento com os credores para pagar os compromissos firmados e acertar com

⁴⁵ Diretoria constituída por Wilimar Schneider (presidente), Ivo Vicente Ruschel (vice), Pércio Armando Mallmann (1º tesoureiro), Gastão Muessnich (2º tesoureiro), Silvio Azambuja, Albino Musskopf, Augusto Frederico Markus (comissão fiscal), Helmuth H. Mallmann (1º secretário), Lauro Diel Ruschel (2º secretário), Carlos Armando Mallmann (diretor social), Lauro R. Mueller (diretor esportivo), Arnaldo E. Ruschel (1º bibliotecário), Helwin Engelmann (2º bibliotecário), Fridolino Búcker (diretor de cancha) e Bayard de Toledo Mércio (orador).

o departamento de tênis a cessão exclusiva da quadra mediante um contrato de arrendamento.

Apesar do nome da sociedade estar registrado como Clube Comercial, depois da pressão do momento, o nome alemão da sociedade – *Turnverein Estrela* – continuava sendo citado. De acordo com o estatuto, somente em 1950 que foi adotada a denominação atual – Sociedade Ginástica Estrela (Art. 1º do Estatuto da Sociedade Ginástica Estrela de 19 de outubro de 2006).

E neste passo de disputa pela manutenção de tradições, de disfarces culturais, de resistências que, no dia 29 de outubro do ano de 1945, houve a queda do presidente Getúlio Vargas. Com o fim do período ditatorial, várias das associações esportivas que tinham sido assoladas ou fecharam suas portas, retomaram gradualmente suas atividades.

A década de 1950 parece ser a época onde as associações esportivas tomam coragem para voltar a vida social. A Sociedade Cultural e Recreativa de Linha Clara retomava suas atividades em 18 de janeiro de 1953, quando ocorreu uma reunião com 55 antigos sócios da sociedade. Em seguida, trataram de reconstruir o estande de tiro e assim foi retomada a competição do Tiro-Rei, que permanece até os dias atuais, sem interrupções (MAGEDANZ, 2004): mais de 100 anos de tradições étnicas e culturais resgatadas dos ancestrais alemães.

O *Sport Club Teutônia* se incorpora ao Grêmio Recreativo Canabarense, clube da cidade de Teutônia que mantinha outros esportes e sede social. Até hoje o clube está em funcionamento com sede em Teutônia, continuando a prática do futebol, porém os outros esportes foram sendo abandonados. Ainda mantém uma cancha de bolão e realiza bailes de *Kerb*, além de incorporar práticas de lazer mais ao estilo de um clube social, com piscinas e quadras de areia.

A Sociedade Ginástica Estrela também continua em atividade, porém sem seu carro chefe, a ginástica, incorporando também os demais esportes e práticas realizados como lazer. Seu espaço físico é destinado ao uso social, como festas e bailes, e seu lazer inclui canchas de bolão, academia de musculação e uma área campestre com piscinas e quiosques para uso dos sócios.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O associativismo esportivo em Estrela foi uma iniciativa dos imigrantes alemães que se instalaram na região. Nos primórdios da fundação das associações, os esportes oferecidos eram o tiro ao alvo, o bolão e a ginástica. Para além das práticas esportivas, nas associações ocorriam reuniões para discutir atividades sociais, como também questões políticas e econômicas. Portanto, nas associações e por meio delas, os teuto-brasileiros preservaram sua identidade etno-cultural exaltando o germanismo e disseminando suas tradições, costumes, idioma e práticas esportivas.

As associações sul-rio-grandenses distinguidas pela identidade etno-cultural teuto-brasileira foram alvo de forte opressão no período da Primeira Guerra Mundial, quando ocorreu a unificação do Estado Alemão. Porém, evidenciou-se que a campanha nacionalista do governo brasileiro no período não atingiu profundamente as associações esportivas, pois algumas se mantiveram em funcionamento e sustentaram o nome original em idioma alemão. Todavia, a *Turnverein Estrela* consentiu a mudança do seu estatuto, que foi redigido em língua portuguesa, com a finalidade de despir a sociedade do seu caráter germânico e, assim, salvaguardar a sobrevivência do clube. Além disso, o idioma vernáculo passou a ser utilizado também nos comandos das sessões de ginástica e nos livros-caixa.

Da mesma forma que a *Turnverein Estrela*, a *Schützenverein* de Linha Clara foi abarcada pelo processo de nacionalização durante a Primeira Guerra Mundial. A sociedade de atiradores prosseguiu com suas atividades sociais e práticas esportivas, contudo em 1920, por força da legislação brasileira que criou os Tiros de Guerra, foi incorporada ao Tiro de Guerra de Teutônia número 648. Ao mesmo tempo foram criados dois Tiros de Guerra na região: Tiro de Guerra número 227 em Estrela e Tiro de Guerra número 300 em Corvo.

No caso das associações de bolão, não foram encontrados registros de ações de abasileiramento no período. Talvez porque a maior parte dos grupos de praticantes não era institucionalizado e não possuía sede fixa, com exceção dos grupos vinculados as sociedades de ginástica e de tiro ao alvo. A prática do bolão que reunia um bom número de pessoas e mantinha costumes de sua origem, já tinha alterado seus comandos e nomenclatura para a língua inglesa, provavelmente pela influência do boliche.

No período entre guerras, a *Turnverein Estrela* retomou as manifestações dos valores germânicos, filiando-se a *Turnerschaft* e contratando por meio desta entidade um mestre de ginástica da Alemanha. Desta forma, os comandos da sessão de ginástica retrocederam para o idioma alemão, como também a redação das correspondências entre as sociedades de ginástica vinculadas a *Turnerschaft* passaram a ser neste idioma. Este retorno às tradições de origem foi em seguida o fim da guerra, o que nos permite concluir que a primeira guerra não gerou ações muito duras, mas sim uma forte pressão contra os teuto-brasileiros, causando-lhes apenas reações de cautela.

O período de coerção mais crítico foi o Estado Novo, quando houve a radicalização das ações sobre as associações teuto-brasileiras. No campo jurídico houve a promulgação de Decretos-Lei, geralmente com teor xenofóbico, ou seja, direcionados aos estrangeiros erradicados no Brasil. As associações esportivas foram atingidas em cheio na sua identidade com o Decreto-Lei nº 383 de 1938. A *Turnverein Estrela* a partir deste ano muda o nome original para Clube Ginástico Estrela, observa-se que a expressão *Turnverein* em alemão foi substituída pelo termo “clube” em língua portuguesa. A *Schützenverein*, por exemplo, foi hostilizada e teve seu arquivo queimado o que desencadeou sua desativação por 15 anos, de 1938 a 1953.

No marco regulatório do esporte, durante a Segunda Guerra Mundial, foi aprovado o Decreto Lei nº 3.199 de 1941, que ao buscar regulamentar o esporte no país permite o controle e fiscalização das associações teuto-brasileiras. Em um cenário de conflito identitário, algumas associações sofreram com depredações, saques, queima de acervos e até mesmo cassação do direito de funcionamento. Os Tiros de Guerra foram fechados.

Foi um período difícil para o associativismo teuto-brasileiro, no qual coexistiam ações de abasileiramento e estratégias de aversão a tal imposição. Nessa conjuntura emerge uma reconfiguração da identidade etno-cultural esportiva dos teuto-brasileiros por meio da incorporação de esportes, que não faziam parte da tradição germânica. Nesta perspectiva, os esportes coletivos de origem anglo-saxônica como o basquetebol e o voleibol passam a integrar as práticas do Clube Ginástico Estrela. Todavia, isto não abalou a cultura esportiva das associações que tradicionalmente ofereciam esportes identificados com os teuto-brasileiros. O basquetebol e o voleibol foram efêmeros na localidade.

No caso do futebol, presente desde o início da década de 1930, proporcionou a organização de novas associações, mas não significou uma ruptura com as antigas práticas esportivas, que permaneceram. As associações de futebol não tiveram problemas em se adequar ao Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, e permaneceram ativas durante o período de guerra e do Estado Novo. Inclusive, algumas delas mantem-se em funcionamento até hoje.

Os campeonatos de futebol, assim como as disputas de tiro ao alvo, bolão e ginástica se constituíram em uma forma de cultuar o germanismo, porém agregando novos elementos culturais. Além disso, as funções culturais foram salvaguardadas com o foco assumido sobre as práticas esportivas. As associações esportivas desempenharam um papel fundamental neste processo de perpetuação das práticas esportivas e de produção de outras representações culturais.

Diferentemente das associações de futebol, a sociedade de ginástica, a Sociedade Ginástica Estrela resistiu às mudanças das novas legislações impostas. Em razão disto, no ano de 1942, foi assumida pelas autoridades nacionalistas com a justificativa de ter um foco nacionalista na direção da sociedade. Isto, provavelmente, se deve às ações em prol do germanismo sempre cultivadas pelo sócio-fundador e presidente, por diversos mandatos, Alberto Dexheimer. Mesmo ele não estando no cargo de presidente no momento da tomada da sociedade, foi ele que guiou a sociedade. A ocupação durou somente até 1943, pois, no Rio Grande do Sul, o interventor Oswaldo Cordeiro de Farias demitiu-se, assumindo em seu lugar Ernesto Dornelles, que abrandou a campanha nacionalista no Estado.

Com o fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial em 1945, percebe-se que nas associações teuto-brasileiras os novos esportes dominaram as práticas em substituição ao *Turnen*. A atualmente chamada Sociedade Ginástica Estrela (SOGES), por exemplo, além do basquetebol e voleibol introduziu o futebol. Estas mudanças revelam a integração das associações teuto-brasileiras ao processo de abasileiramento. Neste caminho, as associações de atiradores e os grupos de bolão também passaram pela recomposição de suas identidades culturais, incorporando elementos da cultura brasileira, mas permanecendo distintos.

8 REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BERGESCH, Herbert. **As escolas do passado**. Colinas: o autor [s.d.].

_____. **A virada do Milênio: História e Memória do Colinense Herbert Bergesch**. Colinas: o autor, 2000.

BOUDON, Raymond. **Dicionário de Sociologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DA CUNHA, Jorge L. A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais. In: _____; GÄRTNER, Angelika (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria: Ed UFSM, 2003.

DIEL, Arnaldo. **Revista Jubileu Diamante Estrela**. Livro comemorativo dos 75 anos do município de Estrela. Estrela, 1951.

FLORES, Hilda. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

GANS, Magda Rosvita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1996.

GAYA, Adroaldo. **Ciências do Movimento Humano: Introdução à metodologia da pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GERTZ, René. Fascismo à brasileira. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, p. 28 – 31, maio 2007.

_____. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005.

_____. A construção de uma cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os Alemães no Sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 29 – 40.

_____. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

_____. O integralismo na zona colonial alemã. In: LANDO, Aldair M; BARROS, Eliane C. **Rio Grande do Sul: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

HESSEL, Lothar. **O Município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: EST edições, 2004.

KILPP, Cecília; MAZO, Janice ; ASSMANN, Alice. O abraqueiramento das associações esportivas de Teutônia/Estrela no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (impresso). v. 26, n. 1, p. 77 – 85, jan/mar 2012.

_____. Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia, no Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan/abr, 2010.

_____. **Kriegerverein: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações esportivas de Teutônia/Estrela (1874-1950)**. 2008. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2008.

KRÜGER, Michael. Turnen na Alemanha – do movimento nacional de uma cultura física e motora ao moderno movimento do esporte de lazer. In: TESCHE, Leomar (Org). **Turnen: transformações de uma cultura corporal européia na América**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 15 – 50.

LANDO, Aldair; BARROS, Eliane. Capitalismo e colonização - os alemães no RS. In: _____ (Org). **Rio Grande do Sul: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LANG, Guido. **As sombras do passado**. Campo Bom: Ipanema, 2005.

_____. **Colônia Teutônia: história e crônica (1898-1908)**. Novo Hamburgo: Gráfica Sinodal, 1995.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LUCA, Tânia R. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, Marionilde. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MAGEDANZ, Ariberto. **Linha Clara, Teutônia e os 180 anos da imigração alemã no RS**. Teutônia: o autor, 2004.

MARTINS, Jefferson T. Olavo Bilac e a campanha nacionalista no Rio Grande do Sul (Parte 1). In: **Revista história e-história**. São Paulo: UNICAMP, 2010. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=338>

MAZO, Janice. **Banco de Dados das Associações Esportivas e de Educação Física de Porto Alegre (1867-1945)**. 1. ed. Novo Hamburgo/RS: FEEVALE, 2010. v. 1.

_____. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Universidade do Porto (UP). Porto, 2003.

MEYER, Dagmar E. E. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.

MÜLLER, Telmo Lauro. Imigração e colonização alemã. In: Simpósio Paese Natio - Zweit Heimat/Terra Natal - Terra Nova: o futuro das tradições italiana e alemã no Rio Grande do Sul. **Anais...** Porto Alegre: Instituto Goethe, 2002.

OLIVEIRA, Paulo. **A imigração alemã e a introdução do Punhobol no RS.** Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento). Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 1987.

OLIVEIRA, Ryan. Etnicidade e poder: a construção da cidadania entre os colonos de origem alemã e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1824-1889). In: XXIV Simpósio Nacional de História. **Anais...** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2007.

PELLON, Anibal M. **Dicionário da Legislação desportiva brasileira.** Rio de Janeiro, 1973.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PICCOLO, Helga I.L. O sistema político imperial e a colonização alemã no Rio Grande do Sul. In: MÜLLER, Telmo L. **Imigração e Colonização Alemã.** Porto Alegre/RS: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

PILATTI, Luiz. O efeito de trava de um *habitus*: anotações sobre o papel da Lei da Nacionalização no esvaecer do *habitus* esportivo do imigrante alemão no estado do Paraná. In: PILATTI, Luiz; GEBARA, Ademir. (org). **Ensaios sobre história e sociologia nos esportes.** Jundiaí/SP: Fontoura Editora, 2006.

PIMENTEL, Écliton S.; MEZZADRI, Fernando M. O Estado Novo e a concepção de esporte no Decreto Lei 3199 de 1941. In: XXIV Simpósio Nacional de História. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RAHMEIER, Andréa H. P. Alemanha e Brasil: as relações diplomáticas em 1938. In: IX Encontro Estadual de História. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

RAMBO, Arthur B. **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824 - 1924**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999. (trad.).

RAMOS, Eloísa. **O teatro da sociabilidade**: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras – São Leopoldo 1858-1930. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2000.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, João A. G. dos. Identidade étnica teuto-rio-grandense: análise comparativa entre Porto Alegre, Santa Cruz do Sul e Santa Maria do Herval. In: DA CUNHA, Jorge L; GÄRTNER, Angelika (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

SCHIERHOLT, José. **Estrela: Ontem e Hoje**. 2. ed. Lajeado: o autor, 2002.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os Alemães no Sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

SILVA, Haike. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**. São Leopoldo: Oikos, 2006.

_____. **Sogipa: uma trajetória de 130 anos**. Publicação comemorativa. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados Ltda., 1997.

SILVA, Luis Henrique R. **A chama que arde em nossos clubes**: a corrida de revezamento do fogo simbólico da pátria em Porto Alegre (1938 – 1947). Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

SOMMER, Arno. **Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela: décadas de 20 e 30**. São Leopoldo: Rotermond, 1984. 1. Ed.

TESCHE, Leomar. Turnen: um símbolo identitário no Brasil. In: _____. (Org). **Turnen: transformações de uma cultura corporal européia na América**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 81 – 108.

_____. **O Turnen, a Educação e a Educação Física nas escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul (1852-1940)**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2001.

_____. **A prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no RS: 1867-1942**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1996.

TOTH, Eugenio; DINIZ, Achylles Guerra. **Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela**. Estrela: 1926 (bilingüe português/alemão).

VOGT, Olgário. Germanismo e nacionalização em Santa Cruz do Sul, RS. In: **Revista Ágora: Migração e identidade**. v. 7, n.2. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2003.

WAINBERG, Jacques A. Políticas de imigração: o preconceito racial e homogeneização cultural. **Revista Porto & Vírgula**. Porto Alegre, n. 26, 1996.

ZIERER, Otto. **Pequena história das grandes nações: Alemanha**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

Documentos dos acervos

ESTRELA FUTEBOL CLUBE. **Atas de Assembléia Geral**. Estrela, 1937 a 1945.

MÜSSNICH, Affonso M. **Relato da Assembléia da Federação Alemã de Ginástica**. São Leopoldo, 6 de dezembro de 1921.

SCHINKE, Werner H.E. **Retrospectivas: 100 anos da SOGES**. Livro comemorativo. Estrela: SOGES, 2007 (edição única).

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Relatório da diretoria sobre a história do Turnverein Estrela.** Estrela, 17 de agosto de 1928.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Carta escrita por George Black enviada para a Turnverein Estrela.** Estrela, 25 de julho de 1931.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Ofício de convocação pela Liga de Defesa Nacional para as festividades da Semana da Pátria do ano de 1938.** Estrela, 31 de agosto de 1938.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Pedido de informações pela Diretoria Geral de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul.** Estrela, 11 de março de 1939.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Ofício remetido pela Diretoria Geral de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul.** Estrela, 13 de março de 1939.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Atas de Assembléia Geral Ordinária.** Estrela, de 1936 a 1945.

SOCIEDADE DE GINÁSTICA ESTRELA. **Estatuto da Sociedade Ginástica Estrela.** Estrela: 2006.

Jornais (ordem cronológica)

S/A. O Dia da Bandeira. **O Paladino.** Estrela, 27 nov 1921, p.1.

S/A. Festival de 15 de novembro. **O Paladino.** Estrela, 19 nov 1921, p.2.

S/A. Festa em Roca Sales. **O Paladino.** Estrela, 04 jun 1922, p.2.

S/A. Hymno da Independencia. **O Paladino.** Estrela, 23 jul 1922, p.1.

S/A. Club Gut – Holz. **O Paladino.** Estrela, 15 out 1922, p. 1.

S/A. **O Paladino.** Estrela, 22 fev 1930, p. 1.

S/A. Basquete. **O Paladino.** Estrela, 15 out 1932. p. 1.

S/A. **O Paladino**. Estrela, 02 mar 1932. p. 2.

S/A. Ação Integralista Brasileira. **O Paladino**. Estrela, 28 mar 1936. p. 1.

S/A. Sociedade Ginástica. **O Paladino**. Estrela, 10 out 1936, p.2.

S/A. Importação da Alemanha. **O Paladino**. Estrela, 13 fev 1937, p. 3.

S/A. O que os brasileiros devem saber. **O Paladino**. Estrela, 13 mar 1937, p. 1.

FORNARI, Ernani. O que os brasileiros devem saber. **O Paladino**. Estrela, 13 mar 1937, p. 1.

S/A. Sociedade Ginástica: Realizou-se com excepcional brilhantismo a festa comemorativa do 30º aniversário da veterana Sociedade local. **O Paladino**. Estrela, 05 jun 1937, p. 2.

BERLESE, Caetano Rossi. O Estado Novo e o Chefe Nacional. **O Paladino**. Estrela, 11 dez 1937, p. 1.

S/A. Dissolvidos, por decreto do presidente da República, todos os partidos políticos. **O Paladino**. Estrela, 11 dez 1937, p. 1.

S/A. "Oração á Bandeira". **O Paladino**. Estrela, 1º jan 1938, p. 2.

S/A. Sociedade Ginástica/Turnverein Estrela. **O Paladino**. 5 mar 1938, p. 2.

S/A. **O Paladino**. 5 mar 1938, p. 2.

S/A. Inauguração do retrato do Presidente da República. **O Paladino**. Estrela, 2 abr 1938, p. 1.

SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DA POLÍCIA DO RIO. 10 de novembro e o poder da polícia. **O Paladino**. Estrela, 30 de abr 1938, p.1.

SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DA POLÍCIA DO RIO. 10 de novembro e o estrangeiro no Brasil. **O Paladino**. Estrela, 30 de abr 1938, p.1.

S/A. Significativa homenagem ao Chefe da Nação – A 11 do corrente foi solenemente inaugurado o retrato de S.Excia. o Dr. Getúlio Vargas, na Coletoria Federal deste município. **O Paladino**. Estrela, 23 jul 1938, p. 1.

S/A. Edição Especial: Semana da Pátria. **O Paladino**. Estrela, 29 ago 1938, p. 1 – 10.

S/A. Departamento de Cestobol do Clube Ginástico Estrela. **O Paladino**. Estrela, 31 dez 1938, p. 2.

BIZARRO, Cláudio Heitor. Delegacia de Polícia: registro de estrangeiros. **O Taquaryense**. Taquari, 7 fev 1939, p. 2.

SERRA, Geraldo N. Nacionalizemos o Brasil (cópia da União Jornalística Brasileira para O Taquaryense). **O Taquaryense**. Taquary, 25 mar 1939, p. 1.

S/A. A visita de S. Excia. o Sr. Interventor Federal. **O Paladino**. Estrela, 22 jul 1939, p. 3

BIZARRO, Cláudio Heitor. A neutralidade do Brasil. **O Taquaryense**. Taquary, 9 set 1939, p. 2.

PY, Aurélio da Silva. Somente o idioma nacional será usado no púlpito das igrejas. **O Paladino**. Estrela, 11 nov 1939, p. 2.

S/A. Fiscalização Federal. **O Paladino**. Estrela, 6 dez 1941, p. 2.

S/A. Proibida a publicação de periódicos em língua estrangeira. **O Taquaryense**. Taquary, 15 fev 1941, p. 2.

S/A. Mais um atentado nazista contra o Brasil. **O Taquaryense**. Taquary, 22 ago 1942, p. 2.

S/A. O Brasil, repelindo a agressão das potências totalitárias – Alemanha e Itália – está desde o dia 21 do corrente, em estado de guerra com aquelas nações. **O Taquaryense**. Taquary, 29 ago 1942, p. 2.